



ANEXO III DA RESOLUÇÃO COMPLEMENTAR CONSEPE/UNILAB Nº 2, DE 16 DE JULHO DE 2021.

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE TRABALHO PARA O PERÍODO 2023.1
(Preencher conforme a norma prevista na Resolução Complementar Consepe/Unilab Nº 2, de 16 de julho de 2021)

Docente: EDUARDO GOMES MACHADO	Nº SIAPE 1325939
---------------------------------------	--------------------------------

GRUPO I: ATIVIDADES DE ENSINO

1. ENSINO DE GRADUAÇÃO

Código	Disciplina (não incluir as disciplinas de orientação de monografia)	Horas semanais	Subtotal (x2)
CCLS0021	Movimentos sociais e educação	6	20
BHU1038	Oficina de Metodologia I	4	

2. ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU E LATO SENSU

Código	Disciplina	Horas semanais	Subtotal (x2)

3. ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE ENSINO (PIBID, PET, Monitoria e Pulsar)

Tipo *	Programa	Nome do orientando (caso se aplique)	Horas semanais	Subtotal
O	PBM	Eduardo Yamina Agostinho	12	01

*T - tutoria; C - coordenação; O - orientação

GRUPO II: ATIVIDADES DE PESQUISA

4. ORIENTAÇÃO (Monografias)

Situação *	Nome do Orientando	Horas semanais	Subtotal

*A - em andamento; C - concluído; D - paralisado; E - cancelado

5. ORIENTAÇÃO (Dissertações e Teses)

Nível *	Tipo **	Situação ***	Nome do orientando e do programa	Horas semanais	Subtotal

*O - orientador; C - coorientador

**S - stricto sensu; L - lato sensu

***A - em andamento; C - concluído; D - paralisado; E - cancelado

6. ORIENTAÇÃO (Iniciação científica ou tecnológica)

Tipo *	Situação **	Nome do orientando	Horas semanais	Subtotal
IC	A	FRANCISCO CLIMÉRIO LIMA DA SILVA	2	8
IC	A	JOSÉ LEANDRO VIEIRA DE LIMA	2	
IC	A	CLARA DE ASSIS FREITAS DA SILVA	2	
IT	A	NATHYELLY ARAUJO DOS SANTOS	2	

*IC - iniciação científica; IT - iniciação tecnológica;

**A - em andamento; C - concluído; D - paralisado; E – cancelado

7. PROGRAMAS E PROJETOS DE PESQUISA

Tipo *	Data de Aprovação	Título	Horas semanais	Subtotal
CD	01/09/2023	<i>Cozinhas comunitárias como tecnologias sociais: uma análise a partir do Grande Bom Jardim, Fortaleza, Ceará</i>	4	8
CD	01/10/2023	<i>Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará</i>	4	

*CD - coordenador; CL - colaborador

GRUPO III: ATIVIDADES DE EXTENSÃO

8. PROGRAMAS E PROJETOS DE EXTENSÃO

Tipo *	Data de Aprovação	Título	Horas semanais	Subtotal
CD	02/01/2023	Diálogos urbanos, direito à cidade e justiça social	4	6
CD	02/01/2024	Diálogos urbanos, democracia e movimentos sociais (nona edição)	4	
Orientação Bolsista	02/01/2023	Moisés Tavares Cá (Diálogos urbanos, direito à cidade e justiça social)	2	

*CD - coordenador; CL - colaborador

GRUPO IV: FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS, ASSESSORIA E COMISSÕES

9. ADMINISTRAÇÃO E ASSESSORIA SUPERIOR

Nº da Portaria	Data	Cargo ou função	Horas semanais	Subtotal

GRUPO V: PRODUÇÃO CIENTÍFICA, CULTURAL E INOVAÇÃO

10. LIVROS E ARTIGOS PUBLICADOS

Tipo*	Título	Pontuação
A1	MACHADO, EDUARDO GOMES ; SILVA, REGINA BALBINO DA ; SILVA, STEFANIA MARIA FRANCOLINO DA ; FREITAS, MARIA VALDELIA CARLOS CHAGAS DE ; ALMEIDA, Adriano Paulino de . Extensão e enfrentamento à Covid-19 no Brasil: experiências em pequenas cidades e em uma metrópole. Revista de Extensão, v. 20, p. 61-82, 2023.	
A1	MACHADO, Eduardo Gomes Machado; NASCIMENTO, Ricardo César Carvalho; IMPANTA, Iadira Antonio. Um campo universitário-urbano no nordeste brasileiro: o caso da UNILAB . Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior Campinas; Sorocaba, SP v. 28 e023010 2023.	
A1	Delfino da Silva, A. G., & Gomes Machado, E. (2023). Estudantes da Guiné-Bissau em Portugal – ISCSP-ULISBOA: : Motivações, desafios cotidianos, redes de sociabilidade e perspectivas futuras . EduSer, 15(1). https://doi.org/10.34620/eduser.v15i1.237	

* Li - Livro; A1 - Artigo A1-B1; A2 - Artigo B2-B5

11. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

Tipo*	Título	Pontuação

* EL – Apresentação em Evento local; ER - Apresentação em Evento Regional; EN – Apresentação em Evento Nacional; EI – Apresentação em Evento Internacional; PA – Palestra;

12. PRODUÇÃO CULTURAL

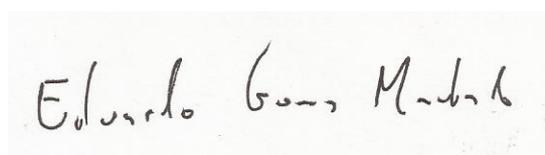
Descrição	Título	Pontuação

13. INOVAÇÃO

Descrição	Título	Pontuação

CARGA HORÁRIA SEMANAL TOTAL:	40	horas
-------------------------------------	----	-------

Data: 20/12/2023



Assinatura do Docente

EMITIDO EM 20/12/2023 13:25

DECLARAÇÃO DE DISCIPLINAS MINISTRADAS

Declaramos para os devidos fins que o Docente EDUARDO GOMES MACHADO, Matrícula SIAPE de número 1325939, ministrou nesta instituição os seguintes componentes curriculares, em seus respectivos períodos letivos:

2015.1	Nível
TEORIA SOCIOLOGICA II - 40h	GRADUAÇÃO
2015.3	Nível
SOCIOLOGIA I - 40h	GRADUAÇÃO
2016.1	Nível
TEORIA SOCIOLOGICA II - 60h	GRADUAÇÃO
2016.2	Nível
TEORIA SOCIOLOGICA II - 60h	GRADUAÇÃO
2017.2	Nível
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
TÓPICOS EM SOCIOLOGIA URBANA - 30h	GRADUAÇÃO
2018.1	Nível
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO - 20h	GRADUAÇÃO
TÓPICOS EM SOCIOLOGIA URBANA - 30h	GRADUAÇÃO
2018.2	Nível
TÓPICOS EM SOCIOLOGIA URBANA - 60h	GRADUAÇÃO
2019.2	Nível
SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO - 60h	GRADUAÇÃO
2020.1	Nível
METODOLOGIA DA PESQUISA EM SOCIOLOGIA I - 90h	GRADUAÇÃO
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
2020.2	Nível
EXPERIÊNCIA, PRÁTICA E SIGNIFICADO - 60h	GRADUAÇÃO
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
2020.3	Nível
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
2021.1	Nível
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
2021.2	Nível
EXPERIÊNCIA, PRÁTICA E SIGNIFICADO - 60h	GRADUAÇÃO
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
2022.1	Nível
OFICINA DE METODOLOGIA I - 60h	GRADUAÇÃO
2022.2	Nível
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
2023.1	Nível
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - 90h	GRADUAÇÃO
OFICINA DE METODOLOGIA I - 60h	GRADUAÇÃO

20 de Dezembro de 2023

Código de Verificação:
6b4485270c

Para verificar a autenticidade deste documento acesse
http://sigaa.unilab.edu.br/sigaa/public/autenticidade/tipo_documento.jsf, informando a Matrícula do
SIAPE , data de emissão do documento e o código de verificação.

SIGAA | Diretoria de Tecnologia da Informação - - | Copyright © 2006-2023 - UNILAB - sigaa2.sigaa2

EDUARDO GOMES MACHADO [Alterar vínculo](#)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (10.17)

PORTAL DO DOCENTE > MINHAS AÇÕES DE EXTENSÃO

Caro Usuário,

Abaixo são apresentadas três listagens:

- A primeira se refere às atividades de extensão com cadastro em andamento que ainda não foram submetidas para avaliação dos departamentos.
- A segunda listagem são todas as ações de extensão que você coordena.
- A terceira listagem são todas as ações de extensão que você participa.

Para gerenciar todas as operações referentes às inscrições para essas atividades, utilize esta opção:

[Gerenciar Inscrições](#)

Importante: Apenas atividades com cadastro em andamento podem ter seus dados alterados. Então certifique-se que todos os dados da atividade estão corretos, antes de enviar essa atividade para a avaliação do departamento responsável.

 [Continuar Cadastro](#)  [Remover](#)  [Visualizar](#)  [Versão para Impressão](#)

LISTA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO PENDENTES DE ENVIO

Código	Título	Tipo Ação	Situação	
PSxxx-2023	Fortalecimento da Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim	PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS (PROPOSTA)	CADASTRO EM ANDAMENTO	   

 [Visualizar Menu](#)

LISTA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO QUE COORDENO (9)

Código	Título	Tipo	Situação	
PJxxx-2024	Diálogos urbanos, democracia e movimentos sociais (nona edição)	PROJETO	AGUARDANDO AVALIAÇÃO	
PSxxx-2023	Fortalecimento da Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim	PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	CADASTRO EM ANDAMENTO	
PJ029-2023	Diálogos urbanos, direito à cidade e justiça social (oitava edição)	PROJETO	EM EXECUÇÃO	
CR007-2023	Racismo estrutural e democracia: a busca pela superação do racismo na escola	CURSO	EM EXECUÇÃO	
PJ066-2022	Diálogos urbanos, juventudes e educação	PROJETO	CONCLUÍDA	
PJ148-2021	Diálogos Urbanos: justiça socioespacial, direito à cidade e democracia	PROJETO	CONCLUÍDA	
CR010-2021	DEFENSORES POPULARES DE DIREITOS HUMANOS	CURSO	CONCLUÍDA	
EV014-2021	GUINÉ-BISSAU PÓS-INDEPENDÊNCIA: DESAFIOS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES (COMEMORAÇÃO DE 48º ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ-BISSAU – 2021)	EVENTO	CONCLUÍDA	
PJ020-2021	Agentes populares de saúde em áreas vulneráveis na cidade de Redenção, Ceará	PROJETO	REGISTRO APROVADO	

 [Visualizar Menu](#)

LISTA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DAS QUAIS PARTICIPO (1)

Código	Título	Tipo	Situação	
PJ147-2021	Dialogando na escola Coordenador: JOANA ELISA RÖWER	PROJETO	CONCLUÍDA	

[Portal do Docente](#)

A city-university field in Northeastern Brazil: UNILAB's case

Um campo universitário-urbano no nordeste brasileiro: o caso da UNILAB

Un campo urbano-universitario en el noreste de Brasil: el caso de UNILAB

Eduardo Gomes Machado - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira | Redenção | Ceará | Brasil. E-mail: eduardomachado@unilab.edu.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9321-6745>

Ricardo César Carvalho Nascimento – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira | Redenção | Ceará | Brasil. E-mail: ricardonascimento@unilab.edu.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5000-4649>

Iadira Antonio Impanta – Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: yadiraimpanta@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6503-5923>

Abstract: This paper initially presents and operates an analytical framework that allows us to critically analyze daily situations experienced in a university, not only formal or academic, *stricto sensu* situations. This framework is composed by the idea of the city-university field, social provisions, disturbances and problematic situations, the daily life and the experiences, the subfields and incumbents/insurgents. This analytical framework is constituted based on a public federal university, which has been deurbanized and internationalized and is located in small cities in the countryside of Northeastern Brazil. This university is deeply characterized by social diversity, including hundreds of students from African countries. Data was gathered, built, systematized and analyzed based on daily life immersion in the field, focusing on the impacts of implementation of the university in small cities, specially considering the challenges faced by students. Among the methodological resources used, it is important to point out the participant observation, documental analysis, questionnaires, statements and interviews. We conclude that the city-university field aggregates different agents, with subfields, incumbents/insurgents, cognitive schemes and shared meanings, as well as singular ways different agents deal with problematic situations. Besides, we evidence a conflictual centrality in the daily life dynamics, the presence of two cycles between 2011 and 2019 and the existence of persistent tensions between hegemonies and subalternities that are recreated. We understand, this, that this paper positively affects the studies and analyses on higher education and, more specifically, on universities in Brazil.

Keywords: university; youths; internationalization; Higher Education; city.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772023000100012>

Resumo: Este artigo apresenta e opera preliminarmente um arcabouço analítico que fundamenta uma análise crítica das situações cotidianas vivenciadas em uma universidade, situações não somente formais ou acadêmicas, *stricto sensu*. Compõem esse arcabouço a ideia do campo universitário-urbano, as disposições sociais, os distúrbios e as situações problemáticas, o cotidiano e as experiências, os subcampos e polos. Esse arcabouço analítico está sendo constituído a partir de uma universidade federal pública, interiorizada e internacionalizada, sediada em pequenas cidades interioranas no nordeste do Brasil. Uma universidade profundamente marcada pela diversidade social, inclusos centenas de estudantes que são originários de países africanos. Os dados foram coletados, construídos, sistematizados e analisados a partir da imersão cotidiana no campo, com foco nos impactos da implantação da universidade em pequenas cidades, considerando particularmente os desafios enfrentados pelos discentes. Dentre os recursos metodológicos utilizados, cabe indicar a observação participante, a análise documental, questionários, depoimentos e entrevistas. Conclui-se que o campo universitário-urbano agrega agentes variados, com subcampos, polos esquemas cognitivos e sentidos partilhados, bem como formas singulares dos diferentes agentes lidarem com as situações problemáticas. Além disso, evidencia-se uma centralidade conflitual na dinâmica cotidiana, a presença de dois ciclos entre 2011 e 2019 e a existência de tensões persistentes entre hegemonias e subalternidades que se recriam. Entende-se, assim, que o artigo impacta positivamente os estudos e as análises sobre a educação superior, e, particularmente, sobre as universidades no Brasil.

Palavras-chave: universidade; juventudes; internacionalização; educação superior; urbano.

Resumen: Este artículo presenta y opera preliminarmente un marco analítico que fundamenta un análisis crítico de situaciones cotidianas vividas en una universidad, situaciones que no son sólo formales o académicas, *stricto sensu*. Este entramado comprende la idea de campo universitario-urbano, disposiciones sociales, perturbaciones y situaciones problemáticas, cotidianidad y vivencias, subcampos y polos. Este marco analítico se está constituyendo a partir de una universidad pública federal, interiorizada e internacionalizada, con sede en pequeñas ciudades del interior del nordeste de Brasil. Una universidad profundamente marcada por la diversidad social, que incluye a cientos de estudiantes que provienen de países africanos. Los datos fueron recolectados, construidos, sistematizados y analizados a partir de la inmersión diaria en el campo, enfocándose en los impactos de la implementación de la universidad en las pequeñas localidades, particularmente considerando los desafíos que enfrentan los estudiantes. Entre los recursos metodológicos utilizados, cabe mencionar la observación participante, el análisis de documentos, cuestionarios, testimonios y entrevistas. Se concluye que el campo universitario-urbano agrega agentes variados, con subcampos, polos de esquemas cognitivos y significados compartidos, así como formas únicas para que los diferentes agentes aborden situaciones problemáticas. Además, se evidencia una centralidad conflitual en las dinámicas cotidianas, la presencia de dos ciclos entre 2011 y 2019 y la existencia de tensiones persistentes entre hegemonías y subalternidades que se recrean. Se entiende, por lo tanto, que el artículo tiene un impacto positivo en los estudios y análisis sobre la educación superior, y particularmente sobre las universidades en Brasil.

Palabras clave: universidad; jóvenes; internacionalización; educación universitaria; urbano.

1 Introduction

Between 2003 and 2016, there was an expansion of institutions, *campi*, courses and vacancies offered in higher education in Brazil, with emphasis on the expansion of universities and federal institutes of education, science and technology. From this expansion, the country arrives in 2019 with 63 public federal universities in activity and 6 in implementation. In this sense, Lima *et al.* (2021, p. 20) point out:

The resurgence of public and free higher education in the country occurred predominantly during the governments of presidents Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) and Dilma Rousseff (2011-2016). Convinced that elitist access to university institutions is one of the forms of social exclusion, both governments mobilize to create the right conditions for 30% of young people aged between 18 and 24 to attend higher education, a target set out in the National Plan for Education (BRASIL, 2001).

This expansion of higher education increased the number of black and brown undergraduate students in universities, increasing their presence from 160,527 in 2003 to 613,826 in 2018 (ANDIFES, 2019), with undergraduate students blacks – blacks and browns – and indigenous people making up 61.1% of the total, as indicated by the Census of Students of Federal Universities. There was also an increase in students from low-income families. Since 2003, 42.8% of students belonged to families that had an income of up to 1.5 minimum wages per capita; in 2018, this contingent reached 70.2 % of the total (ANDIFES, 2019). Also in 2003, 37.5% of students had attended high school exclusively in public schools, while in 2018 this percentage included 60.4% (ANDIFES, 2019). The female presence in universities also increased, with the percentage of women reaching 54.6% in 2018 (ANDIFES, 2019).

In this context, of the 63 universities implemented in Brazil, two have an international character, both created in 2010. The University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (UNILAB), which focuses on international cooperation with the African countries of the Community of African Portuguese Language (CPLP), and the Federal University of Latin American Integration (UNILA), focused on Latin America, particularly MERCOSUR countries (UNILA, 2020).

Located in Ceará, in two small towns, Redenção and Acarape, approximately 60 km from the state capital, Fortaleza, UNILAB (2020, emphasis in the original) is dedicated “to international cooperation and committed to interculturality, citizenship, and democracy in societies”, emphasizing the “academic and solidary exchange with **Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, Portugal, São Tomé and Príncipe and Timor-Leste**”. Fortaleza, with an estimated population of 2.7 million people (IBGE, 2019), is one of the most populous cities in the country. UNILAB also has a *campus* in Bahia, in São Francisco do Conde. Its creation, expanding access to higher education, was part of the priority given by the Lula and Dilma governments to Brazil-

Africa relations, in the context of solidary south-south cooperation (SPELLER, 2021), and to policies to promote racial equality in Brazil, considering the struggles and agendas of a varied set of social agents, including the black movement (GALA, 2021).

At UNILAB, the presence of popular segments, women, blacks and indigenous peoples is even more pronounced, making it possible to speak of a university marked by historical pluralism and inter-historicity (SEGATO, 2012). Just to illustrate, 82.8% of on-campus undergraduate students in Ceará declare themselves black – black and brown – and indigenous (UNILAB, 2019). In 2019, there are, at UNILAB in Ceará, 3894 on-site undergraduate students (UNILAB, 2019), with 3016 Brazilians, including 125 indigenous people or quilombolas, 12 Timorese, and 866 Africans – with 223 Angolans, 53 Cape Verdeans, 507 Guineans, 35 Mozambicans and 48 are from Tome (UNILAB, 2019).

To understand the intensity of the presence of African students – from the countries mentioned above – and Timorese at UNILAB, it should be noted that, between 2011 and the first half of 2019, when the Student Agreement Program – Graduation (PEC-G)¹ selected 1632 students across the country, UNILAB received 2124 students (MINISTRY OF FOREIGN RELATIONS, 2019; UNILAB, 2019). Therefore, UNILAB welcomed, considering the entry of these nationalities through the PEC-G, more foreign students than all other Brazilian universities combined. It is not by chance that Timbane (2020, p. 33, our translation) points out:

UNILAB is a rich institution from the point of view of culture, languages, and versatile pedagogical practices, as teachers adapt (at all times) their methodologies to serve students from different cultures, with different initial training and different languages.

In this context, our extension and research group has been developing extension and research actions since 2015, focusing on the analysis of the urban impacts of the implementation of UNILAB in both cities and on how students experience academic and urban daily life.

From these actions, and considering that we are professors/graduates of the institution, Brazilians and Guineans, we have experienced the university-urban routine with great intensity in recent years, perceiving its density and complexity. Gradually, our work required the incorporation of theoretical and methodological references and the collection/production, systematization, and analysis of empirical data.

¹ Started in 1965, PEC-G is the largest program for accessing international students to Brazilian universities.

More directly, we need to constitute and incorporate categories, strategies, and methodologies for action and investigation. Thus, this article presents theoretical-empirical vectors that form an analytical framework under construction, which – it is intended – will underlie the deepening and development of interventions, investigations, and analyses. Thus, we systematize and present reflections and theoretical-empirical constructions that can support the Group's performance, considering and articulating multiple scales – nano, micro, meso, macro – that cross and constitute the university and the urban environment.

By sharing analytical findings and recording memories of everyday life, we seek to foster a deeper understanding of a dense and complex institution such as an internalized and internationalized university. In this sense, we understand that the findings and theoretical-empirical issues presented here can generate insights and substantiate/instigate analyses in which everyday situations and experiences on a micro and nanoscale acquire analytical relevance, without neglecting trans-scalar articulations, including being applied in other objects of investigation.

The article is based on secondary and primary data, articulating methodologies that integrate an ethnographic bias influenced by social cartography, as well as the analysis of documents and the implementation of conversation circles, exchanges, questionnaires, interviews, and *sketches*. It should be noted, however, that, although it presents data collected in campus diaries and, in general, arising from the author's own immersion in the campus, this article is not about accentuating the ethnographic bias, in which the dense description of concrete situations and a multiplicity of speeches would compose the narrative developed here².

The work is structured, in addition to the Introduction and Final Considerations, into four topics. The first theoretically and empirically discusses the university-urban campus and sub-campus; the second adds a neopragmatism bias to the cognitive schemes and shared meanings, articulating the categories of *disturbance* and *problematic situations*, in addition to presenting *everyday life* and *experience*; the third highlights the centrality of the conflictual dimension in the daily dynamics in the campus; and the fourth highlights two cycles identified in the campus, discussing their characteristics and implications.

² It is intended to do this at another time.

2 A unique university-urban campus

Gradually, we were building the understanding that the University and the two cities make up an urban-university campus, where various social agents coexist and interact, occupying positions, mobilizing resources, exercising power and recreating – structurally and dispositionally – the campus itself. It is a relatively autonomous social universe, structurally delimited by a set of distinct and coexisting positions. It is a relatively autonomous social universe, structurally delimited by a set of distinct and coexisting positions (BOURDIEU, 2004). Thus, the campus is constituted as structures are instituted and reproduced, which circumscribe positions and aggregate capital, with emphasis on institutional/bureaucratic-administrative structures, but also informal structures, particularly those linked to what we will characterize, as a little to the front, such as sub-campus and poles.

When entering – and remaining – on the campus, each agent (individual, collective, and/or institutional) establishes/occupies positions that allow access and operation of existing/mobilized capitals – economic, political, social, cultural, intellectual, aesthetic, ethical, technical, symbolic (BOURDIEU, 1996, 2004). The capitals evidence current or potential resources and the positions delimit the access to these capitals, considering, in some cases, exclusivities, privileges, and monopolies in the exercise of power and in the formation of decisions (BOURDIEU, 2007). Thus, the campus reveals, in different cycles and conjunctures, a specific – and unequal – distribution of instruments and means for the exercise of power, evidencing the objectivity of a *hierarchical place*, where a varied set of agents gathers and interacts (BOURDIEU, 1996, 2004; ORTIZ, 2003). More than that, acting on the campus involves the recursive and motivational application of continuously mobilized stocks of knowledge and skills (PETERS, 2006). In this sense, configuring practical senses (BOURDIEU, 1996), the dispositions impel and enable each agent, from their trajectory, to interact and define the best posture and choice in each situation, making them able and inclined to carry out certain transactions, allowing him to face everyday situations – considering the existing tensions, interpellations, conditioning and interdependencies (MACHADO, 2015, 2017; MACHADO *et al.*, 2017).

In this way, socially constituted structures and dispositions condition and mediate the daily practices carried out by agents (BOURDIEU, 1996), and it is worth mentioning the situated and interdependent character of social actions (ELIAS, 2001), with each agent being questioned and tensioned by relationships, different agents and forces. In this context, unique interests, expectations, and motivations are constituted, and therefore, being situated on a campus refers to feeling/producing forces and/or effects (BOURDIEU, 2007), with everyday actions inscribing themselves in procedures with a certain degree of sequentiality and cumulateness, marked by entanglements and mutualities. From this perspective, procedures reveal dynamics of individuation,

inscribed in a “configuration of elements, forces or lines that act simultaneously” (KASTRUP; BARROS, 2015, p. 77), but also marked by a “becoming in constant movement”, guarding, therefore, “the power of movement” (KASTRUP; BARROS, 2015, p. 77).

From this perspective, UNILAB seems to be constituted, in Ceará, associated with the cities of Redenção and Acarape, as a social space – an urban university campus – where a varied set of social agents coexist, evidencing struggles, reasons, and passions that intensify, as well as overlapping and tensioning interests, expectations and motivations (BOURDIEU, 1996).

However, how to analyze this experiential daily life on campus? More than that, in a way that does not imply assuming a deterministic perspective regarding the constraints that make up the campus? Through the understanding that tensions, contradictions, and paradoxes allow/require a remaking and, more than that, discontinuities, changes, ruptures, and lines of flight.

In order to delve into the daily life of the campus, including an understanding that there are structures that go beyond the campus itself, we mobilize the evidentiary paradigm (GINZBURG, 1989) associated with the sociology of daily life (PAIS, 1993) and a long-term geo-history, interweaving the everyday practices to long-lasting urban “fine weaves of structures” (BRAUDEL, 1965; PAIS, 2005). It should be noted that, when we refer to the evidence, we are mobilizing an “interpretive method centered on the residuals, on the marginal data, considered revealing”, or, in other words, the “details normally considered unimportant, or even trivial, low” (GINZBURG, 1989, p. 149-150). In this sense, the analytical focus on “banal scenes of everyday life” allows “insinuating the social, through suggestive allusions or insinuations” (GINZBURG, 1989, p. 143), instigating the conversion of “everyday life into a permanent surprise” (PAIS, 1993, p. 106), denaturalizing and problematizing what seems normal, absolutely stable, coherent, orderly and transparent.

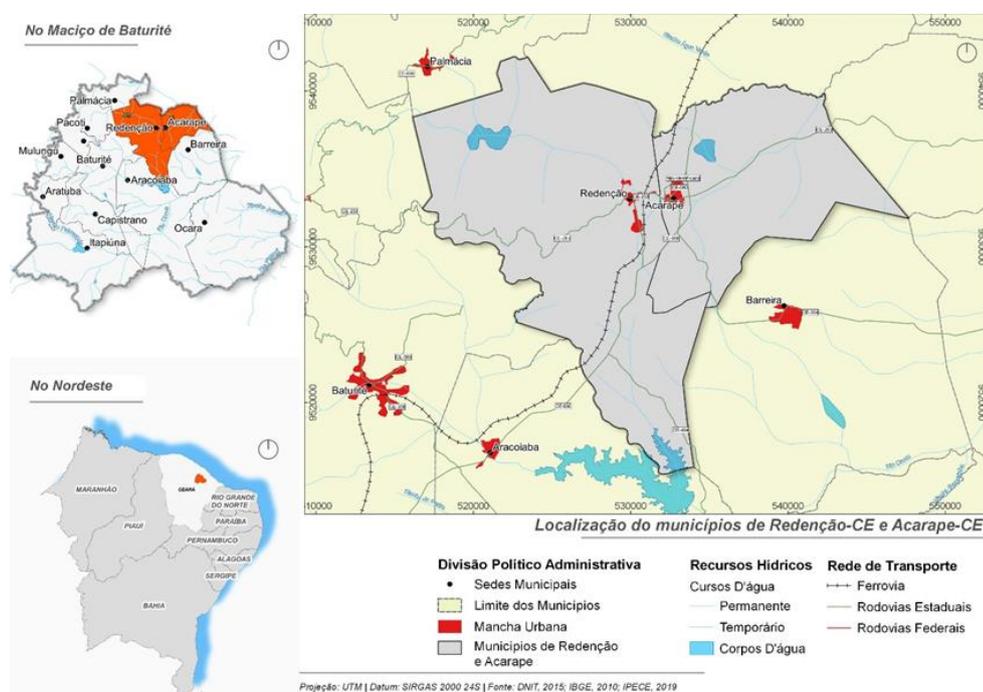
In addition to these theoretical-empirical articulations, it is worth pointing out references associated with migrants, diasporas, and the urban environment, which reinforce the understanding of the intensity, density, and complexity of the campus.

2.1 Temporary Migrants and Diasporas

The intensity, density, and complexity of the campus are associated with the fact that UNILAB is a university marked by the presence of students who are temporary migrants, in a context of internalization and international cooperation in higher education (SUBUHANA, 2005, 2007; GUSMÃO, 2012; HELENO, 2014; BARROS, 2015; RIBEIRO, 2015; MENEGHEL; AMARAL, 2016).

When referring to temporary migrants, we are referring to students from (1) various districts, locations, sites, and urban centers of the Maciço de Baturité Region, comprising 13 municipalities, including Redenção and Acarape (See Figure 1); (2) from other regions and municipalities in Ceará, particularly from the Greater Fortaleza Region (See Figure 1), and also from other states in the country, coming from rural areas, small and medium-sized cities, and metropolises; (3) from other countries, particularly East Timor and the African countries of the CPLP – Angola, Cape Verde, Guinea Bissau, Mozambique, and São Tomé and Príncipe.

Figure 1 - Location of the Municipalities of Redenção and Acarape in the Northeast, in Ceará, and in the Maciço de Baturité Region



Source: Preparation Regina Balbino da Silva (2020).

Student experiences are part of mobilities and flows and are crossed by subalternity associated with coloniality and the country's peripheral insertion into global capitalism. This condition inscribes these students as diasporas, formed by networks, flows, and circuits. Here it is worth highlighting, as indicated by Silva and Morais (2012, p. 174), that “the diaspora appears as a concept precisely to reinforce the idea of multilocality because it does not presuppose a subject linked only to a specific geopolitical limit”. This element reinforces the idea that the experiences lived by students in the university-urban campus are crossed by multiple scales.

Considering temporary migration, there is a wide student diversity, with identity cleavages involving social class, nationality, race, ethnicity, gender, sexuality, religiosity, political ideology, language, and culture. In this context, the “moments or processes that are produced in the articulation of cultural differences” (MIGLIEVICH-RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p. 20) gain relevance, highlighting the “between-places” (BHABHA, 2013, *apud* MIGLIEVICH-RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p. 38) and “hybridisms” as significant categories (BHABHA, 2013, *apud* MIGLIEVICH-RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p. 40). It is no coincidence, therefore, that what Simas (2019) highlights as the diaspora is a place of suffering and tragedy, evidencing weaknesses, sensitivities, distances, uprooting, and losses, but it is also a place of invention, renewal, recreation, considering that it is a place of transit, of movement, of passage, of multiple crossroads.

2.2 An Expanded and Intensified Urban

The university spreads out, in Ceará, through the two small towns – Redenção and Acarape –, with the student presence inscribing itself in a complex urban daily life and vice versa, with the cities taking root and composing the academic spaces. Redenção and Acarape are virtually conurbable cities. Their reduced urban spots allow for displacements through walks, which are essential to the cities, with daily face-to-face coexistence involving academic agents, particularly thousands of students and residents who already reside there.

The academic-scientific character internalized, internationalized, and associated with temporary migration and diasporas have an intense impact on the urban³, implying the constitution of a paradoxical urban, marked, at the same time, by slow rhythms, *a priori*, considering that these are small interior towns, and fast, intense and trans scalar rhythms, due to the incorporation of other agents, procedures, structures, flows and networks. It reveals, therefore, an urban space marked by the proximity and slow pace of the interior and the countryside, and, at the same time, characterized by the intensity, speed, multiple scales, and distances – tensioned and questioned, at times – associated with migrations in contexts of diasporas, but also to urban inequalities and segregations and to hegemonies and subalternate that are structured, reproduced and reconfigured continuously.

On the implementation of UNILAB, while preserving certain characteristics of small interior towns and cities are paradoxically crossed by a greater intensity of processes, flows and networks, inscribing new urban functions in themselves – based on professional, academic and scientific dimensions – expanding its range of influence. In this context, its residents are continually questioned by tensions between (a) different rhythms, logics, epistemes, and urban ontologies, particularly if we consider

³ We think it is important to highlight that the urban composes and configures this campus, in Ceará, intensely and uniquely. However, this article does not focus on a broader analysis of this aspect.

an expanded urban environment due to diasporas and virtualities that are amplified; (b) traditions and innovations, permanence and changes; (c) pasts, presents and futures that interpellate tension, re-functionalize and re-signify – to illustrate, involving, for example, blackness and racism in cities.

In this context, student youths emerge as relevant urban, social, and political agents, with tensions, conflicts, and intense disputes composing daily life in the countryside. This centrality of a conflictual dimension is related to the processes and urban dynamics of occupation, access, use, regulation, construction, and possession/ownership of urban land of the different parts that make up cities, considering private and public spaces.

It is evident, then, an urban marked by the intensification of urban dynamics, by multiscalar, and more complex articulations between the material, the immaterial, and the virtual. In this sense, it is also worth considering that, like the entire periphery of the global south, the space formed by the university and the two small cities is marked by violence, violations of rights, and deprivation in various orders and scales (MACHADO *et al.*, 2017, 2019). An urban environment marked by inequalities, segregation, and urban issues that repeatedly impact the daily life experience, particularly affecting students in their daily lives (LANGA, 2016; MACHADO *et al.*, 2017, 2019; MALOMALO, 2018), showing oppressions associated with colonialism, coloniality and capitalism.

At the same time, resistance, strategies, tactics, and lines of flight are constantly being reconstructed in the countryside, even more so if we consider that there are many expectations associated with UNILAB, considering democratization, interiorization, cooperation with Africa, historical reparation, human rights and generation of alternatives to development. In this context, the campus is deeply marked by activism, militancy, and social movements – of women, gender, blacks, indigenous peoples, quilombolas, Africans, Afro-descendants, and workers, among others (DIARIO DE CAMPO, 2017-2019)⁴.

3 Between the work of meaning and dealing with problematic situations

Considering the previous questions and understanding that the field is “a field of forces, and also of struggles that aim to transform this field of forces” (BOURDIEU, 2003, p. 38), the constitution of subfields can show vectors relevant to the analysis. In this sense, Alvarez (2014, p. 18-19) indicates how the subfields are constituted through interpretive or discursive disputes, carrying

⁴ Field diaries of the project Students, rights and urban territories in the Massif of Baturité: an experience of territorialization and democratization in student assistance at UNILAB, whose records cover the period from 2017 to 2019.

[...]“languages, meanings, *visions of the world* that are at least partially shared, even if almost always disputed, by a kind of *political grammar* that links the actors who identify with them”.

Various subfields are constituted and compose the university-urban campus – feminists, Africans, blacks, indigenous peoples, quilombolas, students, people of African descent, unions, among others. At the same time, it is possible to assess that the bureaucratic-institutional subfield – with its instances, dynamics, meetings, positions, bodies, decisions, capitals, and positions – crosses and integrates all other subfields.

In this way, each subfield generates its own grammars and a universe of shared meanings, constituting *frames* (NUNES, 2013), or interpretative paradigms (ALVAREZ, 2009), understanding the *frame* as a “framework that organizes perception and experience and that constrains interpretation, also constituting a necessary condition for its existence” (NUNES, 2013, p. 151). It is possible, therefore, to speak of “interpretive or discursive communities”, with the discourses constituting “a universe of meanings that are translated or (re)constructed when flowing along various political-communicative webs, guiding the strategies and identities of [/of the] actors who come together in this field” (ALVAREZ, 2014, p. 18-19). However, neither the subfields nor the *frames* and interpretations are constituted *a priori*.

A subfield emerges as a group of agents mobilizes, constitute, and operate their own interpretations, discourses, and narratives. Collective interpretations and evaluations intertwine with the very constitution, continuity, or weakening of the subfields and endow the processes and everyday situations experienced by the agents with meaning, with these articulating themselves “through political-communicative networks – or rather, webs or meshes – reticulated ” (ALVAREZ, 2014, p. 18).

In this way, the daily life experienced on the campus shows how the cognitive, discursive and symbolic dimensions and dynamics have centrality and relevance in daily experiences and political struggles, which transit between the formal and the informal.

However, even considering this “work of meaning” (CEFAÏ, 2017a, p. 190), we believe that a pragmatic approach enriches perception, shifting the analytical focus from the discourse category to *the experience category*. From this perspective, we can speak of disturbance (CEFAÏ, 2017a) as a category that allows us to indicate what disturbs the natural order of things, what would apparently be established, normalized, and naturalized, and what would be accepted spontaneously, thus emerging as a change in the natural attitude. This disorientation can derive and express itself “in the passage to a reflective attitude” (CEFAÏ, 2017a, p. 192). In this sense, Cefai (2017a, p. 191) indicates how the disorder “is usually born of affective, sensitive or evaluative tests that disturb the evidence base of things in everyday life and lead to investigations to elucidate what this disorder consists of.” And, more than that, it is important to

understand that the experience transcends the “intersubjective experiences,” referring to an “experiential *habitat*” (CEFAÏ, 2017a, p. 191), *the field, in perspective worked here, involving affective and aesthetic senses, practical experiments and interactional exchanges* (CEFAÏ, 2017a).

From these references and questions, it should be noted that the “passage” to a reflective attitude conceptually involves definition dynamics and deals with disturbances, instituting “problematic situations” experienced daily, involving, for example, situations marked by urban inequalities and segregations, sexism, racism, xenophobia, and LGBTphobia. Gradually, and based on certain lived experiences, conditions can be constituted that stress what until then was perceived, felt, and experienced as normal, natural, acceptable, instituting problematic situations that show the procedural emergence of a public dynamic, political and cognitive, which occurs in a more or less intuitive, spontaneous and informal way, evidencing the passage from the private to the public, the displacement of what was until then, considering the order of the private to political/public order.

In this way, the passage from the disturbance to the problematic situation shows that certain sets of agents seek, to some degree, to understand, explain, represent, and control the lived experiences. It is no coincidence, therefore, that:

When Dewey (2003) describes the emergence of the collective of explorers, researchers, and experimenters that form a public, he makes reference to this experiential dimension, inseparably affective, cognitive and normative, anchored in the present, but open to past and present horizons, in which “personal” convictions will be formed, reinforced and expressed in a process of “collectivization” and “publicization” of a case, a problem or a cause. (CEFAÏ, 2009, p. 26)

Considering these theoretical-empirical anchorages, we perceive that the university-urban campus analyzed is centrally marked by a conflictual dimension, in daily life that transcends mere academic formality or the narrow limits of *stricto sensu* academic *dynamics*. In this sense, as the agents in the field pragmatically deal with the everyday situations experienced, they constitute, in some cases, significant collective mediations (BLUMER, 1980; CEFAÏ, 2009, 2017a, 2017b), and it is worth highlighting the relevance of the subfields in these Law Suit.

As it is possible to intuit, the definition and way of dealing with problematic situations is not disconnected, therefore, from a work of meaning, but goes beyond it, when it is inscribed in public mobilizations, in shared concerns and problems and, in general, , by composing a “capacity to feel in common [...] that is realized through a collective activity” (CEFAÏ, 2017a, p. 196). In this way, the constitution of “mediations of collective experiences” with a certain sequentiality and cumulativeness is evident, particularly in the subfields, it is worth noting that:

The mediation of a collective experience is, here, essential for the disorder to be problematized and publicized and for people to know what they are dealing with and what to do about it. [...] In other words, they generate a field of collective experience with common sense ways of seeing, saying and doing, articulated by a network of numbers, categories, types, reports and arguments available that allow apprehending a state of affairs as an identifiable and recognizable problem (CEFAÏ, 2017a, p. 192).

Thus, the constitution of the field occurs that sets of agents “delimit problems that have public reach” (CEFAÏ, 2017a, p. 197), with the “trajectory of a public problem” ordering “a horizon of engagements, concerns, of awareness and mobilization in its surroundings”, linking “association, cooperation and communication processes” (CEFAÏ, 2009, p. 16). Therefore, beyond the work of meaning, it is worth talking about everyday practices that involve task adjustment and coordination operations (CEFAÏ, 2009), even if carried out more or less spontaneously. In this process, the constitution of collective mediations and subfields is intertwined, establishing “habits of cooperation and conflict” and providing “parameters of cognitive and normative experience” (CEFAÏ, 2009, p. 19).

To illustrate, in a context where academic studies and discussions converge in the field of feminism and gender studies and disturbances involving gender inequalities and violence, a feminist movement emerges, little by little, linked to an LGBTQIA+ movement, configuring interpretative schemes, discourses and unique problem situations. However, also gradually and from certain significant episodes, some women, students from African countries, constitute practices and discourses that reveal that they do not feel represented by this feminism that is understood, at times, as Brazilian or Westernized. A situation then emerges in which the “presumed consensus”, of the unity of an alleged universal feminist movement, is strained, in which a problematic situation is constituted, with a group of women seeking to deal with it, shaping shared collective experiences, constituting other associative forms, interpretations and discourses. They are thus able, little by little, to excavate the field, shaping their own places or positions and constituting themselves as distinct, active and recognized agents (MACHADO; GOMES; SILVA, 2021).

4 The centrality of the conflictual in the daily experience

Several episodes show the centrality of the conflictual dimension in the field, several times showing the confluence between long-term structures and everyday situations experienced, revealing, beyond the routine that is repeated, a set of racist, sexist, LGBTphobic and xenophobic episodes. Gradually disturbances emerge, with some becoming problematic situations. In the analyzed period, this context worsened in the field due to the strengthening of neoconservative, neo-fascist, and neo-Nazi segments, discourses, and practices in Brazil, with repercussions in the field. Three

significant episodes stand out: on June 18, 2016, a report of rape involving UNILAB students emerged; on October 20, 2017, an attempt at femicide took place inside UNILAB; on July 9, 2019, the UNILAB Transgender Public Notice was launched, generating national repercussions, annulled by the Dean of Undergraduate Studies/Rector on July 17.

The report of rape in 2016 generated tension between Brazilian teachers and teachers from African countries, perceived, for example, in an assembly attended by hundreds of people, mainly teachers, and students, at Pátio da Liberdade, with the speeches revealing a growing tension, with accusations of racism and xenophobia emerging and interpersonal conflict evolving to the point, almost, of physical aggression. The situation was only contained through the intervention of a teacher, a leader of the Women/Gender subfield, who managed to contain the tempers. It should be noted that there were other reports of sexual violence involving UNILAB students, before and after this episode. The most serious episodes generated, at various times, public denunciations and virtual and face-to-face debates, in corridors, classrooms, networks, and virtual groups, in institutional meetings, and in assemblies of segments of the academic community, very marked by tensions and conflicts. In general, on the one hand, the gender and women group denounced, and, on the other, a part of the teachers and students of African countries questioned, in some cases, the way in which the denunciations were being carried out, affecting or targeting a racist and/or xenophobic bias – even unintentionally.

The attempted femicide involved shootings on the *Acarape campus, during the night shift, with the victim and the aggressor being students of the institution*. On a Friday night, with more than a thousand people, including professors, students, technicians, security guards, and outsourced workers, the shots took place in the Palmares field, causing panic, with hundreds of people not knowing what exactly was happening. happening in front of the shots fired, running, seeking cover, going downstairs. The student was hit but survived. In the days that followed, various reports circulated, and fear, anxiety, revolt, and sadness were evident, with students, in particular, showing a lot of emotional/psychological suffering. Some leaders, collectives and entities sought to react, denounce, and deal with the situation. One of the most significant episodes involved a poetic and musical soiree at Praça do Obelisco, a traditional meeting point for student youth in Redenção, marked by a lot of emotion, generating space and a situation of collective catharsis and denunciation and confrontation of violence against women.

Another episode that caused great repercussions was the annulment of the Transgender Public Notice, in July 2019, justified by legal bias arguments, generating much criticism and some resistance; unable, however, to reverse the annulment at that moment.

These episodes and processes allow us to perceive how the field and the subfields are constituted as the “presumed consensus of common sense experience” is strained and “the natural attitude of the individuals who compose it is put to the test” (CEFAÏ, 2009, p. 27), revealing the institution of places of collective action from the confrontation of problematic situations. This dynamic is intensified in the urban-university field in question if we consider the character of public distribution and academic-scientific space, as well as the intense presence of social movements, with these vectors giving centrality in the daily dynamics to public scrutiny, the provision of accounts and repeated criticism. Thus, the daily dynamics of the field reveal “the form of true deliberations in which we expose ourselves to the points of view of others and take them into account in a broader perspective” (CEFAÏ, 2017a, p. 196), at various times, including emphasizing dramatic, expressive, performative accents – which is perceived when we experience the field daily, to the point that several agents state, at different times, colloquially, “how intense UNILAB is!” At the same time, this dynamic is also intensified by the tensions in the urban space, involving older residents, residents before the implementation of the University, and new residents, particularly student youth, articulated to complex urban changes.

Considering these episodes, it is possible to speak of the emergence of a feminist and/or gender subfield, with various agents (DIARIO DE CAMPO, 2017-2019). We understand that in each subfield, there may be one or more poles, which tension, mobilize, aggregate, and polarize. One of these poles predominantly involves Brazilian feminists and LGBTQIA+ activists (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). This group denounced male chauvinism and sexism at various times, including reports of rape involving institution students (DIARIO DE CAMPO, 2017-2019). It stands out, therefore, by having as its banner the fight against rights violations and violence against women and the LGBTQIA+ community, constituting a core of gender and sexuality policies, also active from extension and research groups.

This subfield was able to implement the Social Name Ordinance at UNILAB, in December 2014; establish a nucleus within the Pro-Rectorate of Affirmative and Student Policies; hold artistic exhibitions, campaigns, and a course for *Defenders of Citizenship Rights*, with three editions in 2016, 2017 and 2018; having members chosen for the Board of Directors of the Brazilian Association of Homoculture Studies (ABEH), in 2016, and for the State Council for Human Rights, in 2017; and launch a UNILAB Transgender Notice, in July 2019. Formed alliances with national leaders in the fight against violence against women (DIARIO DE CAMPO, 2017-2019); it was inserted in state, national, and international representative instances and sought to bring together different flags of struggle in confronting violence and rights violations.

Gradually, another pole was constituted in this subfield of women and genders, formed by black African women, students of UNILAB, where associative forms stand out, such as the International Network of African Women (RIMA) and the African Solidarity Collective (SOLAFRO), revealing regimes of action and daily practices. This pole sought to distinguish itself from the others, converging in alliances with Africa, revealing that it is also possible to constitute a certain Pan-Africanism, albeit diffuse and tense, to constitute it (DIARIO DE CAMPO, 2017-2019). Constituting references, discourses, and practices of its own, it sometimes publicly opposed what it assessed as inadequate perceptions, images, and imaginaries, encompassing African men and women, even in episodes of greater dramatic intensity. In this sense, he denounced what he perceived as prejudiced speeches, even if not intentionally said, with a racist and sexist bias.

Therefore, this pole understood that a homogeneous and supposedly universal vision would be constructed and reinforced by the feminist group formed mostly by Brazilian women. This homogeneous view would, even unintentionally, present African women, particularly students, as submissive to men, not autonomous and, therefore, marked by machismo and patriarchy⁵. To this view, the African students oppose, in different situations, African diversity and the existence of ethnically biased traditions in which women assumed preponderant positions and roles to men, among other arguments. They questioned, in particular, certain speeches from the other pole, understanding that these – even when unintentionally – ended up strengthening and legitimizing racist discourses, which constructed images of African men, of students in particular, as being homogeneous, marked by a culture and a sexuality that would place them within the scope of a wild imaginary (FIELD DIARIES, 2017-2019).

The gender/women subfield seems to have failed to articulate “in-common” theoretical-empirical vectors (MBEMBE, 2017), capable of establishing the aggregation of forces and joint action in the face of other agents and, particularly in the face of concrete problematic situations experienced. There is a fragmentation that, even with functionality in internal power disputes, weakens the ability of these agents to dispute hegemonies in the field, including by shifting real confrontations to disputes within the subfield itself. In this way, the subfield seems to be demarcated into two groups, which have not been able to dialogue with each other, which may even be hiding and not strengthening a multiplicity of agents and associative, discursive expressions and practices that more recently have been emerging and coexisting in the countryside – for example, quilombola and indigenous women, as well as women from small towns themselves, with extremely relevant experiences, although not directly participating in the subfield.

⁵ It is not possible, within the limits of this article, to deepen this debate in its theoretical and empirical dimensions.

Thus, this division does not seem to be making room for “pluralities, contradictions and conflicts that characterize the broader feminist field” (ALVAREZ, 2014, p. 41), even considering “decentering processes within *these plural feminisms*” (ALVAREZ, 2014, p. 41, emphasis in the original). Even acknowledging the relevance, power, and achievements of the subfield, fragmentation seems to go hand in hand with a mutual weakening, making it difficult to strengthen based on the construction of common elements, not perceiving the constitution of more organic horizontal dialogues, points of convergence and/or intersection, joint actions and relevant alliances between the indicated poles.

It is also possible to think of other subfields with varied associative formats and action regimes, such as the black, indigenous, and quilombola movements, the African students, and the student movement, intersecting or intertwining in some cases.

In this context, the subfields reveal a capacity to constitute themselves, excavating the field, constituting previously non-existent social and political places, participating in political-institutional instances, and conforming to significant public and/or institutional actions. In this sense, it is important to realize that, in the agents' dealing with problematic situations, interdependencies between agents are evident, as each set of speeches and actions dialogues with or responds to the speeches and actions of other agents.

At the same time, the bureaucratic-institutional and academic dynamics cross all these subfields, marked by varied routines and episodes, experienced in collegiate instances, courses and institutes, classrooms, events, and research and extension activities, in the corridors, patios and canteens, in meetings and assemblies, in the various spaces of cities, private and public, often revealing more or less continuous political struggles, active social groups and movements, including in the various electoral processes – for the rectory, coordinators, and directors, for example – and in the dynamics of decision-making. Considering this vector, we will now discuss some circumstantial changes in the field, which reveal the presence of two significant and distinct cycles, particularly between 2015 and 2019.

5 Featuring two cycles in the field

The university-urban field is strongly marked by “multiple and multidirectional diasporas, often overlapping and interconnected” (ALVAREZ, 2009, p. 749), thus strongly emerging an ontology and an episteme, in which borders and bridges stand out (DE CERTEAU, 1998, p. 209). Here, dialoguing with De Certeau (1998, p. 203-209), we understand that the story has “a decisive role,” understood as “a culturally creative act.” In this perspective, the report “Founder of Spaces” has “distributive power and performative force”, assuming “the primary function of *authorizing* the establishment, displacement and overcoming of limits”, evidencing “two movements that intersect

(establish and going beyond the limit)", thus highlighting "the *border* and the *bridge* " (DE CERTEAU, 1998, p. 209, emphasis added). Continuously carrying out "demarcation operations", the story institutes and recreates the constitutive tension between " the border and the bridge, that is, between a (legitimate) space and its (strange) exteriority" (DE CERTEAU, 1998, p. 209- 212).

In this sense, this unique university-urban field, so marked by historical pluralism and inter-historicity (SEGATO, 2012), expands the areas of contact between different agents, with the story, the border, and the bridge constituting themselves as significant categories to reveal its daily dynamics.

In the field, routines are repeated and unexpected episodes intertwine, sometimes with a routine and sequenced report, but also with impactful speeches, unfolding, separating, and tying together in a daily game, in which situations, reports, and practices are repeatedly discussed and interpreted. In this context, multiple mirrors reveal distinctions, recognitions, reciprocities, and disputes, with each set of agents dealing with disturbances and problematic situations and, at the same time, seeking to excavate, constitute and maintain a certain place of power. In this sense, even certain reports and practices seek to delegitimize or ban other leaders, weakening their influence with specific groups and communities. At stake are the capacities to mobilize, articulate and influence segments and groups of the academic community in a more lasting way, with agents constituting and occupying positions, using varied capital, operating social dispositions required in everyday situations and giving rise to reports, in person and virtually. In all these processes, borders and bridges are revealed.

In recent years, evidence points to changes in the situation in the field. UNILAB held five deans and one dean until the end of 2019, all *pro tempore*, configuring what we can delimit as two great cycles in the field.

The first cycle involved the administrations of Paulo Speller (2010-2013), Nilma Lino (2013-2014) and Tomaz Aroldo (2015-2016), in the context before the impeachment of President Dilma Rousseff, which occurred on August 31, 2016. During this period, the strength of the Institute of Humanities and Letters (IHL) stands out, at least until the end of 2014, and the dynamics of multiple institutional meetings and assemblies with dozens of participants, several of them joint, with technicians and students. Here, a certain bias of innocence, hope, and utopia prevails, with intensity in the dialogues, disputes, and mobilizations and a certain ease in the collectivization of actions, with manifestation and teaching involvement. The year 2015 is significant in this sense. Gradually, this power is fading away, fragmentations occur – the IHL was reorganized into three different institutes – and disenchantment, for example, linked to episodes such as changes in positions and the holding of an election for the rector, with broad participation of the academic community, not resulting, however, from the choice of the triple list by the superior council of the University.

The change in the dynamics and climate existing in the field is gradually occurring, with the exclusion of the representation of the IHL in the vice-rector, in December 2014, followed by several other internal and external episodes, such as, for example, adding to those already indicated, the changes in the head of the federal government. In the first cycle, the daily life of democratic aspirations is still in place, focusing on overcoming pro-temporality and institutional consolidation of the University.

In the second cycle, marked by the administrations of Anastácio Queiroz (2017-2018) and Alexandre Cunha (2018-2019), there is a restriction in the sphere and public dynamics in the field. From the reduction of moments, instances, situations and democratic processes, from which divergences and mutual interpellations emerged, alliances and oppositions, mediation of conflicts and decision-making were formed. The spaces for listening and daily coexistence typical of the previous situation are reduced (DIÁRIO DE CAMPO, 2017-2019), and there is a shift to the bunkers of the current institutionality, weakening and breaking horizontal and ascending procedures, strengthening concentration, centralization, and dynamics descendants of political power. This cycle becomes effective and reiterated by subordinating certain groups and political forces, seeking to impose a certain inertial dynamic (BOURDIEU, 1996) in the field of power, in the university-urban field. Here, it is worth briefly understanding the field of power as:

[...] the space of power relations between the different types of capital or, more precisely, between the agents sufficiently endowed with one of the different types of capital to be able to dominate the corresponding field and whose struggles intensify whenever the relative value of the different types of capital is called into question (BOURDIEU, 2004, p. 52).

In this second cycle, the “reproduction of the structure of the field of power” gains centrality, marked by the “distribution of powers and privileges among the different categories of agents engaged in this competition”, with “the conservation or transformation of the structure of the field” being at stake. , institutional culture, and dominant power principles (BOURDIEU, 2003, p. 36).

Considering these issues, the new cycle seemed to show, in mid-2019, points of no return, even more so if we consider that it was an institution where the status of initial construction – considering the implementation of UNILAB from 2011 – enables an initiatory conformation that tends to reiterate and remain. In this sense, there would be no more room, in the imaginary being constituted in the field, for “possible incompatibles” (BOURDIEU, 1996, p. 34), heroic refusals or risky democratic bids, even considering the confluence between the internal cycle and the conjuncture national. We are here between 2017 and 2019, remembering the more general context of the country, which points to a fraying of citizenship, attacks on rights and democratic

setbacks, a scenario that unfolds and spreads in the university-urban field discussed here, in everyday micro and nanoscales. Thus, what seems to be at stake is the implementation of the “fundamental law of the field” (BOURDIEU, 1996, p. 34) and the structuring of the field of power, forming a repertoire of choices from which one could not escape, and which were perceived and experienced, at that moment, in mid-2019, as absolute and almost irreversible in their immediate effects and in their medium-term implications. Such seems to be the drama unfolding in that cycle at UNILAB.

It is not just about changes in the imaginary and the *illusio* itself (BOURDIEU, 1996), as they recreate the hegemonies and subalternities, impacting the norms, structures and required social dispositions, with the different agents adapting in a more or less conformed and competent to the daily life that recreates itself. The reports themselves change, with the public dimension diminishing and reporting forms such as gossip, fake news and rumors, and, at the same time, administratively and bureaucratically formalized and tending to be restrictive, everyday circumscriptions taking shape. At the same time, inter-individual conflicts increase in the different administrative sectors, with accusations of moral harassment and an alarming increase in administrative processes denounced as having, some of them, the character of political persecution.

Publicity dynamics tend to be restricted to functions, forms, situations and particular audiences, strengthening dynamics that seek to dissipate, hide or destroy stories, memories and characters from the institutional past that do not fit into the new hegemony. At the same time, it is possible to indict subjugation procedures, the easing of tensions and the weakening of opposition through performances and reports that include face-to-face and virtual praise and thanks, on email lists, for example. Therefore, a symbolic dynamic of subjection/submission emerges, with daily practices that tend to appear as hegemonic, punctuating positions and constituting links and commitments relevant to the field. This emerging dynamic is associated with “material or symbolic” sanctions/profits (BOURDIEU, 1996, p. 66), as well as hierarchies in the field of power, with a hegemonic core and, at the same time, a set of subordinate aggregates (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

It is even possible to intuit a performance guided by what we could call a “certain extreme of theatricalization”, carried out by these subordinate aggregates. At the same time, the agents of the central hegemonic core seem to experience a “no need for theatricalization”. By exercising this extreme of theatricalization, some agents mobilize signs of their own to the left and/or social movements, shifting them to an individualist dynamic of power, in which certain individuals would inscribe themselves – as a result of characteristics associated with gender, race, and to nationality, for example –, automatically, relevant characteristics, which would stifle the occupation of positions in institutionality, automatically transferring them to the positions held and the institutional structures in which they would participate. This individualization carries

with it an authoritarian depoliticization since what is observed, sometimes, is that logics and practices are exercised – not to mention performances – marked by traditionalists, and, why not say, by traces of coloniality, by default of systematic, persistent, collective and/or democratic constructions or dialogues, even if, in some cases, these performances/reports try to express the opposite.

The extremes of theatricality and the incorporation of rebellious signs and social struggles seem to vivify values and feelings common to the context, marked by neoconservative and neofascist influence, not infrequently through the creation of imaginary enemies to be faced, for example, in clashes - electoral or not – involving positions and institutional positions, as well as in public discursive disputes. In this way, the theatrical composition makes effective the a priori classification of enemies, superficially demarcated, shifting the focus of analyses and political interventions to secondary issues and constituting, in some cases, performances and/or reports that touch on the exclusion or destruction of the enemy – performances and stories that shift the focus from substances to forms. Not infrequently, individuals are attacked who, by holding a certain political capital, show themselves as capable of generating alternative poles of power and of aggregating audiences perceived as a reserve/monopoly of segments that perform extreme theatrics.

A bias that also makes up this cycle is the weakening of agents' commitment to projects, with a pragmatic logic of political power emerging and prevailing, seeking legitimacy in alleged or implicit technical and administrative competence, instead of politics and politics. In this sense, it is worth mentioning the displacement – semantic, but also ethical and political – of practices and positions anchored in values and projects, by others, based on the logic, sensitivity, and rationality of the political opportunity, or, more properly, of what is timely in each concrete situation, strengthening individualistic postures and practices. It follows that the political is pragmatically reduced to the conquest and maintenance of positions of power, dividing the academic community into those who subscribe and those who do not subscribe to this new *performance*.

In this context, forms of material and symbolic gratification and consecration instruments are also instituted to create the feeling that everything is going well-being done properly and that there is room for everyone. In this way, potential places of opposition, opposition and conflict are emptied, although, at the same time, consensus constructions are also emptied as essential elements to the dynamics of the field. Once the conflict is emptied as a legitimate element – from the point of view of the theory of democracy (MIGUEL, 2014) –, the consensus is reduced to constructions carried out by restricted elites, with decisions being communicated to the academic community, already with the character of fact set and/or irreversible. In parallel to this, it is worth mentioning what can be called the logic of tiredness, weariness and exhaustion, marked by the succession of acts and decisions that repeatedly replace/reinscribe an

issue or theme in the institutional routine within the scope of a bureaucratist logic, emptying the political character of the issues on the agenda and shifting the decisions of the collegiate democratic instances to the technical margins or to the political centers of the institutional structure – both unattainable to those who do not compose the field of power. In this context, there are even complaints of non-compliance, by the rector, with decisions made by the Superior Council of the University.

This new cycle, therefore, evidences an ideological displacement of the center of gravity of/in the field (BOURDIEU, 1996), even mentioning the possibility of an ongoing institutional, intellectual and moral reform (GRAMSCI, 2002). In this way, the fundamental law of the field, its *nomos* (BOURDIEU, 1996), seems to combine elements that reiterate a logic of division, like a broken kaleidoscope that shatters multiple fragments. Thus, divisions are reconstituted between the competent and the non-competent, administratively and technically, between the sensible and the non-sensible, between those who have legitimacy and those who do not, and between technicians and those who “want to make trouble”, among others. Divisions supporting the non-necessity or impossibility of criticism and opposition from a context marked by the end of history and post-truth. Conflict and criticism are understood as unnecessary and undesirable when they do not reveal, a priori, incompetence. These divisions and conceptions are reinforced through the subordinating incorporation of certain segments in the performative marks of extreme theatricality, configuring tactics of demobilization, blockade and interdiction of potential oppositions and resistance, several times incorporating and neutralizing individuals and groups by entangling them in the meshes of the power that seek to become hegemonic.

In mid-2019, therefore, the time for the “extraordinary” seems to have ended (BOURDIEU, 1996, p. 80). The temporalities of utopias and dreams – and also of heroisms – are being crossed by overlapping disenchantments and frustrations, maintaining, perhaps, a little of the extreme clarity (BOURDIEU, 1996) – tensioning us – that permeates the initiatory times of the constitution of One field.

Synthesizing and comparing the two indicated cycles, if in the first, we could have the perception of the constitution, even if brief and incipient, of public arenas in a sense indicated by Cefaï (2017a, p. 204, emphasis in the original), in the field, in the second period, this public dimension seems to have effectively disappeared:

The public arena is co-produced as a *discussion forum*: the fact that points of conflict have to be defended and justified and that adverse positions have to be criticized and invalidated implies operations of evaluation, deliberation and judgment. In such a public arena, its representatives demand explanations, take positions and respond to criticism. They exchange arguments that become more and more conformable to the *public interest*. George H. Mead describes this way of rising above the horizon of moral community and mutual recognition between actors as adopting the perspective of the generalized Other. [...] Human beings have the capacity to transcend their selfish interests to realize public interest figures.

However, beyond this alleged hegemony under construction, it is necessary to realize that, at the same time, the interstices, the fringes and the gaps that cross and also constitute the field, seem to conform – even in an intuitive, spontaneous, latent and fragmentary way – a politics and aesthetics of peripheries and subalternity, entangling strategies and tactics marked by evasions, or, more properly, insinuating powers, lines of flight and minority becomings (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). In this sense, immersion in the field made identifying signs that reveal denser and more complex daily dynamics possible.

This could be intuited, for example, in an event held in December 2019, entitled *Thinking Africa from UNILAB and UNILAB from Africa* (DIÁRIO DE CAMPO, 2017-2019). Speeches by African students and teachers exposed the variety and intensity of dissatisfaction in the field, with reports referring to violence, violations of rights, inequalities and internal distinctions, along with what should be named as disenchantment with the UNILAB Project, expressed by example, in the speech of an African professor, who referred to the institution as a decoy. In this event, there was also an evocation of memories of student struggles and resistance, including their potential for building identities and excavating their places in the field (DIÁRIO DE CAMPO, 2017-2019). Some students directed their speeches to a fellow professor, discouraged and tired of the wear and tear experienced in the field, indicating directly and publicly: “You don't have the right to get tired and give up, although we understand that it is a very personal decision! But we've been here longer than you, and we haven't given up, and we've already fought hard and achieved achievements that need to be preserved” (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

It is also worth mentioning the informal collective self-appointed as Professors no Samba, capable of tensioning, demobilizing, making certain borders flow and making porous, reconstituting spaces and situations capable of recreating, more than bonds, associative regimes, of belonging and actions (DIÁRIO DE CAMPO, 2017-2019). Acting outside the UNILAB space, this collective has been able to mobilize women located, *a priori*, in a broad spectrum of political, ideological and social movements, shifting the dynamics of social mobilization to what can be understood *a priori* as a *modus operandis* infra or pre-political. However, suppose we dialogue with certain

authors and conceptions. In that case, we perceive, in this experience, the interconnection that involves everyday micropolitics/politics and institutional mesopolitics, maintaining a presence in the field through tricks and swings capable of potentially reconfirming existing strategies and tactics, even displaced from the current institutional centralities, which become hegemonic (DIARIO DE CAMPO, 2017-2019).

In the same way, the weekly soccer game of Guinean students is a space to exercise conflict, contradiction and its mediation, to listen, vent, generate support, bond and mutual commitment, maintain reiterated coexistence, collective strength and the shared senses (DIARIO DE CAMPOY, 2017-2019) – powers that tell us about the tensions that cross the field, even when more immediately everything seems to be expected, well or dominated.

Thus, it is essential to perceive significant empirical vectors to emerge and be rebuilt, considering the two cycles indicated and highlighting the importance of problematizing whether/how they will remain active or be replaced by different processes after 2019.

6 Final considerations

The moment of the genesis of a field is theoretically and empirically significant since it is when agents emerge and constitute themselves that “translate their articulating discourses and begin to enunciate other universes of meanings, other visions of the world, and thus, perhaps, configure other discursive fields of action” (ALVAREZ, 2014, p. 47). More than that, they constitute fields of power, ways of dealing with problematic situations and unique cycles.

In this context, an area is revealed where interpretive communities and collective experiential mediations are configured, with agents who deal with difficult situations daily and repeatedly.

Although international temporary migrants seem to be experiencing dynamics of growing subordination, several signs point to their vitality, strength, and active and creative presence. Beyond what is immediately visible, or rather, the most immediate – and allegedly hegemonic – appearances of the field, it is worth perceiving flows, movements, intensities, tensions and conflicts that indicate significant becomings and powers. These, even in the minority, fragmentary and latent, make up efforts of opposition, resistance and generation of alternatives, even if in the interstices, fringes and peripheries of the field.

If we think about the performances, the aesthetic regimes (BOURDIEU, 1996) and the figures that make up the field, the perception of the end of heroic times and the arrival of the end of history and post-history would be restricted to the hegemonies that are instituted and reiterated, not indicting the small and capillary tricks and swings that cross everyday life and also compose it. In this way, it is worth noting shifts to the interstices, the peripheries, and the margins based on dissatisfaction and wears that accumulate, although, often, they are invisible as an essential vector in mid-2019. Thus, although the risk of the continued prevalence of this hegemonic form is present, interdicting effective democratization, other spaces of possibilities are active.

It is, therefore, appropriate to continue this analysis at another time, even using the analytical framework presented here, critically discussing what happens in the field from 2020 onwards.

References

ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 743-753, set./dez. 2009.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 13-56, jan./jun. 2014.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Pós-Graduação das Universidades Federais**. Brasília: ANDIFES, 2019. Disponível em: <https://ufla.br/images/arquivos/2019/05-maio/pesquisa-socioeconomica2018.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2019.

BARROS, Deolindo Nunes. Cooperação educacional internacional Brasil/África: do programa estudantes-convênio de graduação (PEC-G) à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). **Revista de Estudos Internacionais**, Campina Grande, v. 6, n. 2, p. 117-133, 2015.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, Charles D. **Teoria da comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119-137.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 149-184.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996b.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10.172/2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em: 31 jul. 2023.

BRAUDEL, Ferdinand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422>. Acesso em: 3 jul. 2023.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.

CEFAÏ, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 187-213, 2017a.

CEFAÏ, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 2). **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 129-124, 2017b.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GALA, Irene Vida. UNILAB: uma nova proposta de política externa para o Brasil na Educação Superior. In: LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). **UNILAB 10 anos**: gênese, desafios e conquistas. Blumenau: EdifURB, 2021. p. 11-16.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUSMÃO, Neusa Maria Menezes de. Africanos no Brasil, Hoje: Imigrantes, Refugiados e Estudantes. **Tomo**, São Cristóvão, n. 21, p. 13-36, jul./dez. 2012.

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. O lugar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) na política externa do governo Lula (2003-2010). **O Público e o Privado**, Fortaleza, n. 23, p. 109-127, jan./jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**: Fortaleza. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana de. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina. 2015. p. 52-75.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Diáspora africana no Ceará no século XXI**: ressignificações identitárias de estudantes imigrantes. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). UNILAB 10 anos: gênese, desafios e conquistas. *In*: LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). **UNILAB 10 anos**: gênese, desafios e conquistas. Blumenau: EdUFURB, 2021. p. 19-44.

MACHADO, Eduardo Gomes. Desigualdades e segregações socioespaciais em Fortaleza, Brasil: uma análise a partir da Praia do Futuro. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 30, p. 179-208, 2017.

MACHADO, Eduardo Gomes. Lutas políticas, disposições e transações sociais em microcampos bancários. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 17, p. 67-97, 2015.

MACHADO, Eduardo Gomes *et al.* Cidades, juventudes e conflitos urbanos: questões teórico-empíricas a partir de Redenção e Acarape. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 1, n. 25, p. 139-172, 2019.

MACHADO, Eduardo Gomes *et al.* Urbanização e os desafios à política urbana em pequenas cidades: o caso de Redenção, Ceará, no contexto de implantação da UNILAB. **Políticas Públicas & Cidades**, [online], v. 5, n. 1, p. 43-63, 2017. Disponível em: <https://doaj.org/article/697fe03a73654016b915722ac8f0919d>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MACHADO, Eduardo Gomes; GOMES, Peti Mama; SILVA, Regina Balbino. Mulheres africanas em um campo universitário urbano no Brasil. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 17, p. 277-304, 2021.

MALOMALO, Basilele I. Desafios de gestão multicultural numa universidade internacional: caso da UNILAB. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 14, n. 26, p. 75-100, 2018.

MBEMBE, Achille. **Políticas de inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MENEGHEL, Stela; AMARAL, Joana. Universidades internacionais na contracorrente. As propostas da UNILA e da UNILAB. **Universidades**, [online], n. 67, p. 25-40, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37344015004>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia; PRAZERES, Lilian L. G. A produção da subalternidade sob a ótica pós-colonial (e decolonial): algumas leituras. **Temáticas**, Campinas, v. 23, n. 45-46, p. 25-52, fev./dez. 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. Consenso e conflito na teoria democrática: para além do “agonismo”. **Lua Nova**, São Paulo, n. 92, p. 13-43, maio/ago. 2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Histórico do Programa**: introdução. Brasília: Divisão de Assuntos Educacionais (DCE); Programa de Estudantes-Convênio de Graduação, 2019. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NUNES, Jordão Horta. *Frame* e identidade coletiva: uma perspectiva interacionista de análise dos movimentos sociais. **Contemporânea**, São Paulo, v. 3, n. 1 p. 143-172, jan./jun. 2013.

ORTIZ, Renato. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, v. 37, p. 105-115, 1993.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida quotidiana**: teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PETERS, Gabriel Moura. **Percursos na teoria das práticas sociais**: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RIBEIRO, Fabrício Américo. UNILA e UNILAB: uma abordagem sobre o processo de integração internacional do ensino superior a partir das universidades federais no Brasil. **Geosaberes**: Revista de Estudos Geoeducacionais, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 63-71, jul./dez. 2015.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos CES**, [online], v. 18, p. 106-131, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1533>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SILVA, Kelly; MORAIS, Sara Santos. Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos PALOP em duas universidades brasileiras. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 163-182, jan./abr. 2012.

SIMAS, Luiz Antonio. Epistemologia da Macumba de José Luiz Simas. **Canal Escritos IBICT**, 30 set. 2019. 1 Vídeo [59m06s]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=52&v=ciQLWs7xVCw. Acesso em: 21 nov. 2019.

SPELLER, Paulo. UNILAB: educação e inovação para a cooperação solidária Sul-Sul. In: LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). **UNILAB 10 anos**: gênese, desafios e conquistas. Blumenau: EdIFURB, 2021. p. 47-59.

Um campo universitário-urbano no nordeste brasileiro: o caso da UNILAB

A city-university field in Northeastern Brazil: UNILAB's case

Un campo urbano-universitario en el noreste de Brasil: el caso de UNILAB

Eduardo Gomes Machado - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira | Redenção | Ceará | Brasil. E-mail: eduardomachado@unilab.edu.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9321-6745>

Ricardo César Carvalho Nascimento – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira | Redenção | Ceará | Brasil. E-mail: ricardonascimento@unilab.edu.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5000-4649>

Iadira Antonio Impanta – Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: yadiraimpanta@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6503-5923>

Resumo: Este artigo apresenta e opera preliminarmente um arcabouço analítico que fundamenta uma análise crítica das situações cotidianas vivenciadas em uma universidade, situações não somente formais ou acadêmicas, *stricto sensu*. Compõem esse arcabouço a ideia do campo universitário-urbano, as disposições sociais, os distúrbios e as situações problemáticas, o cotidiano e as experiências, os subcampos e polos. Esse arcabouço analítico está sendo constituído a partir de uma universidade federal pública, interiorizada e internacionalizada, sediada em pequenas cidades interioranas no nordeste do Brasil. Uma universidade profundamente marcada pela diversidade social, incluso centenas de estudantes que são originários de países africanos. Os dados foram coletados, construídos, sistematizados e analisados a partir da imersão cotidiana no campo, com foco nos impactos da implantação da universidade em pequenas cidades, considerando particularmente os desafios enfrentados pelos discentes. Dentre os recursos metodológicos utilizados, cabe indicar a observação participante, a análise documental, questionários, depoimentos e entrevistas. Conclui-se que o campo universitário-urbano agrega agentes variados, com subcampos, polos esquemas cognitivos e sentidos partilhados, bem como formas singulares dos diferentes agentes lidarem com as situações problemáticas. Além disso, evidencia-se uma centralidade conflitual na dinâmica cotidiana, a presença de dois ciclos entre 2011 e 2019 e a existência de tensões persistentes entre hegemonias e subalternidades que se recriam. Entende-se, assim, que o artigo impacta positivamente os estudos e as análises sobre a educação superior, e, particularmente, sobre as universidades no Brasil.

Palavras-chave: universidade; juventudes; internacionalização; educação superior; urbano.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772023000100013>

Abstract: This paper initially presents and operates an analytical framework that allows us to critically analyze daily situations experienced in a university, not only formal or academic, *stricto sensu* situations. This framework is composed by the idea of the city-university field, social provisions, disturbances and problematic situations, the daily life and the experiences, the subfields and incumbents/insurgents. This analytical framework is constituted based on a public federal university, which has been deurbanized and internationalized and is located in small cities in the countryside of Northeastern Brazil. This university is deeply characterized by social diversity, including hundreds of students from African countries. Data was gathered, built, systematized and analyzed based on daily life immersion in the field, focusing on the impacts of implementation of the university in small cities, specially considering the challenges faced by students. Among the methodological resources used, it is important to point out the participant observation, documental analysis, questionnaires, statements and interviews. We conclude that the city-university field aggregates different agents, with subfields, incumbents/insurgents, cognitive schemes and shared meanings, as well as singular ways different agents deal with problematic situations. Besides, we evidence a conflictual centrality in the daily life dynamics, the presence of two cycles between 2011 and 2019 and the existence of persistent tensions between hegemonies and subalternities that are recreated. We understand, this, that this paper positively affects the studies and analyses on higher education and, more specifically, on universities in Brazil.

Keywords: university; youths; internationalization; Higher Education; city.

Resumen: Este artículo presenta y opera preliminarmente un marco analítico que fundamenta un análisis crítico de situaciones cotidianas vividas en una universidad, situaciones que no son sólo formales o académicas, *stricto sensu*. Este entramado comprende la idea de campo universitario-urbano, disposiciones sociales, perturbaciones y situaciones problemáticas, cotidianidad y vivencias, subcampos y polos. Este marco analítico se está constituyendo a partir de una universidad pública federal, interiorizada e internacionalizada, con sede en pequeñas ciudades del interior del nordeste de Brasil. Una universidad profundamente marcada por la diversidad social, que incluye a cientos de estudiantes que provienen de países africanos. Los datos fueron recolectados, construidos, sistematizados y analizados a partir de la inmersión diaria en el campo, enfocándose en los impactos de la implementación de la universidad en las pequeñas localidades, particularmente considerando los desafíos que enfrentan los estudiantes. Entre los recursos metodológicos utilizados, cabe mencionar la observación participante, el análisis de documentos, cuestionarios, testimonios y entrevistas. Se concluye que el campo universitario-urbano agrega agentes variados, con subcampos, polos de esquemas cognitivos y significados compartidos, así como formas únicas para que los diferentes agentes aborden situaciones problemáticas. Además, se evidencia una centralidad conflictual en las dinámicas cotidianas, la presencia de dos ciclos entre 2011 y 2019 y la existencia de tensiones persistentes entre hegemonías y subalternidades que se recrean. Se entiende, por lo tanto, que el artículo tiene un impacto positivo en los estudios y análisis sobre la educación superior, y particularmente sobre las universidades en Brasil.

Palavras chave: universidade; jovens; internacionalização; educação universitária; urbano.

1 Introdução

Entre 2003 e 2016, houve uma ampliação das instituições, dos *campi*, dos cursos e das vagas ofertadas na educação superior no Brasil, com destaque para a expansão das universidades e dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia. A partir dessa expansão, o país chega a 2019 com 63 universidades federais públicas em atividade e 6 em implantação. Nesse sentido, Lima *et al.* (2021, p. 20) afirmam:

O reflorescimento da educação superior pública e gratuita no país ocorre predominantemente nos governos dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016). Convencidos de que a elitização do acesso à instituição universitária é uma das formas de exclusão social, ambos os governos se mobilizam para criar as condições oportunas à presença de 30% dos jovens entre 18 e 24 anos na educação superior, meta prevista no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001).

Essa expansão da educação superior ampliou o contingente de estudantes de graduação pretos(as) e pardos(as) nas universidades, tendo aumentado sua presença de 160.527, em 2003, para 613.826, em 2018 (ANDIFES, 2019), com os discentes de graduação negros – pretos e pardos – e indígenas compondo 61,1% do total, como indica o Censo dos Estudantes das Universidades Federais. Também houve ampliação dos estudantes originários de famílias de baixa renda, pois se, em 2003, 42,8% dos discentes pertenciam a famílias que tinham renda de até 1,5 salários-mínimos *per capita*, em 2018, esse contingente atingia 70,2% do total (ANDIFES, 2019). Também em 2003, 37,5% dos discentes tinham cursado o ensino médio exclusivamente em escolas públicas, enquanto em 2018 esse percentual engloba 60,4% (ANDIFES, 2019). Ampliou-se, também, a presença feminina nas universidades, com o percentual de mulheres atingindo 54,6% em 2018 (ANDIFES, 2019).

Nesse contexto, das 63 universidades implantadas no Brasil, duas detêm caráter internacionalizado, ambas criadas em 2010. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que tem como foco a cooperação internacional com os países africanos da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP), e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), voltada à América Latina, particularmente aos países do MERCOSUL (UNILA, 2020).

Situada no Ceará, em duas pequenas cidades, Redenção e Acarape, a aproximadamente 60 km da capital do estado, Fortaleza, a UNILAB (2020, grifos do original) é vocacionada “para a cooperação internacional e compromissada com a interculturalidade, a cidadania e a democracia nas sociedades”, enfatizando o “intercâmbio acadêmico e solidário com **Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste**”. Fortaleza, com população estimada em 2,7 milhões de pessoas (IBGE, 2019), convém sinalizar, é uma das cidades mais populosas do país. A UNILAB também possui um *campus* na Bahia,

em São Francisco do Conde. Sua criação, ampliando o acesso à educação superior, inseriu-se na prioridade conferida pelos governos Lula e Dilma às relações Brasil-África, no contexto da cooperação solidária sul-sul (SPELLER, 2021), e às políticas de promoção da igualdade racial no Brasil, considerando as lutas e pautas de um conjunto variado de agentes sociais, incluso o movimento negro (GALA, 2021).

Na UNILAB, é ainda mais acentuada a presença de segmentos populares, mulheres, negros e indígenas, sendo possível falar em uma universidade marcada pelo pluralismo histórico e pela inter-historicidade (SEGATO, 2012). Apenas para ilustrar, 82,8% dos discentes de graduação presencial no Ceará se autodeclaram negros – pretos e pardos – e indígenas (UNILAB, 2019). Em 2019, há, na UNILAB no Ceará, 3894 discentes de graduação presencial (UNILAB, 2019), com 3016 brasileiros, inclusos 125 indígenas ou quilombolas, 12 timorenses e 866 africanos – com 223 angolanos, 53 cabo verdianos, 507 guineenses, 35 moçambicanos e 48 são tomenses (UNILAB, 2019).

Para compreender a intensidade da presença de discentes africanos – dos países anteriormente indicados – e timorenses na UNILAB, cabe indicar que, entre 2011 e o primeiro semestre de 2019, quando o Programa Estudantes Convênio – Graduação (PEC-G)¹ selecionou 1632 estudantes em todo o país, a UNILAB recebeu 2124 discentes (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2019; UNILAB, 2019). Portanto, a UNILAB acolheu, considerando o ingresso dessas nacionalidades através do PEC-G, mais estudantes estrangeiros do que todas as outras universidades brasileiras juntas. Não é à toa que Timbane (2020, p. 33) afirma:

A UNILAB é uma instituição rica sob o ponto de vista da cultura, das línguas e de práticas pedagógicas versáteis uma vez que os professores adaptam (a todo momento) suas metodologias para atender estudantes de culturas diversas, de formações iniciais diferentes e de línguas diferentes.

Nesse contexto, nosso grupo de extensão e pesquisa vem desenvolvendo ações de extensão e pesquisa desde 2015, com foco na análise dos impactos urbanos da implantação da UNILAB nas duas cidades e em como os discentes vivenciam o cotidiano acadêmico e urbano.

A partir dessas ações, e considerando que somos docentes/egressos da instituição, brasileiros e guineenses, vivenciamos o cotidiano universitário-urbano com muita intensidade nos últimos anos, percebendo sua densidade e complexidade. Aos poucos, nossa atuação foi requerendo a incorporação de referenciais teóricos e metodológicos e a coleta/produção, sistematização e análise de dados empíricos.

¹ Iniciado em 1965, o PEC-G é o maior programa de acesso de estudantes internacionais a universidades brasileiras.

De modo mais direto, necessitamos constituir e incorporar categorias, estratégias e metodologias de atuação e investigação. Assim, este artigo apresenta vetores teórico-empíricos que conformam um arcabouço analítico em construção, o qual – pretende-se – fundamentará o aprofundamento e o desenvolvimento das intervenções, investigações e análises. Assim, sistematizamos e apresentamos reflexões e construções teórico-empíricas que podem apoiar a atuação do Grupo, considerando e articulando múltiplas escalas – nano, micro, meso, macro – que atravessam e constituem a universidade e o urbano.

Ao partilharmos achados analíticos e registrarmos memórias do cotidiano vivenciado, buscamos fomentar um entendimento mais aprofundado de uma instituição densa e complexa como uma universidade interiorizada e internacionalizada. Nesse sentido, compreendemos que os achados e questões teórico-empíricas aqui apresentadas podem gerar *insights* e fundamentar/instigar análises em que as situações e experiências cotidianas em escala micro e nano adquiram relevância analítica, sem descuidar de articulações transescalares, inclusive sendo aplicadas em outros objetos de investigação.

O artigo se apoia em dados secundários e primários, articulando metodologias que integram um viés etnográfico influenciado pela cartografia social, assim como a análise de documentos e a efetivação de rodas de conversa, intercâmbios, questionários, entrevistas e *sketches*. Cabe destacar, porém, que, embora apresentando dados coletados em diários de campo e, de modo geral, decorrentes da própria imersão dos autores no campo, este artigo não se trata de acentuar o viés etnográfico, em que a descrição densa de situações concretas e uma multiplicidade das falas comporiam a narrativa aqui desenvolvida².

O trabalho se estrutura, além da Introdução e das Considerações Finais, em quatro tópicos. O primeiro discute teórica e empiricamente o campo universitário-urbano e os subcampos; o segundo agrega aos esquemas cognitivos e aos sentidos partilhados um viés neopragmático, articulando as categorias *distúrbio* e *situações problemáticas*, além de apresentar *cotidiano* e *experiência*; o terceiro evidencia a centralidade da dimensão conflitual na dinâmica cotidiana no campo; e o quarto evidencia dois ciclos identificados no campo, discutindo suas características e implicações.

² Pretende-se fazer isso em outro momento.

2 Um campo universitário-urbano singular

Aos poucos, fomos construindo o entendimento de que a Universidade e as duas cidades compõem um campo universitário-urbano, onde convivem e interagem variados agentes sociais, ocupando posições, mobilizando recursos, exercendo poder e recriando – estrutural e disposicionalmente – o próprio campo. Trata-se de um universo social relativamente autônomo, estruturalmente delimitado por um conjunto de posições distintas e coexistentes (BOURDIEU, 2004). Assim, o campo vai se constituindo à medida em que se instituem e reproduzem estruturas, as quais circunscrevem posições e agregam capitais, cabendo destacar as estruturas institucionais/burocrático-administrativas, mas também estruturas informais, particularmente as vinculadas ao que caracterizaremos, um pouco à frente, como subcampos e polos.

Ao ingressar – e permanecer – no campo, cada agente (individual, coletivo e/ou institucional) institui/ocupa posições que permitem o acesso e operação de capitais existentes/mobilizados – econômicos, políticos, sociais, culturais, intelectuais, estéticos, éticos, técnicos, simbólicos (BOURDIEU, 1996a; 2004). Os capitais evidenciam recursos atuais ou potenciais e as posições delimitam o acesso a esses capitais, considerando, em alguns casos, exclusividades, privilégios e monopólios no exercício do poder e na formação de decisões (BOURDIEU, 2007). Assim, o campo revela, em diferentes ciclos e conjunturas, uma distribuição específica – e desigual – de instrumentos e meios para o exercício do poder, evidenciando a objetividade de um *lugar hierarquizado*, onde se agrupa e interage um conjunto variado de agentes (BOURDIEU, 1996b; 2004; ORTIZ, 2003). Mais do que isso, a atuação no campo envolve a aplicação recursiva e motivacional de estoques de conhecimento e habilidades continuamente mobilizados (PETERS, 2006). Nesse sentido, configurando sentidos práticos (BOURDIEU, 1996b), as disposições impelem e habilitam cada agente, a partir de sua trajetória, a interagir e a definir a melhor postura e escolha em cada situação, tornando-o apto e inclinado a realizar determinadas transações, permitindo-o enfrentar as situações cotidianas – considerando as tensões, interpelações, condicionamentos e interdependências existentes (MACHADO, 2015, 2017; MACHADO *et al.*, 2017).

Desse modo, estruturas e disposições socialmente constituídas condicionam e mediam as práticas cotidianamente efetivadas pelos agentes (BOURDIEU, 1996a), cabendo falar no caráter situado e interdependente das ações sociais (ELIAS, 2001), com cada agente sendo interpelado e tensionado por relações, agentes e forças diversas. Nesse contexto, constituem-se interesses, expectativas e motivações singulares, e, portanto, situar-se em um campo remete a sentir/produzir forças e/ou efeitos (BOURDIEU, 2007), com as ações cotidianas inscrevendo-se em processualidades com certo grau de sequencialidade e cumulatividade, marcadas por enredamentos e mutualidades. Nessa perspectiva, as processualidades revelam

dinâmicas de individuação, inscritas em uma “configuração de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente”, mas também marcadas por um “dever em constante movimento”, guardando, portanto, “a potência do movimento” (KASTRUP; BARROS, 2015, p. 77).

Nessa perspectiva, a UNILAB parece constituir-se, no Ceará, associada às cidades de Redenção e de Acarape, enquanto um espaço social – um campo universitário-urbano – onde convive um conjunto variado de agentes sociais, evidenciando lutas, razões e paixões que se intensificam, assim como interesses, expectativas e motivações que se sobrepõem e tensionam (BOURDIEU, 1996b).

Todavia, como analisar esse cotidiano experiencial no campo? Mais do que isso, de um modo que não implique em assumirmos uma perspectiva determinística quanto aos condicionamentos que compõem o campo? Através do entendimento de que tensionamentos, contradições e paradoxos permitem/requerem um refazer-se e, mais do que isso, descontinuidades, mudanças, rupturas e linhas de fuga.

Para mergulhar no cotidiano do campo, inclusive compreendendo que há estruturas que extrapolam o próprio campo, mobilizamos o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) associado a uma sociologia do cotidiano (PAIS, 1993) e a uma geohistória de longa duração, entrelaçando as práticas cotidianas às “tramas finas das estruturas” urbanas de longa duração (BRAUDEL, 1965; PAIS, 2005). Cabe destacar que, ao nos referimos aos indícios, estamos mobilizando um “método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”, ou, dito de outra forma, os “pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’” (GINZBURG, 1989, p. 149-150). Nesse sentido, o foco analítico nas “cenas banais da vida cotidiana” permite “fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas” (GINZBURG, 1989, p. 143), instigando a conversão do “quotidiano em permanente surpresa” (PAIS, 1993, p. 106), desnaturalizando e problematizando o que parece normal, absolutamente estável, coerente, ordenado e transparente.

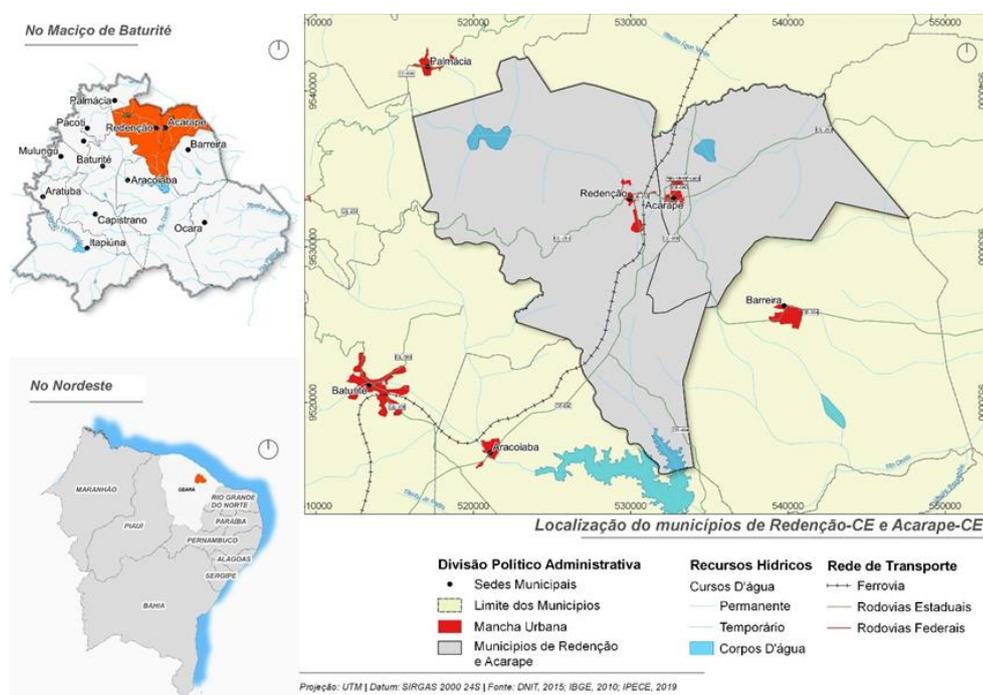
Além dessas articulações teórico-empíricas, cabe indicar referenciais associados aos migrantes, às diásporas e ao urbano, os quais reforçam a compreensão da intensidade, densidade e complexidade do campo.

2.1 Migrantes Temporários e Diásporas

A intensidade, densidade e complexidade do campo associa-se ao fato da UNILAB ser uma universidade marcada pela presença de estudantes que são migrantes temporários, em um contexto de interiorização e de cooperação internacional na educação superior (SUBUHANA, 2005; 2007; GUSMÃO, 2012; HELENO, 2014; BARROS, 2015; RIBEIRO, 2015; MENEGHEL; AMARAL, 2016).

Ao nos referirmos aos migrantes temporários, estamos remetendo a estudantes originários: a) de variados distritos, localidades, sítios e núcleos urbanos da Região do Maciço de Baturité, composta por 13 municípios, inclusive Redenção e Acarape (Vide Figura 1); b) de outras regiões e municípios do Ceará, particularmente da Região da Grande Fortaleza (Vide Figura 1), e também de outros estados do país, advindos de áreas rurais, de pequenas e médias cidades e de metrópoles; c) de outros países, particularmente o Timor Leste e os países africanos da CPLP – Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Figura 1 - Localização dos Municípios de Redenção e Acarape no Nordeste, no Ceará e na Região do Maciço de Baturité



Fonte: Elaboração Regina Balbino da Silva (2020).

As vivências estudantis inscrevem-se em mobilidades e fluxos e são atravessadas por subalternidades associadas à colonialidade e à inserção periférica do país no capitalismo global. Essa condição inscreve esses estudantes em diásporas, conformadas por redes, fluxos e circuitos. Aqui cabe destacar, como indicam Silva e Moraes (2012, p. 174), que “a diáspora figura como conceito justamente para reforçar a ideia de multilocalidade, porque não pressupõe um sujeito vinculado somente a um limite geopolítico específico”. Esse elemento reforça a ideia de que as experiências vivenciadas pelos discentes no campo universitário-urbano são atravessadas por múltiplas escalas.

Considerando a migração temporária, vivencia-se uma ampla diversidade estudantil, com clivagens identitárias envolvendo classe social, nacionalidade, raça, etnia, gênero, sexualidade, religiosidade, ideologia política, língua e cultura. Nesse contexto, ganham relevância os “momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (MIGLIEVICH-RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p. 20), destacando-se os “entre-lugares” (BHABHA, 2013, *apud* MIGLIEVICH-RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p. 38) e os “hibridismos” enquanto categorias significativas (BHABHA, 2013 *apud* MIGLIEVICH-RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p. 40). Não é à toa, portanto, que o que Simas (2019) destaca como a diáspora é lugar de sofrimento e tragédia, evidenciando fragilidades, sensibilidades afloradas, distanciamentos, desenraizamentos e perdas, mas é também lugar de invenção, renovação, recriação, considerando que se trata de lugar de trânsito, de movimento, de passagem, de múltiplas encruzilhadas.

2.2 Um Urbano Ampliado e Intensificado

A universidade se espraia, no Ceará, pelas duas pequenas cidades – Redenção e Acarape –, com a presença estudantil inscrevendo-se em um cotidiano urbano complexo e vice-versa, com as cidades enraizando-se e compondo os espaços acadêmicos. Redenção e Acarape são cidades praticamente conurbadas e suas manchas urbanas reduzidas permitem deslocamentos através de caminhadas, sendo um elemento essencial às cidades, com a convivência cotidiana face a face envolvendo os agentes acadêmicos, particularmente milhares de estudantes e os moradores que ali já residiam.

O caráter acadêmico-científico interiorizado, internacionalizado e associado à migração temporária e às diásporas impacta intensamente o urbano³, implicando na constituição de um urbano paradoxal, marcado, ao mesmo tempo, por ritmos lentos, *a priori*, considerando tratar-se de pequenas cidades interioranas, e de ritmos rápidos, intensos e transescalares, em virtude da incorporação de outros agentes, processualidades, estruturas, fluxos e redes. Revela-se, portanto, um urbano marcado pela proximidade e ritmo lento do interior e do rural, e, ao mesmo tempo, marcado pela intensidade, pela velocidade, por múltiplas escalas e por distanciamentos – tensionados e questionados, por vezes – associados às migrações em contextos de diásporas, mas também às desigualdades e segregações urbanas e às hegemonias e subalternidades que se estruturam, reproduzem e reconfiguram continuamente.

³ Achamos importante destacar que o urbano compõe e configura esse campo, no Ceará, de modo intenso e singular, embora não seja nosso foco neste artigo uma análise mais ampla sobre esse aspecto.

A partir da implantação da UNILAB, ao mesmo tempo em que preservam certas características de pequenas cidades interioranas, as urbes são paradoxalmente atravessadas por maior intensidade de processualidades, fluxos e redes, inscrevendo em si novas funções urbanas – assentadas em dimensões profissionais, acadêmicas e científicas –, ampliando seu raio de influência. Nesse contexto, seus moradores são interpelados continuamente por tensões entre: (a) diferentes ritmos, lógicas, epistemes e ontologias urbanas, particularmente se considerarmos um urbano ampliado em virtude das diásporas e das virtualidades que se amplificam; (b) tradições e inovações, permanências e mudanças; (c) passados, presentes e futuros que se interpelam, tensionam, refuncionalizam e ressignificam – para ilustrar, envolvendo, por exemplo, negritude e racismo nas cidades.

Nesse contexto, as juventudes estudantis emergem como agentes urbanos, sociais e políticos relevantes, com tensões, conflitos e disputas intensas, compondo o cotidiano no campo. Essa centralidade de uma dimensão conflitual relaciona-se aos processos e dinâmicas urbanas de ocupação, acesso, uso, regulação, construção e posse/propriedade da terra urbana, das diferentes partes que compõem as cidades, considerando-se espaços privados e públicos.

Evidencia-se, então, um urbano marcado pela intensificação das dinâmicas urbanas, por uma multiescalaridade e por articulações mais complexas entre o material, o imaterial e o virtual. Nesse sentido, também cabe considerar que, como toda periferia do sul global, o espaço conformado pela universidade e pelas duas pequenas cidades é marcado por violências, violações de direitos e privações em várias ordens e escalas (MACHADO *et al.*, 2017, 2019). Revela-se um urbano marcado por desigualdades, segregações e questões urbanas que impactam reiteradamente o cotidiano vivenciado, atingindo, particularmente, os discentes em sua vida cotidiana (LANGA, 2016; MACHADO *et al.*, 2017, 2019; MALOMALO, 2018), evidenciando opressões associadas ao colonialismo, à colonialidade e ao capitalismo.

Ao mesmo tempo, evidenciam-se resistências, estratégias, táticas e linhas de fuga em constante reconstrução no campo, ainda mais se considerarmos que são muitas as expectativas associadas à UNILAB, considerando democratização, interiorização, cooperação com a África, reparação histórica, direitos humanos e geração de alternativas ao desenvolvimento. Nesse contexto, o campo é profundamente marcado por ativismos, militâncias e movimentos sociais – de mulheres, de gênero, negros, indígenas, quilombolas, africanos, afrodescendentes, trabalhadores, dentre outros (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019)⁴.

⁴ Diários de campo do projeto *Estudantes, direitos e territórios urbanos no Maciço de Baturité: uma experiência de territorialização e democratização na assistência estudantil da UNILAB*, cujos registros compreendem o período de 2017 a 2019.

3 Entre o trabalho do sentido e a lida com situações problemáticas

Considerando as questões anteriores e entendendo que o campo é “campo de forças, e também de lutas que visam transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2003, p. 38), a constituição de subcampos pode evidenciar vetores relevantes à análise. Nesse sentido, Alvarez (2014, p. 18-19) indica como os subcampos se constituem através de disputas interpretativas ou discursivas, carreando

[...] linguagens, sentidos, *visões de mundo* pelo menos parcialmente *compartilhadas*, mesmo que quase sempre disputadas, por uma espécie de *gramática política* que vincula as[/os] atoras/es que com eles se identificam.

Variados subcampos vão se constituindo e compondo o campo universitário-urbano – feministas, africanos, negros, indígenas, quilombolas, estudantes, de religiões afrodescendentes, sindicais, dentre outros. Ao mesmo tempo, é possível avaliar que o subcampo burocrático-institucional – com suas instâncias, dinâmicas, reuniões, cargos, órgãos, decisões, capitais e posições – atravessa e integra todos os demais subcampos.

Desse modo, cada subcampo gera gramáticas próprias e um universo de sentidos partilhados, constituindo *frames* (NUNES, 2013), ou paradigmas interpretativos (ALVAREZ, 2009), entendendo-se o *frame* como um “quadro que organiza a percepção e a experiência e que constrange a interpretação, constituindo também uma condição necessária para sua existência” (NUNES, 2013, p. 151). É possível falar, portanto, em “comunidades interpretativas ou discursivas”, com os discursos constituindo “um universo de significados que se traduzem ou se (re)constroem ao fluir ao longo de diversas teias político-comunicativas, norteando as estratégias e identidades das[/dos] atoras/es que se coligam nesse campo” (ALVAREZ, 2014, p. 18-19). Porém, nem os subcampos, nem os *frames* e as interpretações estão constituídos *a priori*.

Um subcampo emerge à medida que um conjunto de agentes mobiliza, constitui e opera interpretações, discursos e narrativas próprias. As interpretações e avaliações coletivas se entrelaçam à própria constituição, continuidade ou fragilização dos subcampos e dotam de sentidos os processos e as situações cotidianas experienciadas pelos agentes, com esses se articulando “através de redes político-comunicativas – ou melhor, teias ou malhas – reticuladas” (ALVAREZ, 2014, p. 18).

Desse modo, o cotidiano vivenciado no campo evidencia como as dimensões e as dinâmicas cognitivas, discursivas e simbólicas detêm centralidade e relevância nas vivências e lutas políticas cotidianas, as quais transitam entre o formal e o informal.

Porém, mesmo considerando esse “trabalho do sentido” (CEFAÏ, 2017a, p. 190), avaliamos que um enfoque pragmático enriquece a percepção, deslocando o foco analítico da categoria *discurso* para a categoria *experiência*. Nessa perspectiva,

podemos falar no distúrbio (CEFAÏ, 2017a) enquanto uma categoria que permite indiciar aquilo que perturba a ordem natural das coisas, o que aparentemente estaria estabelecido, normalizado, naturalizado, o que seria aceito de modo espontâneo, emergindo, portanto, como uma alteração da atitude natural, uma desorientação que pode derivar e se expressar “na passagem à atitude reflexiva” (CEFAÏ, 2017a, p. 192). Nesse sentido, Cefaï (2017a, p. 191) indica como o distúrbio “costuma nascer de provas afetivas, sensíveis ou avaliativas que perturbam a base de evidência das coisas da vida cotidiana e levam a fazer investigações para elucidar em que consiste esse distúrbio”. E, mais do que isso, cabe entender que a experiência transcende as “vivências intersubjetivas”, remetendo a um “*habitat* experiencial” (CEFAÏ, 2017a, p. 191), o campo, na perspectiva aqui trabalhada, envolvendo sentidos afetivos e estéticos, experimentações práticas e trocas interacionais (CEFAÏ, 2017a).

A partir dessas referências e questões, cabe destacar que a “passagem” para uma atitude reflexiva conceitualmente envolve dinâmicas de definição e lida com os distúrbios, instituindo “situações problemáticas” experienciadas cotidianamente, envolvendo, por exemplo, situações marcadas por desigualdades e segregações urbanas, machismo, racismo, xenofobia e LGBTfobia. Aos poucos, e a partir de certas experiências vivenciadas, podem constituir-se condições que tensionam o que até então era percebido, sentido e vivenciado como normal, natural, aceitável, instituindo-se situações problemáticas que evidenciam a emergência processual de uma dinâmica pública, política e cognitiva, o que ocorre de modo mais ou menos intuitivo, espontâneo e informal, evidenciando a passagem do privado para o público, o deslocamento do que era até então, considerando da ordem do particular para uma ordem política/pública.

Desse modo, a passagem do distúrbio para a situação problemática evidencia que determinados conjuntos de agentes buscam, em algum grau, entender, explicar, representar e controlar as experiências vivenciadas. Não é à toa, portanto, que:

Quando Dewey (2003) descreve a emergência do coletivo de exploradores, investigadores e experimentadores que forma um público, faz referência a essa dimensão experiencial, indissociavelmente afetiva, cognitiva e normativa, ancorada no presente, mas abrindo para horizontes de passado e presente, em que convicções “pessoais” vão se formar, se reforçar e se exprimir em um processo de “coletivização” e de “publicização” de um caso, de um problema ou de uma causa. (CEFAÏ, 2009, p. 26)

Considerando essas ancoragens teórico-empíricas, percebemos que o campo universitário-urbano analisado se evidencia como centralmente marcado por uma dimensão conflitual, em um cotidiano que transcende a mera formalidade acadêmica ou os limites estreitos de uma dinâmica acadêmica *stricto sensu*. Nesse sentido, à medida que os agentes no campo vão lidando pragmaticamente com as situações

cotidianas experienciadas, vão constituindo, em alguns casos, mediações coletivas significativas (BLUMER, 1980; CEFAÏ, 2009, 2017a, 2017b), cabendo destacar a relevância dos subcampos nesses processos.

Como é possível intuir, a definição e a forma de lidar com situações problemáticas não se desvincula, portanto, de um trabalho do sentido, mas vai além dele, ao se inscrever em mobilizações em público, em preocupações e problemas partilhados e, de modo geral, ao compor uma “capacidade de sentir em comum [...] que se realiza por intermédio de uma atividade coletiva” (CEFAÏ, 2017a, p. 196). Desse modo, evidencia-se a constituição de “mediações de experiências coletivas” com certa sequencialidade e cumulatividade, particularmente nos subcampos, cabendo destacar que:

A mediação de uma experiência coletiva é, aqui, capital para que o distúrbio seja problematizado e publicizado e para que as pessoas saibam com o que estão lidando e o que fazer com isso. [...] Em outras palavras, geram um campo de experiência coletiva com modos de ver, dizer e fazer de sentido comum, articulados por uma rede de números, categorias, tipos, relatos e argumentos disponíveis que permitem apreender um estado de coisas como um problema identificável e reconhecível (CEFAÏ, 2017a, p. 192).

Assim, a constituição do campo ocorre à medida que conjuntos de agentes “delimitam problemas que têm alcance público” (CEFAÏ, 2017a, p. 197), com a “trajetória de um problema público” ordenando “um horizonte de engajamentos, de preocupações, de sensibilizações e de mobilizações em seu entorno”, vinculando “processos de associação, de cooperação e de comunicação” (CEFAÏ, 2009, p. 16). Cabe falar, portanto, para além do trabalho do sentido, de práticas cotidianas que envolvem operações de ajuste e de coordenação das tarefas (CEFAÏ, 2009), mesmo que efetivadas de modo mais ou menos espontâneo. Nessa processualidade, a constituição de mediações coletivas e de subcampos se entrelaça, fixando “hábitos de cooperação e de conflito” e fornecendo “parâmetros de experiência cognitiva e normativa” (CEFAÏ, 2009, p. 19).

Para ilustrar, em um contexto onde confluem estudos e discussões acadêmicas no âmbito do feminismo e dos estudos de gênero e distúrbios envolvendo desigualdades e violências de gênero, emerge, aos poucos, um movimento feminista coligado com um movimento LGBTQIA+, configurando esquemas interpretativos, discursos e situações problemáticas singulares. Porém, também aos poucos e a partir de certos episódios significativos, algumas mulheres, estudantes de países africanos, vão constituindo práticas e discursos que revelam que não se sentem representadas por esse feminismo que é entendido, em alguns momentos, como brasileiro ou ocidentalizado. Emerge, então, uma situação em que o “consenso presumido”, da unidade de um pretenso movimento feminista universal, é tensionado, em que uma

situação problemática se constitui, com um conjunto de mulheres buscando lidar com ela, conformando experiências coletivas compartilhadas, constituindo outras formas associativas, interpretações e discursos. Conseguem, assim, aos poucos, escavar o campo, conformando lugares ou posições próprias e constituindo-se enquanto agentes distintas, ativas e reconhecidas (MACHADO; GOMES; SILVA, 2021).

4 A centralidade da dimensão conflitual no cotidiano experienciado

Variados episódios evidenciam a centralidade da dimensão conflitual no campo, diversas vezes evidenciando a confluência entre estruturas de longa duração e situações cotidianas vivenciadas, revelando, para além da rotina que se repete, um conjunto de episódios racistas, machistas, LGBTfóbicos e xenófobos. Aos poucos emergem distúrbios, com alguns se tornando situações problemáticas. No período analisado, esse contexto se agravou no campo em virtude do fortalecimento de segmentos, discursos e práticas neoconservadoras, neofascistas e neonazistas no Brasil, com rebatimentos no campo. Destacamos três episódios significativos: em 18 de junho de 2016 emerge uma denúncia de estupro envolvendo estudantes da UNILAB; em 20 de outubro de 2017 ocorre uma tentativa de feminicídio no interior da UNILAB; em 09 de julho de 2019 é lançado o Edital Transgêneros da UNILAB, gerando repercussão nacional, anulado pela Pró-Reitoria de Graduação/Reitoria em 17 de julho.

A denúncia de estupro em 2016 gerou tensão entre professores brasileiros e de países africanos, percebida, por exemplo, em assembleia com a presença de centenas de pessoas, principalmente docentes e discentes, no Pátio da Liberdade, com as falas revelando uma tensão crescente, com acusações de racismo e xenofobia emergindo e o conflito interpessoal evoluindo ao ponto, quase, de agressão física. A situação somente foi contida por intervenção de uma professora, liderança do subcampo de Mulheres/Gêneros, que conseguiu conter os ânimos. Cabe indicar que houve outras denúncias de violência sexual envolvendo discentes da UNILAB, em momentos anteriores e posteriores a esse episódio. Os episódios mais graves geraram, em vários momentos, denúncias públicas e debates virtuais e presenciais, nos corredores, nas salas de aula, nas redes e grupos virtuais, em reuniões institucionais e em assembleias dos segmentos da comunidade acadêmica, muito marcados por tensões e conflitos. De modo geral, de um lado, o grupo de gênero e de mulheres denunciou, e, de outro, uma parte dos professores, professoras e discentes de países africanos questionou, em alguns casos, a forma como as denúncias estavam sendo realizadas, efetivando ou tangenciando um viés racista e/ou xenofóbico – mesmo não intencionalmente.

A tentativa de feminicídio envolveu tiros no *campus* de Acarape, no turno da noite, com a vítima e o agressor sendo estudantes da Instituição. Em uma sexta-feira à noite, com a presença de mais de mil pessoas, dentre eles docentes, discentes, técnicos, seguranças e terceirizados, os tiros ocorreram no campo do Palmares, gerando pânico,

com centenas de pessoas sem saber o que exatamente estava acontecendo diante dos tiros desferidos, correndo, buscando se proteger, descendo escadas. A estudante foi atingida, mas sobreviveu. Nos dias que se seguiram, variados relatos circularam, e o medo, a ansiedade, a revolta e a tristeza foram patentes, com estudantes, particularmente, evidenciando muito sofrimento emocional/psicológico. Algumas lideranças, coletivos e entidades buscaram reagir, para denunciar e lidar com toda a situação. Um dos episódios mais significativos envolveu um sarau poético e musical na Praça do Obelisco, um tradicional ponto de encontro das juventudes estudantis em Redenção, marcado por muita emoção, gerando um espaço e uma situação de catarse coletiva e de denúncia e enfrentamento às violências contra mulheres.

Outro episódio que causou grande repercussão foi a anulação do Edital Transgêneros, em julho de 2019, justificada por argumentos de viés jurídico, gerando muitas críticas e alguma resistência, incapazes, porém, de reverter a anulação àquele momento.

Esses episódios e processos nos permitem perceber como o campo e os subcampos vão se constituindo à medida que é tensionado o “consenso presumido da experiência do senso comum” e posta “à prova a atitude natural dos indivíduos que a compõem” (CEFAÏ, 2009, p. 27), revelando a instituição de lugares de ação coletiva a partir do enfrentamento de situações problemáticas. Essa dinâmica é intensificada no campo universitário-urbano em questão se consideramos o caráter de repartição pública e de espaço acadêmico-científico, assim como a intensa presença de movimentos sociais, com esses vetores dotando de centralidade na dinâmica cotidiana o escrutínio público, a prestação de contas e a crítica reiterada. Assim, a dinâmica cotidiana do campo revela “a forma de verdadeiras deliberações em que nos expomos aos pontos de vista dos outros e os levamos em conta numa perspectiva ampliada” (CEFAÏ, 2017a, p. 196), em vários momentos, inclusive, enfatizando acentos dramáticos, expressivos, performáticos – o que se percebe ao experienciarmos cotidianamente o campo, a tal ponto que vários agentes afirmam, em momentos diferentes, coloquialmente, como a UNILAB é intensa! Ao mesmo tempo, essa dinâmica também é intensificada a partir das tensões no espaço urbano, envolvendo os moradores mais antigos, residentes antes da implantação da Universidade, e os novos moradores, particularmente as juventudes estudantis, articuladas a complexas mudanças urbanas.

Considerando esses episódios, é possível falar na emergência de um subcampo feminista e/ou de gênero, com uma grande variedade de agentes (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Entendemos que em cada subcampo pode haver um ou mais polos, que tensionam, mobilizam, agregam e polarizam. Um desses polos envolve predominantemente feministas brasileiras e ativistas LGBTQIA+ (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Esse grupo assumiu posturas de denúncias ao machismo e ao sexismo em diversos momentos, inclusive em relação a denúncias de casos de estupro envolvendo discentes da instituição (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Destaca-se, portanto, ao ter

como bandeira o enfrentamento às violações de direitos e às violências contra as mulheres e a comunidade LGBTQIA+, constituindo um núcleo de políticas de gênero e sexualidade, ativo, também, a partir de grupos de extensão e pesquisa.

Esse subcampo foi capaz de efetivar a Portaria do Nome Social na UNILAB, em dezembro de 2014; instituir um núcleo no âmbito da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis; realizar exposições artísticas, campanhas e um curso de *Defensoras e defensores dos direitos à cidadania*, com três edições em 2016, 2017 e 2018; ter membros escolhidos para a Diretoria da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH), em 2016, e para o Conselho Estadual de Direitos Humanos, em 2017; e lançar um Edital Transgêneros UNILAB, em julho de 2019. Constituiu alianças com lideranças nacionais no enfrentamento às violências contra as mulheres (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019); inseriu-se em instâncias representativas estaduais, nacionais e internacionais e buscou fazer confluir diferentes bandeiras de luta, no âmbito do enfrentamento às violências e violações de direitos.

Aos poucos, foi se constituindo outro polo nesse subcampo das mulheres e dos gêneros, formado por mulheres negras africanas, discentes da UNILAB, onde se destacam formas associativas, como a Rede Internacional de Mulheres Africanas (RIMA) e o Coletivo Solidariedade Africana (SOLAFRO), revelando regimes de ação e práticas cotidianas próprias. Esse polo buscou se distinguir do outro, confluindo em alianças com os homens africanos, sendo possível indiciar, também, certo panafricanismo, embora difuso e tenso, a lhe constituir (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Constituindo referências, discursos e práticas próprias, em alguns momentos contrapôs-se publicamente ao que avaliava como percepções, imagens e imaginários inadequados, englobando africanos/africanas, inclusive em episódios de maior intensidade dramática. Nesse sentido, denunciava o que percebia como falas preconceituosas, mesmo que não ditas intencionalmente, de viés racista e machista.

Esse polo entendia, assim, que haveria uma visão homogênea e pretensamente universal sendo construída e reforçada pelo grupo feminista formado majoritariamente por brasileiras. Essa visão homogênea apresentaria, mesmo de modo não intencional, as mulheres africanas, as discentes, particularmente, como submissas aos homens, não autônomas e, portanto, marcadas pelo machismo e pelo patriarcado⁵. A essa visão, as discentes africanas contrapõem, em diferentes situações, a diversidade africana, a existência de tradições de viés étnico, em que as mulheres assumiam posições e papéis preponderantes diante dos homens, dentre outros argumentos. Questionavam, particularmente, certas falas do outro polo por entenderem que estas – mesmo quando não intencionalmente – terminavam por fortalecer e legitimar discursos racistas, os quais construíam imagens dos homens africanos, dos discentes, particularmente, como

⁵ Não é possível, nos limites deste artigo, aprofundar esse debate em suas dimensões teóricas e empíricas.

sendo homogêneos, marcados por uma cultura e uma sexualidade que os situaria no âmbito de um imaginário selvagem (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

O subcampo de gêneros/mulheres parece não ter conseguido articular vetores teórico-empíricos “em-comum” (MBEMBE, 2017), capazes de instituir a agregação de forças e a atuação conjunta diante de outros agentes e, particularmente, diante de situações problemáticas concretas experienciadas. Há uma fragmentação que, mesmo detendo funcionalidade nas disputas internas de poder, fragiliza a capacidade dessas agentes em disputar hegemonias no campo, inclusive ao deslocar os enfrentamentos fundamentais para disputas no interior do próprio subcampo. Desse modo, o subcampo parece demarcado em dois grupos, que não têm conseguido dialogar entre si, o que pode, inclusive, estar ocultando e não fortalecendo uma multiplicidade de agentes e de expressões associativas, discursivas e de práticas que mais recentemente vem emergindo e coexistindo no campo – por exemplo, as mulheres quilombolas e indígenas, assim como as próprias mulheres originárias das pequenas cidades, com experiências extremamente relevantes, embora não diretamente participantes do subcampo.

Assim, essa divisão parece não estar abrindo espaço para “pluralidades, contradições e conflitos que caracterizam o campo feminista mais amplo”, considerando, inclusive, “processos de *descentramento no interior desses feminismos plurais*” (ALVAREZ, 2014, p. 41, grifos do original). Mesmo reconhecendo a relevância, a potência e as conquistas do subcampo, a fragmentação parece andar de mãos dadas com uma fragilização mútua, dificultando um fortalecimento assentado na construção de elementos em-comum, não se percebendo a constituição de diálogos horizontais mais orgânicos, pontos de convergência e/ou interseção, ações conjuntas e alianças relevantes dentre os polos indicados.

Também é possível pensarmos em outros subcampos, com variados formatos associativos e regimes de ação, como os movimentos negro, indígena e quilombola, os discentes africanos e o movimento estudantil, interseccionando-se ou entrelaçando-se em alguns casos.

Nesse contexto, os subcampos revelam uma capacidade de se constituir, escavando o campo, constituindo lugares sociais e políticos anteriormente inexistentes, participando de instâncias político-institucionais e conformando ações públicas e/ou institucionais significativas. Nesse sentido, é importante perceber que, na lida dos agentes com situações problemáticas, evidenciam-se interdependências entre variados agentes, pois cada conjunto de falas e ações dialoga com ou responde a falas e ações de outros agentes.

Ao mesmo tempo, a dinâmica burocrático-institucional e acadêmica atravessa todos esses subcampos, marcada por rotinas e episódios variados, experienciada nas instâncias colegiadas, nos cursos e institutos, nas salas de aula, nos eventos e atividades

de pesquisa e extensão, nos corredores, pátios e cantinas, nas reuniões e assembleias, nos vários espaços das cidades, privados e públicos, revelando, muitas vezes, lutas políticas mais ou menos continuadas, grupos e movimentos sociais ativos, inclusive nos variados processos eleitorais – para reitoria, coordenações e direções, por exemplo – e nas dinâmicas de formação de decisões. Considerando esse vetor, discutiremos agora algumas mudanças conjunturais no campo, as quais revelam a presença de dois ciclos significativos e distintos, particularmente entre 2015 e 2019.

5 Caracterizando dois ciclos no campo

O campo universitário-urbano é fortemente marcado por “diásporas múltiplas e multidirecionais, muitas vezes sobrepostas e interconectadas” (ALVAREZ, 2009, p. 749), emergindo fortemente, portanto, uma ontologia e uma episteme, em que se destacam fronteiras e pontes (DE CERTEAU, 1998, p. 209). Aqui, dialogando com De Certeau (1998, p. 203-209), entendemos que o relato detém “um papel decisivo”, entendido como “um ato culturalmente criador”. Nessa perspectiva, o relato, “fundador de espaços”, tem “poder distributivo e força performativa”, assumindo “a função primeira de *autorizar* o estabelecimento, o deslocamento e a superação de limites”, evidenciando “dois movimentos que se cruzam (estabelecer e ultrapassar o limite)”, destacando-se, então, “a *fronteira* e a *ponte*” (DE CERTEAU, 1998, p. 209, grifos do autor). Efetuando continuamente “operações de demarcação”, o relato institui e recria a tensão constitutiva entre “a fronteira e a ponte, isto é, entre um espaço (legítimo) e sua exterioridade (estranha)” (DE CERTEAU, 1998, p. 209-212).

Nesse sentido, esse campo universitário-urbano singular, tão marcado pelo pluralismo histórico e pela inter-historicidade (SEGATO, 2012), amplia as áreas de contato entre variados agentes, com o relato, a fronteira e a ponte constituindo-se enquanto categorias significativas para desvelar sua dinâmica cotidiana.

No campo, entrelaçam-se rotinas que se reiteram e episódios inesperados, ocorrendo por vezes uma relatoria corriqueira e sequenciada, mas também falas de impacto, se desdobrando, separando e atando, em um jogo cotidiano, em que as situações, relatos e práticas são reiteradamente discutidas e interpretadas. Nesse contexto, espelhos múltiplos revelam distinções, reconhecimentos, reciprocidades e disputas, com cada conjunto de agentes lidando com os distúrbios e situações problemáticas e, ao mesmo tempo, buscando escavar, constituir e manter certo lugar de poder. Nesse sentido, inclusive, certos relatos e práticas buscam deslegitimar ou interditar outras lideranças, fragilizando suas influências junto a grupos e comunidades específicas. Estão em jogo as capacidades de mobilizar, articular e influenciar de modo mais duradouro segmentos e grupos da comunidade acadêmica, com os agentes constituindo e ocupando posições, lançando mão de capitais variados, operando disposições sociais requeridas nas situações cotidianas e fazendo emergir relatos,

presencial e virtualmente. Em todas essas processualidades, revelam-se fronteiras e pontes.

Nos últimos anos, indícios apontam para mudanças de conjuntura no campo. A UNILAB deteve cinco reitores e uma reitora até o final de 2019, todos *pro tempore*, configurando o que podemos delimitar como dois grandes ciclos no campo.

O primeiro ciclo envolveu as gestões de Paulo Speller (2010-2013), Nilma Lino (2013-2014) e Tomaz Aroldo (2015-2016), no contexto anterior ao impedimento da Presidenta Dilma Rousseff, ocorrido em 31 de agosto de 2016. Nesse período, destacam-se a força do Instituto de Humanidades e Letras (IHL), pelo menos até o final de 2014, e uma dinâmica de múltiplas reuniões institucionais e assembleias com dezenas de participantes, várias delas conjuntas, com técnicos e estudantes. Aqui, ainda, prevalece certo viés de inocência, esperança e utopia, com intensidade nos diálogos, disputas e mobilizações e certa facilidade na coletivização das ações, com manifestação e envolvimento docente. O ano de 2015 é significativo nesse sentido. Aos poucos, essa potência vai se esvaindo, vão ocorrendo fragmentações – o IHL foi reorganizado em três institutos diferentes – e desencantos, por exemplo, vinculados a episódios como mudanças nos cargos e a realização de uma eleição para reitoria, com ampla participação da comunidade acadêmica, não decorrendo, porém, a escolha da lista tríplice pelo conselho superior da Universidade.

A mudança na dinâmica e clima existentes no campo vai ocorrendo gradualmente, com a exclusão da representação do IHL na vice-reitoria, em dezembro de 2014, seguida por vários outros episódios internos e externos, como, por exemplo, além dos já indicados, as mudanças na chefia do governo federal. No primeiro ciclo, um cotidiano de aspirações democráticas ainda está posto, com foco na superação da pró-temporalidade e na consolidação institucional da Universidade.

No segundo ciclo, marcado pelas gestões de Anastácio Queiroz (2017-2018) e Alexandre Cunha (2018-2019), ocorre uma restrição na esfera e na dinâmica pública existentes no campo, com a redução dos momentos, das instâncias, das situações e dos processos democráticos, em que emergiam divergências e interpelações mútuas, configuravam-se alianças e oposições, mediavam-se conflitos e tomavam-se decisões. Diminuem os espaços de escuta e convivência cotidiana típicos da conjuntura anterior (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019), e há um deslocamento para as casamatas da institucionalidade vigente, fragilizando e rompendo processualidades horizontalizadas e ascendentes, fortalecendo a concentração, a centralização e as dinâmicas descendentes do poder político. Esse ciclo se efetiva e reitera ao subalternizar certos grupos e forças políticas, buscando impor certa dinâmica inercial (BOURDIEU, 1996a) no campo do poder, no campo universitário-urbano. Aqui, cabe compreender brevemente o campo do poder enquanto:

[...] o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, mais precisamente, entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente e cujas lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão (BOURDIEU, 2004, p. 52).

Nesse segundo ciclo, ganha centralidade a “reprodução da estrutura do campo do poder”, marcada pela “distribuição dos poderes e privilégios entre as diferentes categorias de agentes engajados nessa concorrência”, estando em jogo “a conservação ou a transformação da estrutura do campo”, da cultura institucional e dos princípios de poder dominantes (BOURDIEU, 2003, p. 36).

Considerando essas questões, o novo ciclo parecia evidenciar, em meados de 2019, pontos de não retorno, ainda mais se considerarmos que se tratava de uma instituição onde o *status* de construção inicial – considerando-se a implantação da UNILAB a partir de 2011 – habilita uma conformação iniciática que tende a se reiterar e permanecer. Nesse sentido, não haveria mais lugar, no imaginário em constituição no campo, para “possíveis incompatíveis” (BOURDIEU, 1996a, p. 34), recusas heroicas ou arriscados lances democráticos, considerando, inclusive, a confluência entre o ciclo interno e a conjuntura nacional. Estamos aqui entre 2017 e 2019, cabendo lembrar o contexto mais geral do país, que aponta para um esgarçamento da cidadania, ataques a direitos e retrocessos democráticos, cenário que se desdobra e capilariza no campo universitário-urbano aqui discutido, nas micro e nanoescalas cotidianas. Assim, o que parece estar em jogo é a implantação da “lei fundamental do campo” (BOURDIEU, 1996a, p. 34) e a estruturação do campo do poder, conformando um repertório de escolhas das quais aparentemente não se poderia fugir, e que eram percebidas e vivenciadas, àquele momento, em meados de 2019, como absolutas e quase irreversíveis em seus efeitos imediatos e em suas implicações de média duração. Tal parece ser o drama a desenrolar-se nesse ciclo na UNILAB.

Não se trata somente de mudanças no imaginário e da própria *illusio* (BOURDIEU, 1996a, 1996b), pois elas recriam as hegemonias e subalternidades, impactando as normas, as estruturas e as disposições sociais requeridas, com os diferentes agentes adaptando-se de modo mais ou menos conformado e competente ao cotidiano que se recria. Os próprios relatos se modificam, com a dimensão pública reduzindo-se e ganhando corpo formas de relatoria como fofocas, *fake news* e boatos, e, ao mesmo tempo, circunscrições corriqueiras administrativa e burocraticamente formalizadas e tendencialmente restritivas. Ao mesmo tempo, proliferam conflitos interindividuais nos diferentes setores administrativos, com denúncias de assédio moral e aumentando assustadoramente os processos administrativos, denunciados como detendo, alguns deles, o caráter de perseguição política.

As dinâmicas de publicização costumam restringir-se a funções, formas, situações e públicos muito específicos, fortalecendo-se dinâmicas que buscam dissipar, ocultar ou destruir histórias, memórias e personagens do passado institucional que não se enquadram na nova hegemonia em constituição. Ao mesmo tempo, é possível indiciar procedimentos de sujeição, de amenização de tensões e de fragilização de contraposições através de performances e relatos que incluem louvações e agradecimentos presenciais e virtuais, em listas de *e-mails*, por exemplo. Emerge, portanto, uma dinâmica simbólica da sujeição/submissão, com práticas cotidianas que tendem a transparecer como hegemônicas, pontuando posições e constituindo vínculos e compromissos relevantes ao campo. A essa emergente dinâmica se associam sanções/proveitos “materiais ou simbólicos” (BOURDIEU, 1996a, p. 66), assim como hierarquias no campo do poder, com um *núcleo hegemônico* e, ao mesmo tempo, um conjunto de *agregados subalternos* (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

É possível intuir, inclusive, uma *performance* pautada pelo que poderíamos nomear como “certo extremo de teatralização”, efetivada por esses agregados subalternos, enquanto os agentes do núcleo hegemônico central parecem experimentar uma “desnecessidade de teatralização”. Ao exercitar esse extremo de teatralização, alguns agentes mobilizam signos próprios à esquerda e/ou aos movimentos sociais, deslocando-os para uma dinâmica individualista de poder, em que certos indivíduos inscreveriam em si – por decorrência de características associadas ao gênero, à raça e à nacionalidade, por exemplo –, de modo automático, características relevantes, as quais cacifariam a ocupação de posições na institucionalidade, transferindo-as automaticamente para os cargos ocupados e as estruturas institucionais de que participariam. Essa individualização carrega em si uma despolitização autoritária, pois o que se observa, por vezes, é que se exercitam lógicas e práticas – para não falarmos em *performances* – marcadas por tradicionalidades, e, por que não dizer, por traços de colonialidade, à revelia de construções ou diálogos sistemáticos, persistentes, coletivos e/ou democráticos, mesmo que, em alguns casos, essas performances/relatos tentem expressar o inverso.

Os extremos de teatralização e a incorporação de signos rebeldes e das lutas sociais parecem vivificar valores e sentimentos comuns ao contexto, marcado pela influência neoconservadora e neofascista, não raras vezes através da criação de inimigos imaginários a serem enfrentados, por exemplo, em embates – eleitorais ou não – que envolvem cargos e posições institucionais, assim como em disputas discursivas públicas. Desse modo, a composição teatralizada efetiva a classificação apriorística de inimigos, superficialmente demarcados, deslocando o foco das análises e intervenções políticas para questões secundárias e constituindo, em alguns casos, performances e/ou relatos que tangenciam a exclusão ou destruição do inimigo – performances e relatos que deslocam o foco das substâncias para as formas. Não raramente, atacam-se mais os indivíduos que, ao deterem certo capital político,

evidenciam-se como capazes de gerar polos alternativos de poder e de agregar públicos percebidos como reserva/monopólio de segmentos que performam a teatralização extrema.

Um viés que também compõe esse ciclo é a fragilização do compromisso dos agentes com projetos, emergindo e prevalecendo uma lógica pragmática do poder político, buscando legitimidade em uma alegada ou implícita competência técnica e administrativa, avessa à política e ao político. Nesse sentido, cabe mencionar o deslocamento – semântico, mas também ético e político – das práticas e posicionamentos ancorados em valores e projetos, por outros, assentados na lógica, na sensibilidade e na racionalidade da oportunidade política, ou, mais propriamente, do que é oportuno em cada situação concreta, fortalecendo posturas e práticas individualistas. Decorre que o político é pragmaticamente reduzido à conquista e à manutenção de posições de poder, dividindo a comunidade acadêmica entre os que se inscrevem e os que não se inscrevem nessa nova *performance*.

Nesse contexto, também se instituem formas de gratificação material e simbólica e instrumentos de consagração que buscam criar a sensação de que tudo está indo bem e está sendo feito adequadamente, e de que haveria lugar para todos. Desse modo, esvaziam-se potenciais lugares de contraposição, de oposição e de conflito, embora, ao mesmo tempo, também se esvaziem as construções de consensos enquanto elementos essenciais à dinâmica do campo. Esvaziado o conflito enquanto elemento legítimo – do ponto de vista da teoria da democracia (MIGUEL, 2014) –, o consenso é reduzido a construções efetuadas por elites restritas, com as decisões sendo comunicadas à comunidade acadêmica, já com o caráter de fato posto e/ou irreversível. Em paralelo a isso, cabe falar no que pode ser nomeado como lógica do cansaço, do desgaste e do esgotamento, marcada pela sucessão de atos e decisões que repõem/reinscrevem reiteradamente uma questão ou tema no cotidiano institucional, no âmbito de uma lógica burocratista, esvaziando o caráter político das questões em pauta e deslocando as decisões das instâncias democráticas colegiadas para as margens técnicas ou para os centros políticos da estrutura institucional – ambos inatingíveis aos que não compõem o campo do poder. Nesse contexto, há denúncias, inclusive, de não cumprimento, pela reitoria, de decisões formadas no Conselho Superior da Universidade.

Esse novo ciclo, portanto, evidencia um deslocamento ideológico do centro de gravidade do/no campo (BOURDIEU, 1996a), cabendo até mesmo falar na possibilidade de estar em curso uma reforma institucional, intelectual e moral (GRAMSCI, 2002). Desse modo, a lei fundamental do campo, seu *nomos* (BOURDIEU, 1996a), parece conjugar elementos que reiteram uma lógica da divisão, tal qual um caleidoscópio quebrado que espatifa fragmentos múltiplos. Assim, reconstituem-se divisões entre os competentes e os não competentes, administrativa e tecnicamente, entre os sensatos e os não sensatos, entre os que detêm legitimidade e os que não

detêm, entre os técnicos e os que “querem fazer confusão”, dentre outras. Divisões essas que fundamentam a não necessidade ou impossibilidade da crítica e da oposição, conformando um contexto marcado pelo fim da história e pela pós-verdade. O conflito e a crítica são entendidos, assim, como desnecessários e indesejáveis, quando não reveladores, aprioristicamente, de incompetências. Essas divisões e concepções se reforçam através da incorporação subalternizadora de certos segmentos nas marcas performáticas da extrema teatralização, configurando táticas de desmobilização, bloqueio e interdição a potenciais oposições e resistências, variadas vezes incorporando e neutralizando indivíduos e grupos, ao enredá-los às malhas do poder que buscam se fazer hegemônicas.

Em meados de 2019, portanto, parece ter cessado o tempo do “extra-ordinário” (BOURDIEU, 1996a, p. 86). As temporalidades de utopias e sonhos – e também de heroísmos – estão sendo atravessadas por desencantamentos e frustrações sobrepostas, mantendo-se, talvez, um pouco da extrema lucidez (BOURDIEU, 1996a, 1996b) – a nos tensionar – que perpassa os tempos iniciáticos da constituição de um campo.

Sintetizando, e comparando os dois ciclos indicados, se no primeiro poderíamos ter a percepção da constituição, mesmo que breve e incipiente, de arenas públicas no sentido indicado por Cefai (2017a, p. 204, grifos do original), no campo, no segundo período, essa dimensão pública parece ter efetivamente se esvaído:

A arena pública é coproduzida como um *fórum de discussões*: o fato de que os pontos de conflito tenham de ser defendidos e justificados e de que as posições adversas devam ser criticadas e invalidadas implica operações de avaliação, deliberação e julgamento. Em tal arena pública, seus representantes exigem explicações, tomam posições e respondem às críticas. Trocam argumentos que se tornam cada vez mais conformes ao *public interest*. George H. Mead descreve esse modo de se alçar no horizonte da comunidade moral e do reconhecimento mútuo entre atores como sendo o da adoção da perspectiva do Outro generalizado. [...] Seres humanos têm uma capacidade de transcender seus interesses egoístas para realizar figuras do interesse público.

Porém, para além dessa pretensa hegemonia em construção, há que perceber que, ao mesmo tempo, os interstícios, as franjas e as brechas que atravessam e também constituem o campo, parecem conformar – mesmo de modo intuitivo, espontâneo, latente e fragmentário – uma política e uma estética das periferias e subalternidades, enredando estratégias e táticas marcadas pelas esquivas, ou, mais propriamente, pelas gingas, insinuando potências, linhas de fuga e devires minoritários (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Nesse sentido, a imersão no campo permitiu identificar indícios que revelam uma dinâmica cotidiana mais densa e complexa.

Isso pôde ser intuído, por exemplo, em evento realizado em dezembro de 2019, intitulado *Pensando a África a partir da UNILAB e a UNILAB a partir da África* (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Falas de discentes e docentes africanos expuseram a variedade e a intensidade das insatisfações no campo, com relatos referindo-se a violências, violações de direitos, desigualdades e distinções internas, a par do que cabe nomear como desencantamento com o Projeto UNILAB, expresso, por exemplo, na fala de um docente africano, que se referiu à instituição como engodo. Também houve, nesse evento, uma evocação das memórias das lutas e resistências estudantis, inclusive em suas potencialidades de construção de identidades e de escavação de lugares próprios no campo (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Alguns estudantes direcionaram suas falas para um colega docente, desanimado e cansado dos desgastes vivenciados no campo, indicando de modo direto e público: “Você não tem o direito de cansar e desistir, embora entendamos que é uma decisão muito pessoal! Mas nós estamos aqui há mais tempo que você e não desistimos, e já lutamos muito, e conseguimos conquistas que cabem preservar” (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

Também cabe falar do coletivo informal automeado como Professoras no Samba, capaz de tensionar, desmobilizar, fazer fluir e tornar porosas certas fronteiras, reconstituindo espaços e situações capazes de recriar, mais do que vínculos, regimes associativos, de pertença e ações (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Em atuação fora do espaço da UNILAB, esse coletivo vem sendo capaz de mobilizar mulheres situadas, *a priori*, em um amplo espectro político, ideológico e de movimentos sociais, deslocando a dinâmica de mobilização social para o que pode ser aprioristicamente entendido como um *modus operandis* infra ou pré-político. Porém, se dialogamos com certos autores e concepções, percebemos, nessa experiência, a interligação que envolve micropolítica/política do cotidiano e mesopolítica institucional, mantendo uma presença no campo através de astúcias e gingas capazes de reconformar potencialmente as estratégias e as táticas existentes, mesmo deslocadas das centralidades institucionais vigentes, as quais se fazem hegemônicas (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

Do mesmo modo, o jogo de futebol semanal das estudantes guineenses é espaço para exercitar o conflito, a contradição e sua mediação, para escutar, desabafar, gerar o apoio, o vínculo e o compromisso mútuo, manter a convivência reiterada, a força coletiva e os sentidos partilhados (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019) – potências a nos falar das tensões que atravessam o campo, mesmo quando mais imediatamente tudo parece estar normal, bem ou dominado.

Assim, é importante perceber vetores empíricos significativos a emergir e se refazer, considerando-se os dois ciclos indicados e destacando a importância de problematizarmos se/como eles se manterão ativos ou serão substituídos por ciclos diferentes, após 2019.

6 Considerações finais

O momento da gênese de um campo é teórica e empiricamente significativo, posto que é quando emergem e se constituem agentes que “traduzem os seus discursos articuladores e começam a enunciar outros universos de significados, outras visões de mundo, e assim, talvez, configurar outros campos discursivos de ação” (ALVAREZ, 2014, p. 47). Mais do que isso, constituem-se campos de poder, modos de lidar com situações problemáticas e ciclos singulares.

Nesse contexto, revela-se um campo onde se configuram comunidades interpretativas e mediações experienciais coletivas, com agentes que lidam com situações problemáticas de modo cotidiano e reiterado.

Embora os migrantes temporários internacionais pareçam estar experienciando dinâmicas de crescente subalternização, vários indícios sinalizam sua vitalidade, sua força, sua presença ativa e criativa. Para além do imediatamente visível, ou melhor, das aparências mais imediatas – e pretensamente hegemônicas – do campo, cabe perceber fluxos, movimentos, intensidades, tensões e conflitos que indiciam devires e potências significativas. Estes, mesmo minoritários, fragmentários e latentes, compõem esforços de contraposição, resistência e geração de alternativas, ainda que nos interstícios, franjas e periferias do campo.

Se pensarmos nas *performances*, nos regimes estéticos (BOURDIEU, 1996a, 1996b) e nas figuras que compõem o campo, a percepção do fim dos tempos heroicos e da chegada do fim da história e da pós-história se restringiria às hegemonias que se instituem e reiteram, não indiciando as pequenas e capilarizadas astúcias e gingas que atravessam o cotidiano e também o compõem. Desse modo, cabe perceber deslocamentos para os interstícios, as periferias, as margens, assentadas em insatisfações e desgastes que se acumulam, embora, muitas vezes, sejam invisíveis enquanto um vetor importante em meados de 2019. Desse modo, embora esteja presente o risco da prevalência continuada dessa forma hegemônica, interditando uma democratização efetiva, outros espaços de possíveis evidenciam-se ativos.

Cabe, portanto, dar continuidade a essa análise em outro momento, utilizando, inclusive, o arcabouço analítico aqui apresentado, discutindo criticamente o que ocorre no campo a partir de 2020.

Referências

ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 743-753, set./dez. 2009.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 13-56, jan./jun. 2014.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Pós-Graduação das Universidades Federais**. Brasília: ANDIFES, 2019. Disponível em: <https://ufla.br/images/arquivos/2019/05-maio/pesquisa-socioeconomica2018.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2019.

BARROS, Deolindo Nunes. Cooperação educacional internacional Brasil/África: do programa estudantes-convênio de graduação (PEC-G) à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). **Revista de Estudos Internacionais**, Campina Grande, v. 6, n. 2, p. 117-133, 2015.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, Charles D. **Teoria da comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119-137.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 149-184.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996b.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10.172/2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em: 31 jul. 2023.

BRAUDEL, Ferdinand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422>. Acesso em: 3 jul. 2023.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.

CEFAÏ, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 187-213, 2017a.

CEFAÏ, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 2). **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 129-124, 2017b.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GALA, Irene Vida. UNILAB: uma nova proposta de política externa para o Brasil na Educação Superior. In: LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). **UNILAB 10 anos: gênese, desafios e conquistas**. Blumenau: EdIFURB, 2021. p. 11-16.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUSMÃO, Neusa Maria Menezes de. Africanos no Brasil, Hoje: Imigrantes, Refugiados e Estudantes. **Tomó**, São Cristóvão, n. 21, p. 13-36, jul./dez. 2012.

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. O lugar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) na política externa do governo Lula (2003-2010). **O Público e o Privado**, Fortaleza, n. 23, p. 109-127, jan./jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**: Fortaleza. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana de. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina. 2015. p. 52-75.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Diáspora africana no Ceará no século XXI: ressignificações identitárias de estudantes imigrantes**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). UNILAB 10 anos: gênese, desafios e conquistas. In: LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). **UNILAB 10 anos: gênese, desafios e conquistas**. Blumenau: EdIFURB, 2021. p. 19-44.

MACHADO, Eduardo Gomes. Desigualdades e segregações socioespaciais em Fortaleza, Brasil: uma análise a partir da Praia do Futuro. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 30, p. 179-208, 2017.

MACHADO, Eduardo Gomes. Lutas políticas, disposições e transações sociais em microcampos bancários. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 17, p. 67-97, 2015.

MACHADO, Eduardo Gomes *et al.* Cidades, juventudes e conflitos urbanos: questões teórico-empíricas a partir de Redenção e Acarape. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 1, n. 25, p. 139-172, 2019.

MACHADO, Eduardo Gomes *et al.* Urbanização e os desafios à política urbana em pequenas cidades: o caso de Redenção, Ceará, no contexto de implantação da UNILAB. **Políticas Públicas & Cidades**, [online], v. 5, n. 1, p. 43-63, 2017. Disponível em: <https://doaj.org/article/697fe03a73654016b915722ac8f0919d>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MACHADO, Eduardo Gomes; GOMES, Peti Mama; SILVA, Regina Balbino. Mulheres africanas em um campo universitário urbano no Brasil. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 17, p. 277-304, 2021.

MALOMALO, Basilele I. Desafios de gestão multicultural numa universidade internacional: caso da UNILAB. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 14, n. 26, p. 75-100, 2018.

MBEMBE, Achille. **Políticas de inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MENEGHEL, Stela; AMARAL, Joana. Universidades internacionais na contracorrente. As propostas da UNILA e da UNILAB. **Universidades**, [online], n. 67, p. 25-40, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37344015004>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia; PRAZERES, Lilian L. G. A produção da subalternidade sob a ótica pós-colonial (e decolonial): algumas leituras. **Temáticas**, Campinas, v. 23, n. 45-46, p. 25-52, fev./dez. 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. Consenso e conflito na teoria democrática: para além do "agonismo". **Lua Nova**, São Paulo, n. 92, p. 13-43, maio/ago. 2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Histórico do Programa**: introdução. Brasília: Divisão de Assuntos Educacionais (DCE); Programa de Estudantes-Convênio de Graduação, 2019. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NUNES, Jordão Horta. *Frame* e identidade coletiva: uma perspectiva interacionista de análise dos movimentos sociais. **Contemporânea**, São Paulo, v. 3, n. 1 p. 143-172, jan./jun. 2013.

ORTIZ, Renato. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, v. 37, p. 105-115, 1993.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida quotidiana**: teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PETERS, Gabriel Moura. **Percursos na teoria das práticas sociais**: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RIBEIRO, Fabrício Américo. UNILA e UNILAB: uma abordagem sobre o processo de integração internacional do ensino superior a partir das universidades federais no Brasil. **Geosaberes**: Revista de Estudos Geoeducacionais, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 63-71, jul./dez. 2015.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos CES**, [online], v. 18, p. 106-131, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1533>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SILVA, Kelly; MORAIS, Sara Santos. Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos PALOP em duas universidades brasileiras. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 163-182, jan./abr. 2012.

SIMAS, Luiz Antonio. Epistemologia da Macumba de José Luiz Simas. **Canal Escritos IBICT**, 30 set. 2019. 1 Vídeo [59m06s]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=52&v=ciQLWs7xVCw. Acesso em: 21 nov. 2019.

SPELLER, Paulo. UNILAB: educação e inovação para a cooperação solidária Sul-Sul. In: LIMA, Manolita Correia *et al.* (org.). **UNILAB 10 anos**: gênese, desafios e conquistas. Blumenau: EdIFURB, 2021. p. 47-59.

SUBUHANA, Carlos. Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. **Imaginário**, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 321-355, 2007.

SUBUHANA, Carlos. **Estudar no Brasil**: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TIMBANE, Alexandre António. O lugar das línguas africanas e sua relação com a formação de identidades na UNILAB. **Batuko**: arte, cultura, africanidades e internacionalização, Redenção, a. 1, v. 2, p. 33-37, nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA). **Institucional**. 2020. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/institucional>. Acesso em: 15 jan. 2020.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Graduação**. Redenção: UNILAB, 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNTkzZjY2MmWQQtNjMzNS00-MjkzLWlW4YTAAtOGJjY2NmNjdmNzI1IiwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MmM3LTU4MzEzZTRkYzVkmSJ9>. Acesso em: 30 abr. 2020.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO NACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB).

Nosso diferencial. 2020. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Contribuição dos(as) autores(as)

Eduardo Gomes Machado – coordenador de projetos e ações que geraram os dados analisados, condução da construção do referencial teórico e da articulação teórico-empírica, participação ativa na análise dos dados e na produção textual.

Ricardo César Carvalho Nascimento – coordenador de projetos e ações que geraram dados analisados, participação ativa na construção do referencial teórico, na articulação teórico-empírica, na análise dos dados e na produção textual.

Iadira Antonio Impanta – participação ativa na articulação teórico-empírica, na sistematização e análise dos dados e na produção textual.



**Extensio
UFSC**

Revista Eletrônica
de Extensão

EXTENSÃO E ENFRENTAMENTO À COVID-19 NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS EM PEQUENAS CIDADES E EM UMA METRÓPOLE

Eduardo Gomes Machado

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira
eduardomachado@unilab.edu.br

Regina Balbino da Silva

Universidade Federal do Ceará
reginabalbino2011@gmail.com

Stefania Maria Francolino da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira
stefania.francolino@hotmail.com

Maria Valdelia Carlos Chagas de Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira
valdelia@aluno.unilab.edu.br

Adriano Paulino de Almeida

Universidade Federal do Ceará
almadriano@gmail.com

Resumo

No decorrer de 2020, e com continuidade em 2021, a pandemia da Covid-19 surpreendeu a sociedade e impôs obrigatoriedade aos pesquisadores não somente para readequar atividades e metodologias extensionistas, mas também redirecionar o foco das ações, colaborando com o enfrentamento ao coronavírus. Este relato de experiência apresenta seis ações de enfrentamento à Covid-19 realizadas em 2020 e em 2021, com participação de um grupo de extensão e pesquisa atuante a partir de uma universidade federal interiorizada e internacionalizada. O relato apresenta cada ação, indicando como ela surgiu, descrevendo sua metodologia, as atividades e os processos efetivados, os resultados e as produções geradas. Espera-se, assim, fomentar reflexões teórico-empíricas relevantes acerca do lugar, do caráter e da relevância da extensão acadêmica na sociedade, particularmente no que envolve o enfrentamento a graves questões de saúde pública.

Palavras-chave: Extensão; Covid-19; Movimentos Sociais; Pequenas Cidades; Juventudes.

SCIENCE OUTREACH AND THE FIGHT AGAINST COVID-19 IN BRAZIL: EXPERIENCES IN SMALL CITIES AND IN A METROPOLIS

Abstract

Throughout 2020, and still in 2021, we were surprised by the Covid-19 pandemic and forced not only to restructure the outreach activities and methodologies, but also to redirect the focus of the actions, cooperating with the fight against Covid-19. This experience report presents six actions to fight Covid performed in 2020 and 2021, along with a research and outreach group from a deurbanized and internationalized federal university. The report presents each action, pointing out how they emerged, describing their methodologies, activities and processes that were carried out, the results and the productions resulting from them. We expect, thus, to promote relevant theoretical-empirical reflections regarding the space, character and relevance of science outreach in society, especially on what concerns the fight against severe matters of public health.

Keywords: Outreach; Covid-19; Social Movements; Small Cities; Youths.

EXTENSIÓN Y ENFRENTAMIENTO A LA COVID-19 EN BRASIL: EXPERIENCIAS EN PEQUEÑAS CIUDADES Y EN UNA METRÓPOLIS

Resumen

A lo largo de 2020, y luego también en 2021, la pandemia de Covid-19 sorprendió a la sociedad e obligó a los investigadores no solo a readequar las actividades y metodologías extensionistas, sino también a reorientar el enfoque de las acciones, colaborando con la lucha contra el coronavirus. Este relato de experiencia presenta seis acciones de enfrentamiento a la COVID-19 que se llevaron a cabo en 2020 y en 2021, con la participación de un grupo de extensión e investigación actuante a partir de una universidad federal interiorizada e internacionalizada. El relato presenta cada acción indicando cómo surgió, describiendo su metodología, las actividades y los procesos realizados, los resultados y las producciones generadas. El objetivo es fomentar reflexiones teórico-empíricas relevantes acerca del lugar, el carácter y la relevancia de la extensión académica en la sociedad, particularmente en lo que respecta al enfrentamiento a graves cuestiones de salud pública.

Palabras clave: Extensión; Covid-19; Movimientos Sociales; Pequeñas Ciudades; Juventudes.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 20, n. 45, p. 61-82, 2023.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é fomentar reflexões teórico-empíricas relevantes acerca do lugar, do caráter e da relevância da extensão acadêmica na sociedade, particularmente no enfrentamento de graves questões de saúde pública.

Há uma literatura que discute a importância da extensão no enfrentamento da pandemia de Covid-19, geralmente efetuando uma descrição sintético-analítica de experiências extensionistas, e com foco em reflexões sobre as características e as mudanças formais e substantivas das atividades desenvolvidas (DINIZ *et al.*, 2020; MARQUES, 2020; MÉLO *et al.*, 2021; MIGUEL; SILVEIRA; DEL MAESTRO, 2020; SANTOS *et al.*, 2022; SANTIAGO *et al.*, 2021; VIEIRA; PEREIRA; CAMARGO, 2021). Este artigo participa deste debate, tendo, porém, um outro objetivo. A apresentação de seis experiências extensionistas vinculadas ao enfrentamento da Covid-19 permite identificar vetores-síntese que discutem o lugar, o caráter, a relevância, os desafios e os limites vivenciados pela extensão acadêmica no Brasil. Assim, a apresentação das experiências permite debater a extensão, inclusive discutindo caminhos para o seu fortalecimento.

O tema foi escolhido considerando-se a pandemia da Covid-19 que atingiu o mundo a partir de março de 2020, com gravíssimos impactos sociais. Em 28 de março de 2023, o Brasil atingiu a triste marca de 700 mil pessoas mortas pelo vírus (BRASIL, 2023). Ao mesmo tempo, o tema é pertinente devido ao fortalecimento crescente da extensão acadêmica no Brasil, considerando atualmente a sua curricularização, que abre espaço e demanda uma discussão mais densa e complexa sobre essa atividade-fim das instituições de educação superior no país.

A extensão tem como característica essencial dotar de densidade e efetividade teórico-prática, curricular e didático-pedagógica a formação de estudantes e participar do enfrentamento de problemas sociais, em múltiplas dimensões e escalas. Em um contexto marcado por adoecimento e morte, e pelo isolamento e/ou distanciamento social, as instituições de educação superior no Brasil vivenciaram complexos desafios. Particularmente a extensão, atividade-fim constitucional que detém centralidade na articulação entre universidade, sociedade e Estado, teve que se reinventar, constituir novos processos, atividades e formatos, buscando ser útil à promoção da saúde e ao enfrentamento da doença.

Nesse sentido, e particularmente em tempos de negacionismo, em que são desqualificadas a universidade e a ciência, ganha relevância gerar, difundir e/ou aplicar conhecimento científico. Esse conhecimento, envolvendo dados, análises, tecnologias e inovações, pode apoiar e/ou fundamentar decisões políticas relevantes no âmbito dos equipamentos, serviços, sistemas e

políticas públicas, inclusive identificando prioridades de atuação, bem como quais ações emergenciais e/ou estruturais, de médio e longo prazo, são necessárias. Entende-se, aqui, portanto, que a extensão também produz ciência, tecnologia e inovação socialmente relevante, detendo uma função acadêmica e social que vai além da divulgação científica e/ou do ensino da ciência (MARANDINO, 2013; SILVA; BISPO; CAIRES, 2022).

Este trabalho participa dessa discussão por meio da apresentação e análise das experiências desenvolvidas por um grupo de extensão e pesquisa sediado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Atuante desde 2015, o grupo conjuga ações educacionais, de extensão, pesquisa, inovação e desenvolvimento tecnológico, considerando dois vetores principais. Primeiro, analisando os impactos da implantação da universidade em duas pequenas cidades no Ceará, com foco nas experiências vivenciadas pelos discentes de graduação presencial no cotidiano urbano. Segundo, efetivando uma assessoria acadêmica a movimentos sociais e entidades populares, com acompanhamento sistemático e vivência das experiências cotidianas no território do Grande Bom Jardim (GBJ) (MACHADO; FAUSTINO, 2018; MACHADO; PEREIRA, 2020).

Serão apresentadas aqui seis ações que se inscrevem nesses vetores de atuação. São elas: (i) a pesquisa Covid-19 – estudantes da UNILAB no Ceará; (ii) o mapeamento das áreas e populações mais vulneráveis à Covid-19 em pequenas cidades, elaboração de metodologia e aplicação em uma pequena cidade; (iii) a sistematização e análise de dados da Covid-19 em Redenção, Ceará, de março a junho de 2020; (iv) o acompanhamento do Comitê Popular de Enfrentamento à Covid-19 do Grande Bom Jardim; (v) os grupos focais de mapeamento participativo e elaboração do *Mapa da Covid-19 do Grande Bom Jardim* (MACHADO *et al.*, 2021); (vi) a participação na elaboração dos volumes 1 e 2 do *Informe Direitos Humanos – Violações de direitos no contexto da pandemia da Covid-19 na periferia de Fortaleza: o caso do Grande Bom Jardim*.

A forma como cada ação surgiu será indicada, e sua metodologia e as atividades desenvolvidas serão descritas, bem como serão indicados os resultados e as produções geradas por cada ação. Espera-se que esse relato possa fomentar reflexões e instigar potenciais ações, considerando particularmente os desafios, as potencialidades e os caminhos da extensão acadêmica em contextos pandêmicos. Os principais resultados indicam, além do lugar, do caráter e da relevância da extensão acadêmica, limites e desafios enfrentados contemporaneamente, os quais incluem necessariamente, para sua resolução, o envolvimento de agentes que vão além dos grupos de extensão e pesquisa, particularmente legisladores, gestores públicos e gestores das instituições de educação superior.

EXTENSÃO EM PEQUENAS CIDADES E EM UMA GRANDE PERIFERIA URBANA

As atividades e os resultados efetivados pela extensão nem sempre possuem o reconhecimento que deveriam ter. Na verdade, muitas vezes, a extensão “não tem sido adequadamente assimilada e compreendida nas universidades” (NOGUEIRA, 2013, p. 19), o que resulta na invisibilização e na reprodução de um lugar menor para ela, diante do ensino e da pesquisa, reiterando concepções tradicionais de universidade (DEUS, 2020). Por isso, é importante relatar as experiências extensionistas, evidenciando, por vezes, uma dinâmica intensa, densa, complexa e valiosa de relações entre a universidade e a sociedade, com resultados e produções social e academicamente significativos (LEÃO, 2018).

Pesquisa Covid-19: estudantes da UNILAB no Ceará

A UNILAB é uma universidade federal pública interiorizada e internacionalizada, implantada em pequenas cidades nordestinas a partir de 2011 e que tem como um de seus objetivos estratégicos a cooperação com os países de língua portuguesa, particularmente os africanos. Ao final de 2019, a UNILAB possuía 3.894 discentes de graduação presencial no Ceará, com 3.016 brasileiros, inclusos 125 indígenas ou quilombolas, 12 timorenses e 866 africanos – com 223 angolanos, 53 cabo-verdianos, 507 guineenses, 35 moçambicanos e 48 são-tomenses (UNILAB, 2019). A maior parte desses discentes reside, nesse momento, nas cidades de Redenção e Acarape — duas pequenas cidades interioranas, situadas a aproximadamente 60 km da capital do estado do Ceará — e Fortaleza, a quinta maior cidade brasileira e uma das urbes mais atingidas pela Covid-19 na primeira onda, no primeiro semestre de 2020, e na segunda onda, em 2021.

Em abril de 2020, milhares de estudantes originários de vários países, geralmente oriundos de famílias socialmente vulneráveis, residiam distantes dessas famílias, a maioria em repúblicas que agregam entre dois e sete estudantes. Emergiu, institucionalmente, a preocupação com a saúde e a vida dos estudantes, em um contexto de crescente agravamento da pandemia, quando havia muito desconhecimento sobre a Covid-19 e não se falava ainda de vacinas. No grupo de extensão, refletiu-se sobre o que seria possível fazer, considerando uma atuação imediata e emergencial, talvez fomentando e fundamentando ações das entidades e representações estudantis da universidade, particularmente por meio das políticas de assistência estudantil, e das câmaras municipais e prefeituras.

Nesse contexto, o grupo de extensão entendeu ser importante gerar dados atualizados a partir das experiências vivenciadas e das percepções dos próprios estudantes, identificando como estavam convivendo com a pandemia e quais os principais desafios enfrentados, considerando recortes de gênero, nacionalidade, local de moradia, faixa etária e curso de graduação. Entendia-se, então, que esses dados, sistematizados, poderiam ser apropriados pelos agentes anteriormente indicados, apoiando a identificação dos segmentos estudantis mais vulneráveis e, portanto, fundamentando a definição de prioridades e ações imediatas e emergenciais a serem efetivadas.

Definiu-se, portanto, uma estratégia de pesquisa, associada à extensão e focada no enfrentamento concreto de problemas sociais, que permitisse perceber as experiências e os desafios vivenciados pelos estudantes da UNILAB no contexto da pandemia. Optou-se por disponibilizar um formulário *online* no Google Forms®, acessível pela internet, tendo como público-alvo os estudantes de graduação presencial da UNILAB no Ceará. A divulgação foi efetuada por meio dos institutos, dos cursos, das entidades estudantis, dos e-mails institucionais, das redes sociais e dos grupos virtuais, com o questionário ficando aberto para resposta por dez dias, entre 20/04/20 e 30/04/20. No momento em que foi elaborado o questionário, o universo da pesquisa contemplava 3.599 discentes matriculados em cursos de graduação presencial no Ceará. Obtivemos 810 respostas, o equivalente a 22,5% do total de estudantes, com a pesquisa detendo nível de confiança de 99% e erro amostral de 4%.

A pesquisa teve como objetivos: I. Conhecer o perfil dos estudantes de graduação presencial da UNILAB no Ceará; II. Conhecer dificuldades vivenciadas pelos discentes, no contexto da pandemia; III. Identificar segmentos e grupos mais vulneráveis, estabelecendo parâmetros para definir prioridades; IV. Estimular e subsidiar a formulação/execução de estratégias, políticas e ações institucionais, visando à prevenção/redução da velocidade de contaminação e apoio aos estudantes, por parte da UNILAB, mas também do movimento estudantil, das prefeituras, do governo do estado do Ceará e de outros agentes.

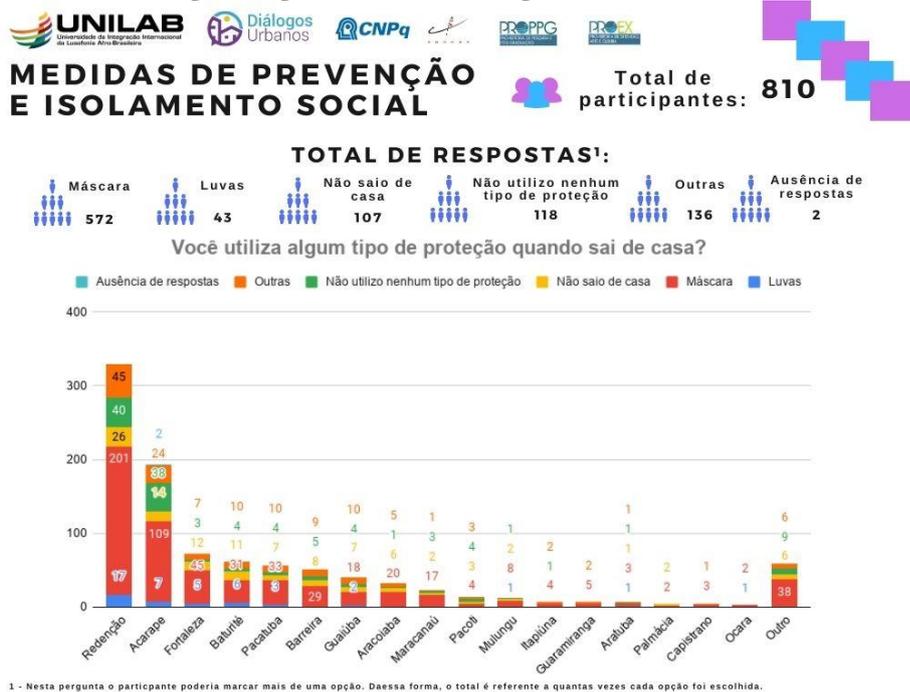
O questionário agregou os seguintes conteúdos: faixa etária, ano de início dos estudos, gênero, curso, município de residência, país de nascimento; reside em casa ou apartamento; reside com família ou com outro estudante; quantas pessoas residem em sua residência; acesso à internet, redes sociais e grupos virtuais; tem bolsa e/ou auxílio; fazendo a quarentena ou não e quais dificuldades; proteções utilizadas; saindo de casa e quantas vezes por semana; fontes de informações; diagnóstico de Covid-19.

Os resultados da pesquisa foram amplamente divulgados por meio de três relatórios. Nessa divulgação, formulou-se as seguintes questões, buscando instigar uma atuação prática das representações estudantis, da própria universidade, das câmaras municipais, das prefeituras e do

governo estadual: (i) Quais ações podem ser formuladas e executadas para prevenção, evitação ou redução da velocidade de contaminação, além das já existentes? (ii) Quais medidas de apoio aos estudantes podem ser formuladas e executadas, além das já existentes? (iii) Quais são os segmentos mais vulneráveis? (iv) Como atingir e impactar positivamente esses segmentos mais vulneráveis? (v) Quais devem ser as prioridades e os focos de atuação?

A equipe esforçou-se para divulgar o mais rapidamente possível os dados. Desse modo, o questionário foi elaborado e aplicado e os resultados sistematizados e publicados ainda em abril e maio de 2020. A ação foi divulgada no *site* institucional da UNILAB, e os relatórios foram enviados para setores e gestores da instituição e para representações discentes. Os três relatórios, com sistematização e análise preliminar dos dados, podem ser acessados no *site* do Grupo de Extensão e Pesquisa Diálogos UNILAB¹. Os dados permitem identificar os segmentos estudantis mais vulneráveis, considerando-se clivagens como município de residência e nacionalidade.

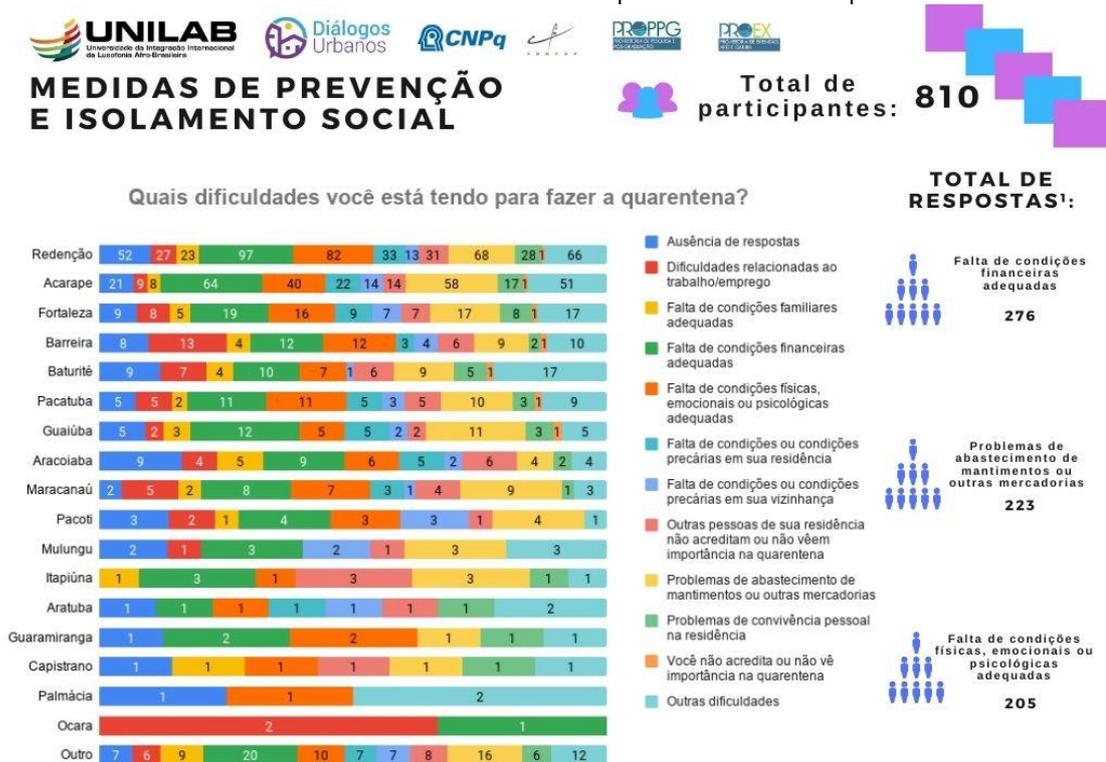
Gráfico 1 – Tipos de proteção utilizadas pelos discentes ao sair de casa



Fonte: Diálogos Urbanos UNILAB (2020).

¹ Disponível em: <https://dialogos.unilab.edu.br/producoes/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

Gráfico 2 – Dificuldades enfrentadas pelos discentes na pandemia



1 - Nesta pergunta o participante poderia marcar mais de uma opção. Da essa forma, o total é referente a quantas vezes cada opção foi escolhida.

Fonte: Diálogos Urbanos UNILAB (2020).

As duas imagens acima ilustram o tipo de resultados gerados pela ação de extensão-pesquisa, revelando dados significativos sobre os perfis estudantis e sobre os desafios vivenciados pelos discentes durante a pandemia, permitindo identificar prioridades de atuação institucional, particularmente da Universidade, das Prefeituras e do governo estadual, na confluência de ações de saúde e assistência estudantil.

Cabe indicar que, no contexto vivenciado, entre abril e maio de 2020, auge da primeira onda da pandemia da Covid-19 no Brasil, os grupos de extensão e pesquisa estavam readaptando suas ações ao contexto de distanciamento e isolamento social. Vivenciava-se um cenário de muitos adoecimentos e mortes, o que gerou intensas tensões e fragilizações em várias escalas e dimensões, o que afetou também os grupos de extensão e pesquisa acadêmicos. A fragilização emocional e social foi densa e complexa. Nesse sentido, o Grupo Diálogos fez um esforço para, nesse contexto, realizar esta ação de pesquisa associada à extensão aqui apresentada, entendendo que o papel da ação seria gerar dados atualizados, sistematizados e com análise preliminar, fundamentando e fomentando a atuação por meio de ações públicas, por parte de governos municipais e da UNILAB.

Entendeu-se que não seria responsabilidade do Grupo definir quais ações seriam desenvolvidas e efetivá-las institucionalmente, por saber que não era seu papel, e por ter

consciência dos limites de atuação do Grupo no auge do contexto pandêmico. Seria relevante ter tido condição de monitorar potenciais ações desenvolvidas por Prefeituras dos municípios onde há *campi* da UNILAB e pela Universidade, e até apoiar essas ações, possivelmente por meio de uma dinâmica democrática e participativa. Porém, isso não aconteceu, em parte porque outras ações que serão a seguir descritas foram priorizadas, a partir de demandas da sociedade, em parte porque com a equipe disponível não havia forças para tal, e em parte, talvez, porque os dados não foram utilizados pela Universidade e pelas prefeituras para priorizar ações e focos de atuação. Neste último caso, caberia gerar hipóteses analíticas que poderiam explicar por que os dados não foram utilizados, antes de efetuar afirmações mais consistentes. Mas, de todo modo, arriscando uma questão, poder-se-ia dialogar com o que foi indicado anteriormente, em relação à incompreensão da própria comunidade e gestores acadêmicos, em certa medida, quanto ao lugar, ao papel e à relevância da extensão, particularmente no enfrentamento de problemas e questões sociais graves. Também cabe lembrar que efetuar um processo de monitoramento e análise requer apoio institucional, com recursos concretos disponibilizados para a extensão, o que nem sempre ocorre nas instituições, inclusive porque nem sempre as ações desenvolvidas são reconhecidas, valorizadas e apoiadas. De todo modo, apesar das limitações na atuação do Grupo, especificamente quanto à efetivação de um monitoramento, essa ação causou orgulho.

Mapeamento das áreas e populações mais vulneráveis à Covid-19 em pequenas cidades, elaboração de metodologia e aplicação em uma pequena cidade

As ações desenvolvidas pelo grupo incluíam, à época em que emergiu a pandemia da Covid-19, uma análise urbana – entrelaçando extensão, pesquisa e desenvolvimento tecnológico – das cidades de Redenção e de Acarape, situadas na região do Maciço de Baturité, no Ceará. Buscou-se identificar e discutir aspectos da gênese, da paisagem e da morfologia, da estrutura, das funções e das dinâmicas urbanas cotidianas. A partir dessas ações, o grupo identificou/delimitou centralidades e periferias intraurbanas nas duas pequenas cidades, problematizando segregações e vulnerabilidades socioespaciais que atingiam, também, boa parcela dos discentes da universidade.

Nesse contexto, o grupo vinha avançando no trabalho com o geoprocessamento e com a cartografia, tendo, inclusive, constituído e disponibilizado virtualmente uma base cartográfica atualizada para as duas cidades, na escala das quadras². Essa base cartográfica foi fundamental

² Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/View/index.html?appid=c9a108659be54c999e67ac3fee7dfbb1>. Acesso em: 26 jan. 2022.

para o desenvolvimento da ação, revelando amplas potencialidades, ainda não efetivadas, no âmbito de sistemas e políticas públicas locais³.

A partir dessas referências e percepções, e considerando uma potencial atuação das unidades básicas de saúde, da rede de saúde mental, da rede de assistência social e da universidade, particularmente por meio da assistência estudantil, a equipe começou a dialogar sobre como poderia apoiar esses agentes no enfrentamento da Covid-19. Emergiu então a ideia, instigada por uma experiência realizada pela Fundação da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas – Fundação FEAC⁴, de se elaborar uma metodologia analítica que pudesse identificar segmentos sociais e áreas mais vulneráveis à Covid-19 em pequenas cidades, considerando contaminação e agravamento.

O objetivo da pesquisa, portanto, foi a identificação de áreas e populações mais vulneráveis à contaminação pela Covid-19, considerando pequenas cidades. Utilizou-se dados secundários – os dados do Censo de 2010 (IBGE, 2010), na escala dos setores censitários – e primários – dados gerados por meio das ações do grupo em 2019 e início de 2020.

Destacou-se como etapas do desenvolvimento e aplicação dessa metodologia inovadora: (i) planejamento, com coleta e sistematização dos dados e definição do recorte empírico da cidade de Redenção como caso piloto a trabalhar; (ii) definição dos componentes do mapeamento, ou seja, dos parâmetros que permitiriam analisar a maior ou menor vulnerabilidade à Covid-19; (iii) organização e tratamento dos dados secundários e importação para um *software* de Sistema de Informações Geográficas (SIG); (iv) importação dos dados primários para um *software* de SIG; (v) produção textual e cartográfica, incluindo as recomendações; (vi) publicização visando à ampla difusão e apropriação social; (vii) acompanhamento dos impactos e acolhimento de críticas e sugestões.

Os parâmetros analisados foram os seguintes: (i) áreas com densidade residencial acima da média do município; (ii) áreas com maior número de moradores sem abastecimento de água potável; (iii) áreas com maior concentração residencial de pessoas acima de 60 anos de idade; (iv) identificação, delimitação físico-geográfica e caracterização de centralidades e periferias urbanas; (v) identificação de áreas com alta circulação e com aglomeração de pessoas; (vi) identificação de áreas com maior concentração de moradias estudantis.

Como resultados da pesquisa, identificou-se as áreas que necessitavam de maior atenção e sugeriu-se um conjunto de ações, específicas e imediatas para: (i) as periferias urbanas; (ii) as áreas

³ A não efetivação decorre, pelo menos parcialmente, da pandemia da Covid-19.

⁴ Disponível em: <https://feac.org.br/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

com alta circulação de pessoas e com pontos de aglomeração; (iii) as áreas com concentração residencial de estudantes; (iv) as áreas com alta concentração demográfica; (v) as áreas com maior concentração residencial de idosos; (vi) e as áreas com os piores índices de saneamento. Deve-se frisar que algumas áreas concentravam duas ou mais dessas características.

Aqui cabe indicar, como também foi feito no tópico anterior deste artigo, que não fazia parte do escopo de atuação extensionista efetivar ações públicas concretas a partir dos dados, análises e resultados gerados pelo grupo de extensão e pesquisa, por entender que essa responsabilidade, particularmente no contexto territorial da cidade de Redenção, caberia à Prefeitura e à Câmara Municipal locais e também à UNILAB, por meio de ações institucionais a serem definidas. O que o Grupo Diálogos fez foi gerar dados científicos que fundamentassem e fomentassem decisões governamentais, legislativas e da Universidade, valorizando a ciência, a Universidade e a extensão em um contexto negacionista, e fomentando uma atuação pública mais intensa, imediata e focada nas prioridades identificadas. Cabe entender que, no contexto pandêmico grave, em muitos casos foi difícil até mesmo manter uma mínima atuação dos grupos de extensão e pesquisa, pois as pessoas que compunham esses grupos foram afetadas de diversas maneiras, em alguns casos de modo bastante grave.

O trabalho foi divulgado no perfil do Facebook[®] do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE)⁵; no *site*⁶, nas redes e grupos virtuais do grupo de extensão e pesquisa; no Facebook[®] da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP)⁷; e no Jornal Diário do Nordeste (COVID-19..., 2020). O trabalho também foi divulgado no perfil do Facebook[®] do programa radiofônico Café com Democracia⁸, em uma *live* promovida pela vice-prefeita de Redenção em seu Instagram^{®9} e em uma *live* no Facebook[®] promovida pela Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) da UNILAB¹⁰. A *live UNILAB plural: Diálogos digitais*¹¹, ação promovida pelo

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/ppgsuece/posts/1670512256423346/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

⁶ Disponíveis em: <https://dialogos.unilab.edu.br/>; <https://dialogos.unilab.edu.br/2020/08/19/mapeamento-interativo-dos-centros-urbanos-de-redencao-ce-e-acarape-ce/>; <http://dialogos.unilab.edu.br/2020/08/03/covid-19-em-redencao-ceara-sistematizacao-e-analise-de-dados/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/Funcap/photos/a.144532682285076/3670499606355015/?type=3&theate>. Acesso em: 26 jan. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/democraciaparticipativace>. Acesso em: 26 jan. 2022.

⁹ Live abordando o *Mapeamento das áreas e das populações mais vulneráveis: a Covid-19 em Redenção* no Instagram: @anapaula_viceprefeita.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/proexunilab/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/unilaboficial/photos/a.182430665169866/3302988459780722/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

Grupo de Enfrentamento à Covid-19 da instituição, também acolheu o Grupo Diálogos para conversar sobre extensão e pesquisa durante a pandemia.

Sistematização e análise de dados da Covid-19 em Redenção, Ceará, de março a junho de 2020

Uma terceira iniciativa do Grupo, com foco na região do Maciço de Baturité, originou-se a partir de aproximação e diálogo com a Secretaria Municipal de Saúde de Redenção. Conjuntamente, entendeu-se que seria importante efetuar o tratamento de um conjunto de dados de adoecimento e óbito devido à Covid-19 no município, com foco em uma espacialização, com evolução temporal e considerando diferentes escalas intramunicipais, incluindo distritos e localidades e proporcionando, desse modo, aos gestores, técnicos e sociedade civil uma cartografia dos casos de adoecimento e óbito, considerando a sua distribuição geográfica e evolução temporal. Isso qualificaria o enfrentamento à Covid-19, fundamentando ações mais imediatas e com foco mais direcionado em cada área do município.

O trabalho envolveu a coleta de dados — alguns repassados pela Prefeitura de Redenção —, o tratamento, a sistematização, a análise preliminar e a produção textual e cartográfica. O relatório incluiu, após uma apresentação sintética de Redenção, os seguintes tópicos: (i) casos confirmados por distritos, com evolução diária e semanal; (ii) casos confirmados por faixa etária, com distribuição municipal e por distritos, com série temporal; (iii) casos confirmados por localidades, com série temporal; (iv) situação dos pacientes por distritos, com série temporal; (v) óbitos por distritos, localidades e faixas etárias, com série temporal.

Ao final, o relatório apresenta ações e recomendações sugeridas pela equipe para a Prefeitura de Redenção¹². Dentre essas ações e recomendações, é possível destacar a padronização das formas de coleta de dados do município, considerando escalas socioespaciais relevantes, que podem ancorar ações significativas. Dessa forma, cabe considerar como escalas possíveis: município; distritos; setores censitários; localidades; territórios intraurbanos/bairros/comunidades e ruas/quadras. Aqui inclusive o Grupo Diálogos indicou já dispor de base cartográfica atualizada no nível das quadras/quarteirões, sendo possível espacializar dados nessa escala; mesmo considerando que esses dados não seriam publicizados, eles poderiam ser oferecidos, com acesso restrito, aos gestores e profissionais de saúde. Entende-

¹² O relatório pode ser consultado no site do Grupo Diálogos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares, na página de produções, com o título: *COVID-19 em Redenção, Ceará: sistematização e análise de dados, março a junho de 2020*. Disponível em: <https://dialogos.unilab.edu.br/producoes-2/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

se que essa escala permitiria ações concretas mais focadas/direcionadas, fundamentando prioridades e formas de atuação, considerando prevenção, estratégias de isolamento/distanciamento social, cuidados etc. Assim, reforça-se a percepção de que o geoprocessamento pode se tornar uma tecnologia estratégica para a qualificação política e técnica do planejamento e da gestão municipal em Redenção, subsidiando a formulação, execução e monitoramento de ações e políticas públicas, e criando condições para a democratização, com participação cidadã.

Também se indicou a importância de ações com dinâmicas multiprofissionais, inter e transdisciplinares, potencialmente integrando variadas intervenções, no âmbito da prevenção, envolvendo a difusão de informação, mas também distribuição de máscaras, álcool em gel e cestas básicas, acesso a rendas e auxílios governamentais, e criação de condições que permitam às populações atender às condições sanitárias cotidianas mais adequadas. Essas ações também poderiam e deveriam pensar o cuidado e o atendimento em toda sua complexidade, envolvendo o acesso ao sistema de saúde, com profissionais, equipamentos, insumos e recursos de modo geral.

Outra recomendação envolveu, àquela época, no primeiro semestre de 2020, pensar nos impactos socioeconômicos – e socioespacialmente delimitados – da pandemia, e também na pós-pandemia, considerando, principalmente, as comunidades e os segmentos mais vulneráveis, o que remetia à necessidade de estratégias para geração de emprego e renda, à segurança alimentar, à integralidade da saúde, envolvendo dimensões psicológicas e emocionais, e também à precariedade e/ou inexistência de domicílios, infraestruturas e equipamentos urbanos adequados.

Por fim, destacou-se a necessidade de um foco especial sobre os estudantes da educação básica e superior que residem no município, e, nesse caso também, a UNILAB, que teria um papel e uma responsabilidade importante a cumprir.

Acompanhamento do Comitê Popular de Enfrentamento à Covid-19 do Grande Bom Jardim

O Grande Bom Jardim (GBJ) é uma grande periferia urbana, com aproximadamente 221 mil moradores, localizada na área sudoeste da cidade de Fortaleza, marcada por intensa vulnerabilidade social e precariedade urbana e por segregação socioespacial de larga escala. Formado por cinco bairros – Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira – e dezenas de comunidades, detém uma experiência significativa de organização popular-comunitária, com destaque, atualmente, para a Rede de Desenvolvimento Local,

Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS do GBJ), formada por 34 componentes dentre organizações da sociedade civil, associações comunitárias, fóruns e coletivos de cultura e de juventude, organizações e grupos religiosos, entre outros.

O grupo de extensão e pesquisa efetua, por meio da extensão, uma assessoria acadêmica ao movimento popular-comunitário no Grande Bom Jardim, com destaque para a Rede DLIS do GBJ, o Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) e o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim.

Durante a pandemia do coronavírus, agentes locais instituíram um Comitê Popular de Enfrentamento à Crise da Covid-19 no Grande Bom Jardim. Fortaleza foi/é uma das cidades mais atingidas pela pandemia do coronavírus no país. O vírus adentrou a cidade através das centralidades intraurbanas, particularmente os bairros do Meireles e Aldeota, área de maior concentração de famílias de alta renda na urbe, onde se concentra a maior parcela das residências de grandes proprietários de terra e capital e de segmentos médios abastados. Aos poucos, a dinâmica local de contaminação deslocou-se para as grandes periferias urbanas segregadas. No dia 5 de maio de 2020, o comitê divulgou carta pública intitulada *Em defesa do isolamento social e da intensificação de inteligência e de protocolos sanitários nos bairros periféricos*, subscrita por 40 entidades, envolvendo organizações não governamentais, movimentos sociais, entidades e coletivos culturais e de juventudes, associações comunitárias, grupos acadêmicos de extensão e pesquisa, assessorias técnicas e grupos religiosos.

Alguns sentidos centrais atravessam a constituição e a atuação do comitê, expressos por meio das falas reiteradas de seus componentes: a agregação de forças; o fortalecimento das variadas ações de solidariedade; a efetivação de ações concretas, pragmáticas, como distribuição de cestas básicas e de máscaras e conversas com a população, difundindo informações, em espaços como feiras públicas e em comunidades específicas; a confluência de pressões, demandas, proposições e articulações com o Estado, particularmente instituições e órgãos dos governos estadual e municipal, buscando fortalecer e reorientar a ação estatal/governamental na área.

A notícia publicada no *site* do Observatório das Metrópoles intitulada *Comitê Popular de Enfrentamento à Covid-19 no Grande Bom Jardim, Fortaleza*, em 24/06/2021, destaca a força dessa sociedade civil organizada nesse território periférico. Nesse sentido, em 2020, sete campanhas de solidariedade apoiaram em torno de 30 mil pessoas no território, ressignificando a solidariedade ao vinculá-la à defesa da vida e ao direito à saúde, já evidenciando a participação popular ativa no local. Além disso, a partir de março de 2021, no contexto da segunda onda de disseminação da Covid-19 em Fortaleza, o Comitê

passou a realizar reuniões virtuais com a participação de dezenas de lideranças comunitárias, agentes comunitários de saúde, professores e gestores da educação, ativistas de organizações da sociedade civil, de movimentos sociais, coletivos culturais e de juventudes e grupos religiosos variados, assim como gestores e técnicos de variados órgãos públicos e legisladores municipais e estaduais e suas equipes, cabendo destacar o Secretário Estadual de Saúde do Ceará, secretários municipais, gestores da atenção básica, das unidades básicas de saúde no território, da vigilância epidemiológica e secretários das administrações regionais. O Comitê constituiu uma atuação política democrática e participativa ao monitorar a atuação do poder público, produzir dados e análises e gerar recomendações para ações imediatas e de média e longa duração (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2021).

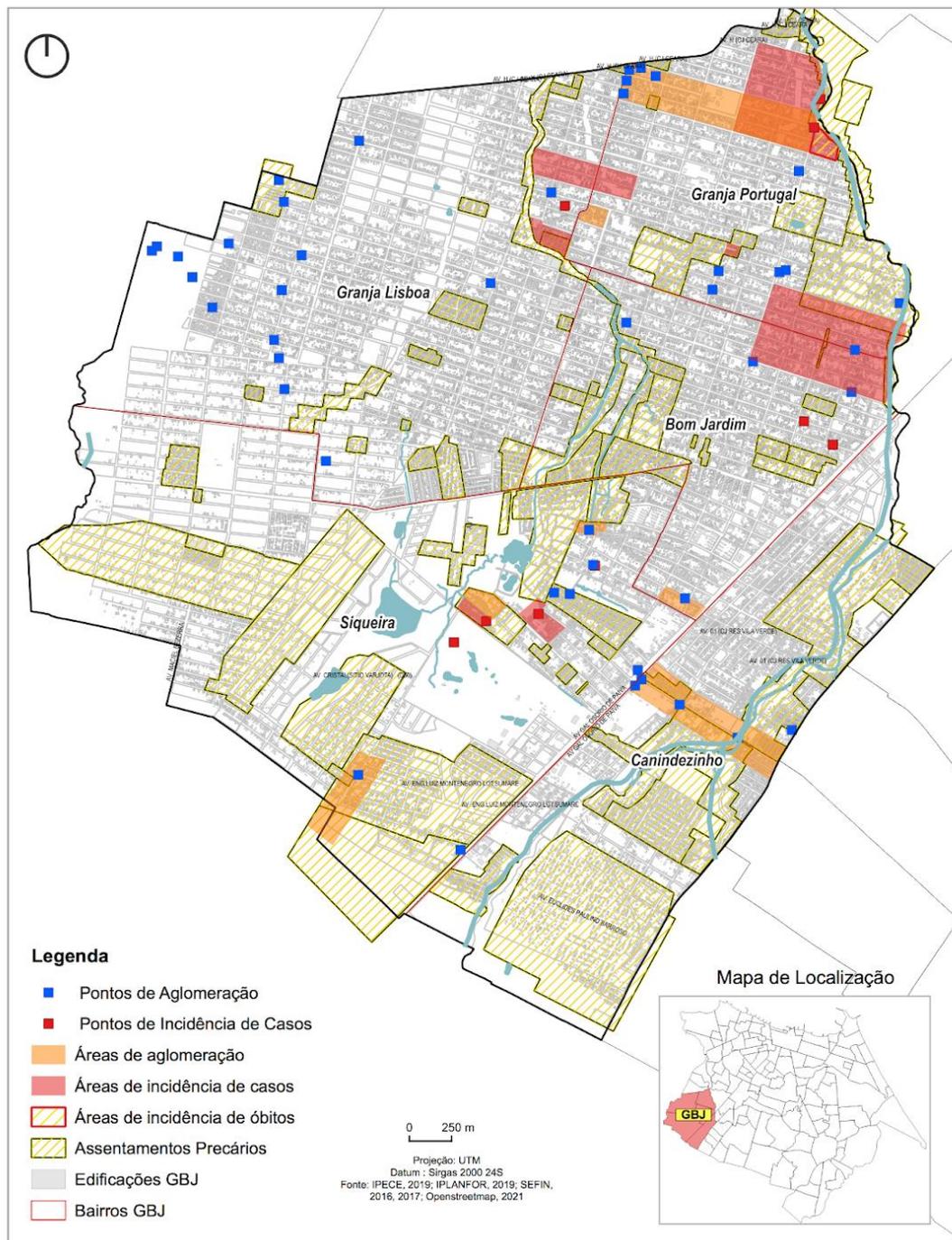
Uma das principais ações do Grupo foi o acompanhamento cotidiano ao comitê popular em 2020 e em 2021, participando ativamente de dezenas de reuniões e, particularmente, da equipe técnica que produziu o *Mapa da Covid-19 do Grande Bom Jardim* (MACHADO *et al.*, 2021).

Grupos focais de mapeamento participativo e elaboração do *Mapa da Covid-19 do Grande Bom Jardim*

A partir do acompanhamento do Comitê Popular de Enfrentamento à Covid-19 no GBJ, formou-se o Grupo de Trabalho Interssetorial Participativo, composto por pesquisadores e extensionistas de quatro universidades e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) – Ceará, por técnicos governamentais e por profissionais e lideranças em atuação no território. O grupo foi criado diante dos desafios de estabelecer estratégias de enfrentamento eficazes contra o vírus no Grande Bom Jardim, voltado para a produção de dados territorializados para auxiliar nas discussões, análises e recomendações para atuação imediata e/ou emergencial de órgãos, gestores públicos e equipes técnicas governamentais.

Decidiu-se efetuar um mapeamento participativo, por meio de grupos focais remotos de leitura comunitária, com foco em dois vetores principais: (i) identificação de pontos de transmissão, considerando locais de aglomerações de pessoas; (ii) identificação de áreas com maior concentração de casos e de óbitos, considerando vulnerabilidades urbanas. Inicialmente foram realizados dois grupos focais remotos de leitura comunitária, nos dias 27/03/21 e 01/04/21, moderados por agentes das universidades e por membros da Rede DLIS, e com a participação de 46 representantes dos cinco bairros, dentre lideranças comunitárias, gestores da educação, ativistas de organizações da sociedade civil e agentes comunitários de saúde.

Figura 1 – Mapa Participativo da Covid-19 no Grande Bom Jardim: leitura comunitária de pontos de aglomeração e de casos



**Mapa Participativo da Covid-19 no Grande Bom Jardim:
Leitura Comunitária de Pontos de Aglomeração e de Casos**



Fonte: Machado *et al.* (2021, p. 12).

O relatório apresenta o Mapa Participativo (Figura 1) e detalha as informações, dados e análises para cada um dos cinco bairros do GBJ, seguidos por recomendações de políticas públicas, sendo também apresentados dados específicos para cada um dos bairros do Grande Bom Jardim. Posteriormente, foram efetuados grupos focais para consolidação de dados e das recomendações, e produzida uma segunda edição do relatório.

Entende-se que o mapeamento participativo gerou conhecimentos inovadores e socialmente significativos, inclusive incorporando vetores teórico-empíricos não trabalhados pela gestão pública, mas importantes. Agregou análises à escala intrabairros, no âmbito de quadras, ruas e partes de ruas, permitindo, assim, a definição de prioridades e focos de atuação mais direcionados, em articulação com as unidades básicas de saúde, a estratégia saúde da família, os agentes comunitários de saúde e os agentes de endemias.

Participação no *Informe Direitos Humanos*

Os *Informes Direitos Humanos* são uma iniciativa do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS, n.d., n.p). O Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) surgiu em 1994 como resultado de um processo de mobilização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Área Pastoral do Grande Bom Jardim, com o apoio da Cáritas e do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos Arquidiocesana de Fortaleza, dos Missionários Combonianos do Nordeste, da União das Comunidades e da Área Pastoral do Bom Jardim. Surgindo de processos reivindicatórios locais para as populações empobrecidas na periferia de uma grande cidade, a identidade do CDVHS está intimamente ligada ao empoderamento dos setores populares, buscando incorporá-los ao processo de organização, mobilização e negociação de políticas públicas, em situações de participação política ativa, para denúncia e formulação de alternativas aos contextos de violação de direitos.

No contexto da pandemia, e considerando, inclusive, as campanhas de solidariedade desenvolvidas no território e a instituição e atuação do Comitê Popular de Enfrentamento à Covid-19 do Grande Bom Jardim, o CDVHS achou importante construir/sistematizar e publicizar conhecimentos territorialmente ancorados, de tal modo que as publicações pudessem:

- (i) sistematizar informações, dados e análises, apoiando e fundamentando ações de enfrentamento à Covid-19 no território e na cidade;
- (ii) identificar os desafios e dificuldades e registrar o protagonismo e as ações concretas desenvolvidas por agentes da sociedade civil local no contexto pandêmico;
- (iii) publicizar e divulgar amplamente desafios vivenciados, dados, análises, recomendações e ações desenvolvidas no território.

O grupo foi, então, convidado, enquanto órgão de extensão e pesquisa em atuação no comitê popular e parceiro do CDVHS, para participar da organização dos dois primeiros volumes do *Informe Direitos Humanos (DH) – Violações de direitos no contexto da pandemia da Covid-19 na periferia de Fortaleza: o caso do Grande Bom Jardim*. Desse modo, a participação nessas publicações se inscreve na atuação extensionista do Grupo no território, no âmbito de uma assessoria acadêmica a movimentos sociais e organizações popular-comunitárias. Um trabalho com caráter interdisciplinar e, ao mesmo tempo, assentado no âmbito das ciências sociais, particularmente da Sociologia, o que não é tão comum, posto que esse tipo de assessoria acadêmica geralmente é realizado por docentes e discentes vinculados à arquitetura, urbanismo e direito. O primeiro *Informe-DH* estruturou-se em dois capítulos: *O difícil contexto da pandemia no Brasil, no Ceará e em Fortaleza e suas implicações para as periferias*; e *Esperanças – solidariedade e fraternidade pelas periferias*. Cabe destacar as sete iniciativas solidárias desenvolvidas por agentes do Grande Bom Jardim, em 2020, para enfrentamento à insegurança alimentar e nutricional grave no território. Essas campanhas surgiram a partir da percepção de situações de extrema vulnerabilidade, como experiência muito próxima, agravada com a pandemia (CDVHS, 2020). As campanhas atingiram mais de 29 mil pessoas, mais de sete mil famílias apoiadas com ações de distribuição de alimentos, produtos de higiene e outros insumos, como também máscaras. Também se estima a doação de 205 mil quilos de alimentos (CDVHS, 2020).

O segundo *Informe-DH* estruturou-se em dois capítulos: *Uma epidemia chamada violência: gravidade persistente no contexto do Grande Bom Jardim*; e *Efeitos da pandemia na vida das juventudes do Grande Bom Jardim*.

A produção e publicação dos dois Informes evidencia a potência do movimento popular-comunitário e da extensão, em cocriação com a Universidade. Desconhecem-se outras campanhas de solidariedade que tenham atingido tantas pessoas e famílias em Fortaleza, a quinta cidade mais populosa no Brasil. Ao mesmo tempo, os Informes registram a memória dessas ações e produzem conhecimentos socialmente relevantes, contrapondo-se, inclusive, a estigmas e preconceitos que por vezes prevalecem no imaginário urbano em relação às periferias das metrópoles brasileiras. Cabe destacar que o lançamento de cada informe foi efetuado por meio de uma *live*¹³.

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/centroherbertdesouza/photos/a.920506221295008/3657336230945313>. Acesso em: 22 jan. 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que as ações aqui apresentadas são efetivamente extensionistas, o que pode ser entendido a partir dos seguintes aspectos: (i) dotam de densidade, relevância, sentido e foco as relações entre a universidade e a sociedade civil e política, gerando resultados concretos; (ii) direcionam-se para o enfrentamento de problemas e questões sociais graves, em diferentes escalas territoriais; (iii) fundamentam decisões políticas e fomentam ações públicas, particularmente de governos, câmaras municipais e da própria universidade, principalmente nas políticas de assistência estudantil e de enfrentamento à Covid-19; (iv) contrapõem-se ao negacionismo científico e acadêmico, dotando de visibilidade o lugar, o papel e a relevância da ciência, da Universidade e da extensão, revelando como a extensão também gera e difunde conhecimentos científicos, tecnologias e inovações; (v) potencialmente afetam as condições de permanência de discentes na Universidade; (vi) afetam positivamente os processos de ensino e aprendizagem e as dinâmicas curriculares acadêmicas; (vii) promovem diálogos interdisciplinares e envolvendo distintos conhecimentos. De modo mais direcionado, as ações aqui apresentadas geram três efeitos: (i) fundamentam e fomentam ações emergenciais, mais imediatas e com foco mais direcionado, mas também problematizam a necessidade de ações em médio e longo prazo, no enfrentamento à Covid-19 e na garantia do direito à vida e à saúde; (ii) promovem e/ou fortalecem dinâmicas educacionais densas e complexas, em alguns casos com caráter dialógico, articulando dimensões teóricas e práticas e promovendo interlocuções entre diferentes agentes, conhecimentos, saberes e fazeres; (iii) constroem conhecimentos significativos, com diferentes produções textuais, imagéticas e cartográficas, gerando dados e análises, inovações e tecnologias, fundamentando e fomentando a atuação pública imediata, emergencial e focada nas prioridades identificadas.

Essas experiências e efeitos fomentam reflexões sobre o caráter e o lugar da extensão, portanto, sobre a atuação dos grupos e equipes extensionistas. As ações desenvolvidas revelam a importância da extensão, fortalecendo a relação da Universidade com a sociedade civil e política e no enfrentamento concreto de problemas e questões sociais graves, urgentes e complexas. Mais do que isso, afirmam uma concepção de extensão que se contrapõe ao negacionismo que compôs o contexto pandêmico no Brasil, com a prática extensionista tornando pública e permitindo a valorização da ciência, da Universidade e da extensão.

Cabe indicar que se afirmou uma concepção de extensão que vai além da prestação de serviços filantrópica ou beneficente, com o grupo de extensão entendendo que não seria seu papel e responsabilidade efetivar ações públicas que cabem aos governos e legislativos e à gestão

universitária. Ao mesmo tempo, não houve omissão, entendendo que o lugar e papel extensionista envolvia dois vetores: (i) gerar dados que fundamentassem decisões políticas consistentes e qualificadas e fomentassem a atuação pública e institucional imediata, integral e focada nas prioridades identificadas; (ii) acompanhar o movimento popular-comunitário, efetivando uma dinâmica horizontalizada de assessoria acadêmica, respeitando a autonomia dos agentes da sociedade civil e, ao mesmo tempo, apoiando-os em suas decisões e ações e valorizando a interlocução entre conhecimentos e práticas científicas e populares.

Um dos resultados importantes do artigo envolve a relação entre a extensão e a ciência, compreendendo-se que o papel da extensão vai além do ensino de ciência e da divulgação científica. A extensão, portanto, também produz conhecimento científico relevante. O artigo evidencia como a extensão se articula à pesquisa, em parceria da comunidade acadêmica com a sociedade civil e política, gerando dados e fomentando ações públicas para o enfrentamento de problemas e questões sociais graves. Entende-se que, por meio das ações desenvolvidas, efetivou-se na teoria e na prática o que se denomina de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, efetuando uma contraposição a uma percepção e prática que dualiza pesquisa e extensão, distanciando-as uma da outra e, mais do que isso, binariamente cortando vínculos e interlocuções entre essas duas atividades-fim. Também cabe destacar que em variados casos restringe-se a produção e a difusão de ciência, tecnologias e inovação à pesquisa, reservando um lugar menor à extensão, somente de divulgação científica e contribuição no ensino de ciência. Vale reforçar que a extensão também produz conhecimento científico, tecnologia e inovação, variadas vezes por meio de abordagens participativas. A extensão adquire um papel importante, portanto, na construção e disponibilização de conhecimentos necessários ao enfrentamento da pandemia, associada à pesquisa, com referencial teórico e metodologias significativas, potencialmente gerando e difundindo inovações. Associa-se à construção de conhecimentos uma dinâmica de difusão desses conhecimentos, como ficou evidente em algumas experiências aqui apresentadas, o que depende, em certa medida, da iniciativa dos grupos, projetos e equipes extensionistas. Nesse sentido, há elementos que são de competência dos projetos, grupos e equipes extensionistas, requerendo *expertises* que permitam o desenvolvimento de atividades e dinâmicas de comunicação social. Mas, cabe destacar, há uma processualidade de incorporação e aplicação desses conhecimentos por agentes específicos, inclusas as análises e recomendações, que não depende somente dos agentes acadêmicos. Nesse sentido, os efeitos e implicações das ações extensionistas não dependem somente dos grupos, projetos e equipes extensionistas.

Destaca-se, assim, um nível mais complexo de atuação, que extrapola grupos, projetos e equipes específicas, requerendo, pelo menos, uma atuação mais sistemática das instituições de

Educação Superior, da sociedade civil e do Estado. Cabe considerar que os grupos, equipes e projetos extensionistas podem e/ou devem coconstruir e participar ativamente de ações concretas, com a sociedade civil e o Estado, mas sem assumir as competências que pertencem a estes.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP); à Secretaria Municipal de Saúde de Redenção/Prefeitura Municipal de Redenção; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); ao Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS); à Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX)/UNILAB; à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG)/UNILAB; ao Observatório das Metrópoles; aos membros da equipe técnica/do Comitê Popular; aos participantes dos grupos focais do mapeamento participativo; e aos estudantes que participaram do questionário: Ícaro Tavares Borges e Bruna Monik Moraes de Oliveira. Também agradecemos aos revisores, aos pareceristas e à comissão editorial da Revista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Vidas perdidas:** Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 11 abr. 2023.

CENTRO DE DEFESA DA VIDA HERBERT DE SOUZA (CDVHS). **Nossa história.** [n.d.]. Disponível em: <https://cdvhs.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

CENTRO DE DEFESA DA VIDA HERBERT DE SOUZA (CDVHS). **Violações de direitos no contexto da pandemia da COVID-19 na periferia de Fortaleza:** o caso do Grande Bom Jardim. Fortaleza: CDVHS, 2020. Disponível em: https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Informe-CDV2_-VF.pdf. Acesso em: 26 jan. 2022.

COVID-19: pesquisa aponta bairros mais vulneráveis no interior do Ceará. **Diário do Nordeste**, 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/covid-19-pesquisa-aponta-bairros-mais-vulneraveisno-interior-do-ceara-1.2244545>. Acesso em: 26 jan. 2022.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária** : trajetórias e desafios. Santa Maria: Ed. PRE-UFSM, 2020.

DINIZ, Emily Gabriele Marques *et al.* A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 72999-

73010, sep. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

LEÃO, Fernando Antonio Fontenele. **A relação universidade e sociedade em comunidades camponesas com conflitos ambientais**: o olhar dos moradores da comunidade do Tomé, Chapada do Apodi, Ceará. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, Instituto Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2018.

MACHADO, Eduardo Gomes *et al.* **Mapa Participativo da COVID-19 no Grande Bom Jardim**: Leitura Comunitária de Pontos de Aglomeração e de Casos. Fortaleza: Comitê Popular de Enfrentamento à Covid-19 no Grande Bom Jardim e demais Periferias de Fortaleza Grupo de Trabalho Intersetorial Participativo Equipe Técnica Intersetorial Multiprofissional, 2021.

MACHADO, Eduardo Gomes; FAUSTINO, Anna Erika Rocha. **Relatório Final da Pesquisa**: Perfil da Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS do GBJ). Fortaleza; Redenção: UNILAB; Rede DLIS; CDVHS, 2018. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2018/03/RELATORIO-FINAL-PESQUISA-PERFIL-DA-REDE-DLIS-GBJ.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MACHADO, Eduardo Gomes; PEREIRA, Alexandre Queiróz. Periferias urbanas, redes locais e movimentos sociais em Fortaleza, Ceará. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 40, e62358, p. 1-27, 2020.

MARANDINO, Martha. Educação, ciência e extensão: a necessária promoção. **Revista de Cultura e Extensão USP**, São Paulo, n. 9, p. 89-100, 2013.

MARQUES, Georgiana Eurides de Carvalho. A Extensão Universitária no Cenário Atual da Pandemia do COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**, São Luís, v. 4, n. 1, p. 42-43, 2020.

MÉLO, Cláudia Batista *et al.* A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, e1210312991, p. 1-11, 2021.

MIGUEL, Marcelo Calderari; SILVEIRA, Rogério Zanon da; DEL MAESTRO, Maria Lúcia Kopernick. Extensão universitária no enfrentamento da Covid-19: a universidade e o (re)configurar de projetos e ações. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 10, n. 1, p. 72-84, jan./abr. 2021

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). **Avaliação da Extensão Universitária**: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão. Belo Horizonte: FORPROEX/CPAE; PROEX/UFMG, 2013.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Comitê Popular de Enfrentamento à COVID-19 no Grande Bom Jardim, Fortaleza**. 2021. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/comite-popular-de-enfrentamento-a-covid-19-no-grande-bom-jardim-fortaleza/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

eduser

Estudantes da Guiné-Bissau em Portugal –
ISCSP-ULISBOA: Motivações, desafios
cotidianos, redes de sociabilidade e
perspetivas futuras

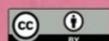
Students from Guinea-Bissau in Portugal –
ISCSP-ULISBOA: Motivations, daily
challenges, sociability networks and future
perspectives

ANTONIO GISLAILSON DELFINO DA SILVA, EDUARDO GOMES MACHADO

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X

<https://www.eduser.ipb.pt>

 **ipb** INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação



Estudantes da Guiné-Bissau em Portugal – ISCSP-ULISBOA: Motivações, desafios cotidianos, redes de sociabilidade e perspectivas futuras

Students from Guinea-Bissau in Portugal – ISCSP-ULISBOA: Motivations, daily challenges, sociability networks and future perspectives

ANTONIO GISLAILSON DELFINO DA SILVA¹, EDUARDO GOMES MACHADO²

¹ Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE, 0000-0002-3387-9109, antoniogislailson@gmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, 0000-0002-9321-6745, eduardomachado@unilab.edu.br

RESUMO: Este trabalho discute aspetos das experiências de estudantes bissau-guineenses no ensino superior português, com destaque para as motivações para ingresso, os desafios cotidianos vivenciados, as redes de sociabilidade e as perspectivas futuras de estudantes do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Metodologicamente, trabalhou-se com pesquisa e análise bibliográfica e documental, aplicação de inquéritos por questionário e entrevistas semiestruturadas. Como principais resultados destaca-se a importância do protagonismo estudantil na constituição de ações para acolhimento e permanência na educação superior em Portugal e para inscrever no cotidiano académico questões, temas e conteúdos curriculares associados à África. Ao mesmo tempo, percebe-se a ausência de políticas institucionais de assistência estudantil e de integração que apoiem esses discentes, bem como a ausência de questões, temas e conteúdos curriculares associados a África nas ações institucionais e nos projetos pedagógicos curriculares dos cursos de graduação.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes bissau-guineenses; ISCSP; Ensino Superior e Cooperação Internacional; Portugal; Guiné-Bissau.

ABSTRACT: This paper discusses aspects of Bissau-Guinean students' experiences in Portuguese higher education, focusing on motivations to enroll in higher education in Portugal, daily challenges experienced, sociability networks and prospects of students from the Institute of Social and Political Sciences (ISCSP) of the University of Lisbon. Methodologically, this study used documental research and analysis, literature review, questionnaires, and semi-structured interviews. For our main results, the study points out the importance of the leading role students play in constituting actions towards the welcoming and permanence in higher education in Portugal and towards implementing to the academic everyday life curricular contents, matters and themes concerning Africa. At the same time, we noticed an absence of institutional policies towards student aid that support these students, as well as the absence of curricular contents, themes and matters concerning Africa in the curricular pedagogical projects and institutional actions of undergraduate courses.

KEYWORDS: Bissau-Guinean Students; ISCSP; Higher Education and International Cooperation; Portugal; Guinea Bissau.

1. Introdução

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “*Fidjus di Tchon na terra di djintis*”: as experiências de integração social e académica de estudantes Bissau-guineenses do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas¹. Durante a pesquisa, foi analisada a mobilidade internacional de estudantes oriundos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que frequentavam o ensino superior em Portugal, tendo como foco as experiências sociais e académicas de estudantes bissau-guineenses vinculados ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), da Universidade de Lisboa, em Portugal.

Portugal e os PALOP mantêm uma relação próxima. Na década de 1970, após as descolonizações, as relações com esses países foram estreitadas através da efetivação de acordos de cooperação, englobando, entre outros, os domínios científico e cultural, inclusive, prevendo o acesso “nas instituições de ensino bem como a possibilidade de concessão de bolsas de estudos” (Jardim, 2013, p. 15).

Nesse contexto, a cooperação internacional na área da educação permitiu, na avaliação de Jardim (2013), “incentivar a vinda dos estudantes oriundos destes países para prosseguirem o ensino superior em Portugal, pelo que desde há décadas que existe um número significativo de estudantes africanos(as) a frequentar as universidades portuguesas” (p. 15).

Assim, nota-se que a presença dos(as) estudantes, oriundos(as) dos PALOP em Portugal, está relacionada, também, com instrumentos resultantes dos acordos de cooperação entre os países.

Desse modo, Portugal, que tradicionalmente era considerado um país de emigração, deparou-se, nas últimas décadas, com um novo fenómeno, a imigração. Tal fenómeno fez (e faz) com que a demografia portuguesa ganhasse mais diversidade e, também, complexidade. Duque (2012) destaca que um dos motivos que justifica essa mudança é a entrada de muitos imigrantes, sobretudo dos PALOP, principalmente a partir dos anos 1970. Ora, tal fluxo explica-se, de certo modo, pela descolonização das antigas colónias e o reconhecimento de suas independências, sendo que, anteriormente, as relações (desiguais) de Portugal com as ex-colónias na África eram as que decorriam da sua condição de país colonizador.

Considerando esse contexto, apresentam-se aspetos das experiências de estudantes bissau-guineenses no ensino superior português, concretamente, do ISCSP da Universidade de Lisboa, particularmente associados às motivações, aos desafios cotidianos, às redes de sociabilidades e às perspectivas futuras deles(as).

O trabalho encontra-se estruturado nos seguintes tópicos: Cooperação internacional entre Portugal e Guiné-Bissau e ingresso no ensino superior; Motivações para estudar em Portugal e no ISCSP; *Nô bim Studa* (Nós viemos estudar): dificuldades cotidianas e permanência no ISCSP; A (in)visibilidade do continente africano nos currículos e eventos do ISCSP; As redes e modelos de sociabilidade e solidariedade dos(as) estudantes bissau-guineenses do ISCSP; E depois? Retornar à Guiné-Bissau ou continuar em Portugal? Considerações finais.

2. Cooperação internacional entre Portugal e Guiné-Bissau e ingresso no ensino superior

Nos seus documentos oficiais (Acordo entre o Governo Português e o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, 1974; Decreto-Lei n. 75, 1976; Decreto-Lei n. 76, 1976; Programa Estratégico de Cooperação Portugal: Guiné-Bissau 2021-2025, 2021; Resolução do Conselho de Ministros n. 121, 2022), é notório salientar que para Portugal a cooperação é, sem dúvida, um dos importantes pilares da sua política externa e, também, um dos instrumentos indispensáveis na sua relação com os demais países. Destaca-se uma “preferência” nas relações com os PALOP e em promover a língua portuguesa pelo mundo. Assim sendo, a Guiné-Bissau não seria uma exceção. Nesse contexto, a história recente da cooperação entre Portugal e Guiné-Bissau reflete, na avaliação do Estado português,

o bom relacionamento político existente entre os dois países e assenta numa matriz cultural, jurídica e institucional comum e de competências técnicas específicas em áreas fundamentais para o Desenvolvimento, possibilitando a língua comum um mais fácil enquadramento da intervenção da Cooperação Portuguesa na Guiné-Bissau (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento [IPAD], 2008, p. 12).

¹ No crioulo/kriol e/ou na língua guineense, apesar de não ser uma língua oficial do país, e por consequência não tem ainda um estatuto oficial, uma tradução que mais se aproxima do contexto é: “Filhos de Guiné-Bissau na Diáspora ou na terra do outro”.

Em janeiro de 1976, o Decreto-Lei n. 75 (1976), de 27 de janeiro, aprova o Acordo Geral de Cooperação e Amizade celebrado entre a República da Guiné-Bissau e Portugal, assinado em 11 de julho de 1975. É importante salientar que, segundo Jardim (2013), anos antes, ainda em 1974, tinha sido assinado um protocolo de Acordo entre o Governo Português e o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (1974), e que estaria na origem do reconhecimento da Guiné como país soberano. Nesse protocolo de Acordo, assinado em Argel, a 26 de agosto, estava já previsto o estabelecimento de relações de amizade e cooperação entre as partes, nomeadamente prevendo-se um compromisso mútuo quanto à cooperação nos seguintes domínios: económico, financeiro, cultural e técnico.

Esse diploma foi retificado, dando origem ao Decreto-Lei n. 76 (1976), de 27 de janeiro, como o Acordo de Cooperação Científica e Técnica entre o Estado da Guiné-Bissau e a República Portuguesa. Essa retificação teve como intuito expresso o de contribuir para o progresso da Guiné-Bissau, através da transmissão de conhecimento e formação de quadros guineenses. No art. 3º, o Estado português, “procurará facultar amplamente aos candidatos que lhe forem indicados pelo Estado da Guiné-Bissau o acesso aos estabelecimentos portugueses de ensino e de formação profissional, bem como a estágios profissionais em organismos públicos e privados” (Decreto-Lei n. 76, 1976, art. 3º).

De forma geral, o ingresso dos(as) estudantes bissau-guineenses no ensino superior português ocorre através de três vias: bolsas de estudos, regimes especiais de ingresso e candidaturas em editais específicos de cada universidade e instituto politécnico. Quanto às bolsas de estudos, estas são disponibilizadas anualmente em número bastante limitado, com critérios e modelo de seleção próprios, e fazem parte dos projetos de apoio ao desenvolvimento, criados por Portugal através do Instituto Camões (IC), e por instituições privadas portuguesas como a Fundação Calouste Gulbenkian. Outras instituições privadas portuguesas disponibilizam bolsas de estudos (licenciatura e mestrado), as quais contemplam estudantes oriundos(as) dos PALOP. No entanto, um dos requisitos indispensáveis, para além de estarem matriculados(as), no momento da inscrição, em uma instituição de ensino superior português, é que os(as) estudantes contemplados(as) regressem para o seu país de origem após a conclusão dos seus cursos, como são os casos da Fundação Millennium BCP e da Fundação Cidade de Lisboa.

Quanto ao “regime especial de ingresso”, é atribuído aos(às) estudantes que não foram beneficiados(as) com bolsas de estudos a nível da cooperação ao desenvolvimento pelo Estado português, como nos casos dos(as) estudantes bissau-guineenses que estudam sem bolsas de estudo. Cá (2015) destaca que, apesar de serem incluídos(as) nos regimes especiais de acesso, regularizam as suas situações diretamente com as instituições de ensino nas quais pretendem estudar, cumprindo os requisitos legais exigidos por cada universidade/instituto. Esse regime envolve uma forma de acesso autónoma, distinta do concurso nacional de acesso, que exige do(a) candidato(a) a realização de exames nacionais. Tal regime procura a inclusão e pretende reequilibrar a igualdade de oportunidades, tendo em vista que cada estudante possui um percurso académico específico, que deve ser levado em conta.

Quanto aos editais específicos, o(a) encarregado(a) e/ou procurador(a) realiza a inscrição do(a) candidato(a) diretamente com as universidades e institutos politécnicos, obedecendo aos prazos, documentação solicitada e pagamento de taxa de matrícula. Após a divulgação do resultado, caso o(a) candidato(a) seja aprovado(a), é efetuada a matrícula e, em seguida, enviada a carta de aceitação para a solicitação do visto de estudo.

No que diz respeito à entrada dos(as) estudantes no ISCSP, os dados coletados permitem afirmar que a maioria dos discentes bissau-guineenses do instituto, no período entre 2011 e 2021, ingressou pelo regime especial de ingresso, na categoria estudantes nacionais dos países africanos de expressão portuguesa.

Cabe indicar que o Programa Estratégico de Cooperação Portugal: Guiné-Bissau 2021-2025 (2021), assinado em janeiro de 2021, e a Resolução do Conselho de Ministros n. 121 (2022), com data de 9 de dezembro de 2022, parecem apontar para outras ações no campo da cooperação internacional entre Portugal e Guiné-Bissau e ingresso no ensino superior. Porém, quando esses documentos são publicizados a pesquisa que originou este artigo já tinha finalizado a recolha de dados.

3. Motivações para estudar em Portugal e no ISCSP

No que diz respeito aos motivos e decisões que levam os(as) estudantes bissau-guineenses a procurarem formação superior em Portugal, Monteiro (2018), em sua dissertação de mestrado, destaca que

o método mais utilizado na literatura para identificar os motivos que levam os estudantes internacionais a estudar no exterior é o modelo *push-pull* (empurrar-puxar). Quanto aos motivos *push*, Monteiro (2018) evidencia que, numa primeira fase, os(as) estudantes são “empurrados(as)” para realizar um programa de mobilidade por razões diversas (política, económica, educacional, entre outras), que os(as) estimulam a escolher um país estrangeiro para continuar os estudos. Em seguida, esses(as) mesmos(as) estudantes são “puxados(as)” para um determinado destino, ou seja, têm em conta os motivos *pull* que estão relacionados com motivos de atração do país-destino e da instituição de acolhimento, tal como comprovam vários autores (González et al. 2011; Mazzarol et al. 2002).

Quando questionados sobre quem influenciou na tomada de decisão para estudar em outro país, 52% dos(das) estudantes bissau-guineenses entrevistados(as) salientaram a influência da família; 40% indicaram ter sido uma escolha unicamente individual; 4% reputaram que a Igreja foi fundamental na decisão; e 4% outras influências ou não responderam (Silva, 2021). A influência da família é patente, como revelam os depoimentos a seguir, o que também envolve redes de apoio na diáspora:

Eu já estava cá em Portugal, quando voltei para Guiné [Bissau] era para conseguir uma bolsa de estudos para Marrocos, porém a minha tia disse-me que era melhor voltar para estudar em Portugal, porque eu já estava no convento e já tinha residência portuguesa (Entrevistada A, 27 anos, Relações Internacionais).

A escolha para estudar em Portugal não dependeu só de mim, tenho um familiar que se formou em Portugal e depois retornou para Guiné-Bissau para trabalhar. Ele sugeriu que eu também viesse estudar cá (Portugal) e isso influenciou e motivou na decisão (Entrevistado C, 26 anos, Sociologia).

Quanto à escolha de estudar em Portugal, o prestígio das universidades portuguesas, a carência de universidades superiores de qualidade na Guiné-Bissau, a língua portuguesa e a oferta de oportunidades profissionais foram citadas como as principais razões que motivaram a escolha do país.

Um dos motivos que eu escolhi vir para Portugal para estudar é devido à qualidade de ensino, sendo que é um país bem avançado, em termos sociológicos, e que respeita os direitos humanos, e permite o estudante fazer outro tipo de pesquisa e ampliar mais o conhecimento, para tentar saber mais ou menos como a sociedade funciona (Entrevistada B, 25 anos, Sociologia).

O ensino superior em Guiné-Bissau é muito fraco, sendo que possui um déficit de materiais [de estudos] nas universidades, falta de infraestrutura e professores qualificados (Entrevistado C, 26 anos, Sociologia).

Nota-se, portanto, que a carência de instituições de ensino superior de qualidade em Guiné-Bissau, na avaliação dos(as) estudantes entrevistados(as), faz com que busquem formação superior no exterior. Quanto a esse ponto, o surgimento e a evolução do ensino superior na Guiné-Bissau passaram por várias etapas até se materializar. Apenas depois da Independência, em 1973, o país começou a preocupar-se com a questão universitária (Cá, 2009; Monteiro, 2005; Sani, 2013; Silva, 2021; Sucuma, 2013).

Referente à escolha do ISCS, enquanto instituto de formação superior, de um lado, a qualidade de ensino e do curso pretendido foram fatores de preferência para a tomada de decisão. Por outro lado, a disponibilidade de vagas também foi citada como motivo de escolha.

Os dados gerados não permitem afirmar que o acesso ao emprego, à oferta de oportunidades profissionais tenha sido a principal motivação dos(das) estudantes. A inexistência de universidades em Guiné-Bissau e o prestígio das universidades portuguesas representam 52% das motivações apontadas pelos(as) estudantes. A imersão na comunidade bissau-guineense permite perceber que, em vários casos, os(as) estudantes conjugam o trabalho intensivo, em períodos específicos como o verão, ou durante um ou dois anos, como estratégia a fim de gerar recursos para a manutenção das despesas pessoais e o pagamento das propinas. Também cabe indicar que, na maioria dos casos, essa estratégia se articula à existência de redes familiares e de amizade que efetivam um papel de essencial de apoio, sem o qual seria impossível essa dedicação aos estudos.

3.1. *Nô bim Studa (Nós viemos estudar): dificuldades cotidianas e permanência no ISCS*

A transição para o ensino superior significa, segundo Jardim (2013), “uma nova etapa para qualquer estudante. Muitas vezes não significa apenas um novo espaço, novos colegas e professores e novos planos curriculares, poderá ir bem mais além destas ‘novidades’” (p. 81). Assim, os(as) estudantes são

confrontados(as) a viver e a lidar em ambientes totalmente diferentes daqueles em que viviam anteriormente, ainda no país de origem. Essa transição, no caso específico dos(as) estudantes bissau-guineenses, não diz respeito apenas à transição do ensino secundário para o ensino superior, diz respeito também à entrada no ensino superior fora do país de origem, em outro espaço, outra cultura, com outras pessoas. Desse modo, embora os depoimentos indiquem que para os(as) estudantes a mudança para outro país, e particularmente para Portugal, seja capaz de gerar oportunidades educacionais e profissionais, cabe considerar que um conjunto de desafios e dificuldades complexas são vivenciadas nesse processo.

Como apontam Almeida et al. (2001), é bastante desafiadora a transição do ensino secundário para o ensino superior, uma vez que “exige que os jovens se confrontem com múltiplas e complexas tarefas e as resolvam de uma forma mais ou menos bem-sucedida para que, assim, possam progredir (obtendo sucesso e satisfação académica)” (p. 6). E, pode-se acrescentar, ainda mais quando essa transição ocorre em outro país, considerando-se, inclusive, as diferentes de sistemas, modelos, concepções e práticas educacionais, envolvendo Guiné-Bissau e Portugal.

Quanto ao acolhimento e receção foi possível constatar o papel importantíssimo do Núcleo de Estudantes Africanos (NEA), do ISCSP, sendo que, segundo os(as) entrevistados(as), o núcleo sempre esteve preocupado com os(as) estudantes e disponibilizando-se para ajudar, na medida do possível, no que fosse preciso. Porém, por parte do instituto, os(as) estudantes citaram que não receberam nenhum tipo de acolhimento e nem receção.

Quando eu entrei e fui fazer minha inscrição, algumas pessoas do NEA estavam ali, acolhendo as pessoas e orientando (Entrevistada A, 27 anos, Relações Internacionais).

Para ser sincera, não recebi nenhum tipo de apoio por parte do ISCSP, eles não fizeram nada [...] o único apoio que recebi foi por parte da minha comunidade (guineense), através do NEA, foi eu que procurei o presidente e ele me explicou como as coisas funcionam lá (Entrevistada B, 25 anos, Sociologia).

Evidencia-se, portanto, a importância da auto-organização estudantil para permanência na educação superior, e, ao mesmo tempo, a inexistência de políticas institucionais de assistência estudantil do instituto e da universidade, capazes de alcançar os(as) estudantes bissau-guineenses. A auto-organização estudantil é, na verdade, um indício da existência de redes de sociabilidade que constituem dinâmicas cotidianas de fortalecimento e apoio mútuo, o que adquire bastante relevância, considerando o contexto anteriormente indicado e as dificuldades de adaptação vivenciadas.

Durante o percurso académico, os(as) estudantes são confrontados(as) a vivenciar e a conviver com uma nova realidade, na maioria das vezes, diferente daquela imaginada quando ainda no país de origem. Assim, essa nova realidade com que o(a) estudante se depara impõe desafios a superar (Jardim, 2013). Além disso, Duque (2012) destaca que “se inicialmente a vinda para um país europeu passa por uma fase de ‘encantamento’, através do contacto com uma nova realidade, posteriormente, aquele sonho pode esmorecer, gerando-se um inevitável tempo de confronto entre costumes e valores” (p.7).

Durante a pesquisa, as dificuldades de adaptação foram divididas em dois períodos: 1º – as dificuldades sentidas pelos(as) estudantes nos momentos de ingresso no instituto e 2º – as dificuldades sentidas no período em que foi realizada a pesquisa.

Quanto ao primeiro período, constatou-se que as dificuldades financeiras, o ritmo de trabalho, considerando o contexto de trabalhador-estudante, a compreensão da língua portuguesa e o relacionamento com colegas portugueses foram, inicialmente, situações problemáticas e grandes desafios no percurso académico dos(as) estudantes.

No meu primeiro ano, tive muitas dificuldades, até tive de repetir o ano, porque eu estava a estudar e trabalhar e não estava a acompanhar as aulas [...] eu chegava em casa a meia-noite, estava mesmo cansada, dormia e tinha de acordar bem cedo para ir ao trabalho (Entrevistada A, 27 anos, Relações Internacionais).

Eu senti imensas dificuldades, principalmente para integrar com os colegas de turmas, pois são pessoas de culturas diferentes [...] também tive dificuldades na língua portuguesa, tanto na escrita quanto na fala, às vezes na turma eu tinha de repetir um assunto duas ou três vezes para os professores e colegas perceberem (Entrevistado C, 26 anos, Sociologia).

Eu tinha muita dificuldade em compreender o que os professores estavam explicando. Tinha professor que explicava muito rápido e eu não conseguia entender estudantes, bem como o ritmo de trabalho –

trabalhador-estudante e relacionamento com colegas [...] deve ser por causa da língua [portuguesa] (Entrevistado G, 24 anos, Ciência Política).

Quanto às dificuldades sentidas no momento da pesquisa, particularmente durante a entrevista, é curioso destacar que as dificuldades financeiras e o ritmo de trabalho – trabalhador-estudante – mantiveram-se presentes na fala dos(as) estudantes, evidenciando questões estruturais que afetam sobremaneira o cotidiano vivenciado.

3.2. A (in)visibilidade do continente africano nos currículos e eventos do ISCSP

O ISCSP é uma das instituições acadêmicas mais antigas de Portugal, com mais de 100 anos de existência. Durante esses anos, o instituto formou milhares de quadros que foram e são referências nos seus respectivos países, principalmente nos PALOP. Entre um dos seus objetivos institucionais, está a contribuição para a cooperação internacional e aproximação entre povos, resultando, assim, na presença de estudantes africanos(as), em particular, dos PALOP, na instituição.

De acordo com os dados recolhidos na pesquisa², entre 2011 e 2021, ou seja, em um intervalo de dez anos, os(as) estudantes bissau-guineenses foram os(as) originários(as) de países africanos que mais ingressaram no ISCSP. Nos cursos de licenciatura, ingressaram 423 estudantes e nos cursos de pós-graduações (especialização, mestrado e doutoramento) aproximadamente 50 estudantes.

No entanto, conforme os(as) entrevistados(as) indicaram, pouco se fala de África no instituto, notando-se certa “ausência” de temas e questões e, de modo geral, conteúdos curriculares relacionados com o continente nos projetos pedagógico-curriculares e nos eventos da instituição. Quanto aos currículos, através do *site* oficial do ISCSP, é possível analisar a oferta educativa, bem como o plano de estudos. Os cursos que mais formaram e/ou formam estudantes bissau-guineenses são: Administração Pública, Relações Internacionais, Gestão de Recursos Humanos e Sociologia. Através dessa análise, é possível constatar a ausência de unidades curriculares específicas sobre o continente africano. O curso de Relações Internacionais possui apenas duas unidades curriculares sobre África (Lusofonia e CPLP e História de África) oferecidas no 1º ano do curso. Nos cursos de Sociologia, Administração Pública, Gestão de Recursos Humanos e Ciência Política não se encontrou a existência de unidades curriculares específicas sobre África. No curso de Antropologia, existe uma unidade curricular sobre África – Área Etnográfica de África: África Subsaariana e Norte de África. Com essa ausência de unidades curriculares, o continente africano e, em particular, os países dos PALOP, são citados apenas como exemplos de uma temática em discussão. Nesse sentido, “às vezes, os(as) professores(as) pedem para trazeremos um exemplo sobre a Guiné-Bissau, para fazermos uma comparação com outros países europeus” (Entrevistado C, 26 anos, Sociologia).

Outro fator importante a analisar é a presença do continente africano nos eventos organizados pelo instituto em parceria com o NEA. Dos eventos realizados analisados, o único específico sobre África é a Semana Africana, realizada sempre no mês de maio, em comemoração ao Dia de África (25 de maio).

Além da Semana Africana, o NEA também realiza eventos alusivos à data comemorativa da Independência da Guiné-Bissau (24 de setembro) e, em parceria com o Centro de Estudos Africanos do ISCSP-CEAF, realiza conferências e seminários anuais para debater temas sobre o continente africano. Nesse contexto, os eventos com temáticas voltadas para o continente africano são organizados mediante iniciativa do NEA e, em alguns casos, em parceria com o CEAF. Por outro lado, em relação aos eventos organizados e com iniciativa do ISCSP, um dos entrevistados cita que:

Geralmente, o ISCSP realiza muitas conferências anualmente, em diferentes áreas e diferentes cursos, mas a maioria dos convidados e autores são todos europeus [...] existe um certo déficit de representatividade, tendo em conta que a comunidade africana é muito significativa no ISCSP e eles [ISCSP] poderiam convidar nessas ocasiões personagens africanos para poderem participar e aumentar a autoestima dos estudantes africanos (Entrevistado E, 23 anos, Administração Pública).

Inexistem, portanto, movimentos institucionais permanentes no instituto e na universidade de reconhecimento e de inserção acadêmica de temas, questões e autores(as) africanos(as) no cotidiano universitário, com potenciais efeitos curriculares significativos. Embora se compreenda que a mera inclusão

² Para informações mais detalhadas sobre o perfil de ingresso dos(as) estudantes bissau-guineenses: curso, idade, género, curso e ano letivo, consultar a dissertação de mestrado de Silva (2021), a qual está na listada nas Referências.

de temas, questões e autores(as) africanos(as) nos currículos e no cotidiano acadêmico não gere automaticamente integração, considera-se que é um requisito relevante à constituição de uma instituição de educação superior intercultural e/ou multicultural. As iniciativas acadêmicas que se poderia nomear como decoloniais, nesse sentido, originam-se na sua maioria como resultado da mobilização e atuação universitária dos(as) próprios(as) estudantes.

4. As redes e modelos de sociabilidade e solidariedade dos(as) estudantes bissau-guineenses do ISCSP

No que diz respeito às redes, Kelly (1995, como citado em Truzzi, 2008) evidencia que referente às funções sociais das redes define-as como “agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos.” (p. 203).

Um aspecto importante que deve ser considerado é que se deve analisar as redes na perspectiva das relações entre os indivíduos, ou seja, o ponto fundamental é identificar, a partir de cada indivíduo, as suas redes de relações. Truzzi (2008) entende que, fazendo essa análise, “o conceito de redes concebe a sociedade como um conjunto de relações, e introduz uma dimensão da estrutura social entendida como estrutura de relações, o que é bastante diferente de imaginá-la como estruturada segundo categorias agregativas” (p. 214).

Já a sociabilidade é, de certo modo, uma forma de manter e promover redes de convívio social. O sociólogo francês Jean Baechler (como citado em Gosciola, 2008) relata que “a sociabilidade se estabelece por redes pelas quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem os seus interesses, gostos, paixões, opiniões” (p. 28).

Além disso, Simmel (2006) destaca que a sociabilidade não tem propósitos e objetivos, nem conteúdos, nem resultados exteriores, sendo que “ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo é nada além do sucesso, do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele” (p. 67).

Quanto ao conceito de solidariedade, o sociólogo Durkheim (1991), na sua obra *Da Divisão do Trabalho Social*, de 1893, ressalta que a solidariedade é uma relação moral que faz com que os indivíduos se sintam pertencentes a uma mesma sociedade e esse sentimento de pertença está relacionado com os valores baseados nos costumes, nas tradições e na forma como eles atuam na sociedade, garantindo que as ações sejam compartilhadas entre os indivíduos, impedindo, por exemplo, a exclusão e o caos social.

Realçam-se particularmente as redes de amigos, os tempos livres e as atividades de lazer. Relativamente aos(as) estudantes bissau-guineenses, Quintino (2004) enfatiza que os guineenses se inserem num sistema de sociabilidade recíproca e que renovam os laços entre parentes e amigos. Segundo a autora,

são nesses modelos de sociabilidade [...] que a comensalidade, o *djumbai*, a música e a dança e as etiquetas que regulam as sociabilidades são formas dinâmicas de celebração da etnicidade e um meio através do qual os guineenses realinham as suas diferenças, negoceiam a sua cultura e produzem o discurso identitário. (Quintino, 2004, p. 299).

Assim, quanto aos(as) estudantes, notou-se, através da pesquisa, que o tempo livre e o tempo de lazer são momentos em que eles(as) praticam a sociabilidade e, também, em alguns casos, a solidariedade. Em relação aos amigos, nota-se que os vínculos de amizades – maioritariamente compostos por conterrâneos – são, de certo modo, uma forma de compartilhar momentos e fortalecer os laços. Por outro lado, no ambiente acadêmico os amigos servem como suporte na superação das dificuldades vivenciadas no decorrer desse percurso. Ademais, Costa et al. (1990) destacam que, “quando amizades e camaradagem surgem e se confirmam no interior da universidade, elas podem contribuir também para sentimentos de identidade e pertença, mesmo quando essa identidade não queira ser conformista com os modelos institucionais dominantes” (p. 200).

Quanto ao tempo livre, os(as) estudantes participam e realizam diversas atividades, entre elas: atividades alusivas à Semana de África, Independência de Guiné-Bissau e participação no NEA. Através delas, os(as) discentes discutem temáticas específicas sobre o continente e o país de origem, mas, por outro lado, constituem e reiteram formas de se socializar, principalmente, com os amigos presentes. Constitui, ainda, uma forma de “amenizar” a saudade da Guiné-Bissau, por meio das músicas e danças, do vestuário e da gastronomia.

Quanto ao lazer, as atividades acontecem, na maioria das vezes, fora do instituto. As atividades desportivas são uma das práticas usadas pelos(as) estudantes. Alguns discentes bissau-guineenses fazem parte da seleção de futebol da Associação de Estudantes do ISCSP-AEISCSP. Além disso, passeios, encontros e *sintadus*³ ao ar livre, com intuito de aproximar os(as) estudantes veteranos(as) dos recém-chegados(as), configurando formas de sociabilidade por parte dos(as) estudantes e, ao mesmo tempo, momentos de lazer.

5. E depois? Retornar à Guiné-Bissau ou continuar em Portugal?

Também se procurou conhecer quais são os planos e intenções dos(as) estudantes após finalizar a formação superior ao nível da licenciatura (graduação) em Portugal, no ISCSP. Assim sendo, a maioria dos(as) entrevistados(as) destacaram que pretendem prosseguir os seus estudos para o mestrado, seja em Portugal ou até mesmo em outros países da Europa. Nesse sentido, os(as) entrevistados(as) afirmaram:

Eu pretendo prosseguir com o mestrado, mas não em Portugal. Quero estudar na Inglaterra, que é para desenvolver mais o meu inglês (Entrevistada A, 27 anos, Relações Internacionais).

Vou fazer pós-graduação no ISCSP, depois irei para a França para fazer meu mestrado. Depois disso, 4 anos depois, retornarei à Guiné-Bissau (Entrevistado G, 24 anos, Ciência Política).

Antes de vir estudar cá (em Portugal), eu já tinha planos de fazer licenciatura e mestrado em Portugal e só depois retornar para Guiné-Bissau para dar o meu contributo [...] logo, pretendo fazer mestrado e depois retornar (Entrevistado C, 26 anos, Sociologia).

Quero fazer mestrado e depois retornar para Guiné-Bissau para melhorar a situação do país (Entrevistada D, 25 anos, Relações Internacionais).

Nota-se, portanto, que o objetivo de alguns estudantes é prosseguir os estudos superiores, ou seja, o mestrado, em Portugal ou em outro país da Europa. No entanto, nessas perspectivas futuras, o retorno à pátria é citado como uma oportunidade de contribuir para o progresso do país. A ideia de retornar e buscar colocar em prática tudo que foi ensinado no exterior, com o intuito de mudar a situação do país, está muito relacionado ao que Cerase (1974) define como o retorno inovador (*return of innovation*), que se refere aos migrantes que retornam com o intuito de colocar em prática todas as experiências adquiridas no exterior, com vista a contribuir para o desenvolvimento do país de origem. Logo, retornar para Guiné-Bissau, após concluir o mestrado, está nos planos dos(as) entrevistados(as).

Assim que finalizar o mestrado, quero regressar e dar a contribuição na minha terra [...]. Tomei essa decisão porque eu sei como meu país se encontra, sei das necessidades. Eu acho que faz todo o sentido, assim que terminar meu curso devo regressar e contribuir para o meu país avançar (Entrevistado F, 25 anos, Recursos Humanos).

Sayad (2000, como citado em Fernandes & Castro, 2013) salienta que o retorno é parte integrante do processo migratório, sendo que, “o sonho de rever a terra que deixou é, em muitos casos, o alento para suportar situações difíceis que são justificadas pela possibilidade de completar o projeto migratório e atingir o objetivo traçado no momento da partida” (p. 112). Entretanto, essa visão do local de origem e mesmo o projeto inicial vão se transformando com o tempo e podem ter a sua conclusão adiada ou mesmo abandonada.

Alguns autores, como é o caso de Cassarino (2013), apresentam alguns fatores que impulsionam o retorno de um migrante. Segundo o autor, o regresso à pátria “ocorre depois de ter recolhido os recursos financeiros ou as informações suficientes e ter a certeza de encontrar condições suficientemente favoráveis no país de origem” (Cassarino, 2013, p. 36). No entanto, na busca de encontrar condições favoráveis, ao retornar ao seu país de origem, o(a) emigrante (nesse caso, os(as) estudantes bissau-guineenses) podem se deparar com diversas transformações tanto nos espaços físicos como em suas relações interpessoais.

Silva et al. (2015) apontam que,

a fim de se defender da angústia provocada por possíveis transformações durante sua ausência, o emigrante pode ser levado a construir a fantasia de que seus familiares e o local de origem não sofrem alterações enquanto ele se encontrava no exterior. Na maioria das vezes, no imaginário daquele(a) que migrou, o país de origem permanece o mesmo, como se o tempo tivesse parado durante o período migratório. (pp. 60-61).

³ “*Sintadus*” é um termo utilizado na língua guineense/kriol que significa, na língua portuguesa, “sentar-se”, ou seja, sentar-se para conversar, discutir etc.

6. Considerações finais

Foi possível perceber as motivações para ingressar no ensino superior em Portugal, as formas de ingresso e os desafios vivenciados pelos(as) estudantes para permanecer no ensino superior. Ademais, foram identificadas as estratégias para superar as dificuldades e os desafios cotidianos, com destaque para as formas de organização e atuação político-acadêmica e as redes de sociabilidade e solidariedade cotidianas, que reiteram vínculos e proximidades, nos momentos acadêmicos, de lazer e livres. Também cabe salientar a ausência de políticas institucionais de ação social, destinadas a acolher e a apoiar a permanência dos(as) estudantes migrantes, bem como a inexistente ou restrita presença de temas, questões e conteúdos curriculares vinculados à África nos cursos de graduação da instituição. Mais do que isso, foi percebida a inexistência de uma política institucional de integração capaz de afetar efetivamente os(as) estudantes. Os movimentos que ocorrem nesse sentido, com viés decolonial, diga-se de passagem, partem, em sua maioria, da própria organização e atuação estudantil. Por fim, cabe destacar as expectativas e as motivações que se colocam como horizontes considerando-se o fim do curso de graduação, ressaltando o mestrado e o retorno à Guiné-Bissau, para fazer parte de movimentos de geração de alternativas ao desenvolvimento nacional.

Este trabalho que intenciona dar relevo e valorizar a presença dos(as) estudantes bissau-guineenses no ensino superior, em contextos de diásporas, e particularmente em Portugal, gera uma reflexão. Os dados e análises efetuados fomentam discussões sobre a necessidade de políticas institucionais e ações sociais que fortaleçam a integração e a permanência estudantil, com o enfrentamento dos desafios e dificuldades vivenciados pelos discentes. Entre as conclusões geradas, cabe indicar que há muito a ser feito na educação superior portuguesa para promover a permanência e a integração efetivas. Nesse sentido, é possível evidenciar iniciativas relevantes: (1) desenvolver a política de cooperação internacional entre Portugal e Guiné-Bissau na educação superior, indo além do ingresso, articulando ações concretas de apoio aos(as) estudantes e de afirmação da integração; (2) conceber, formular e executar ações sociais que priorizem o enfrentamento concreto dos desafios e dificuldades vivenciados cotidianamente e de modo estrutural pelos(as) estudantes; (3) articular essas ações sociais a uma política institucional de integração, projetada para desenvolver ações e atingir metas em curto, médio e longo prazo; (4) apoiar as estratégias coletivas geradas pelos(as) estudantes no enfrentamento aos desafios e dificuldades cotidianas, particularmente às com viés intercultural e associadas à atuação político-acadêmica, ao lazer e às redes de solidariedade e sociabilidade; (5) incorporar questões, temas e conteúdos curriculares africanos e particularmente dos PALOP nos projetos dos cursos de licenciatura (graduação) e nos eventos cotidianos; (6) fomentar debates públicos sobre essas questões, criando condições para a participação dos(as) discentes na conceção, formulação, execução, monitoramento e gestão das ações e políticas aqui indicadas. Avalia-se que a confluência dessas ações afetará positivamente o acolhimento e a permanência de estudantes migrantes no ensino superior português, promoverá a integração e afirmará perspectivas – acadêmicas e ético-políticas – decoloniais.

Referências

- Acordo entre o Governo Português e o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde. (1974, de 26 de agosto). *Diário do Governo*, 1.ª Série - N.º 202. https://www.esquerda.net/sites/default/files/acordo_de_argel_30ag1974.pdf
- Almeida, L., Soares, A. P., & Ferreira, J. (2001). Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no Ensino Superior: construção/validação do questionário de vivências académicas. *Methodus: Revista Científica e Cultural*, 3-20. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/12082>
- Cá, L. O. (2009). A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973). *ETD: Educação Temática Digital*, 2(1), 51.
- Cá, W. (2015). *A experiência de integração escolar dos estudantes guineenses em Portugal: O caso dos estudantes do 1º ciclo no ISCTE*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa]. ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/10803>
- Cassarino, J. P. (2013). Teorizando sobre a migração de retorno: Uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *REMHU*, 21(41), 21-54. <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/402/341>
- Cerase, F. (1974). Expectations and reality: A case study of return migration from the United States to Southern Italy. *The International Migration Review*, 8(2), 245-262. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/019791837400800210>
- Costa, A. F. D., Machado, F., & Almeida, J. F. D. (1990). Estudantes e amigos: Trajectórias de classe e redes de sociabilidade. *Análise Social*, 25(105-106), 193-221. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033860A9cPR1uw0Pd34WH4.pdf>

- Decreto-Lei n.º 75/76, de 27 de janeiro. (1976). Acordo Geral de Cooperação e Amizade entre a República da Guiné-Bissau e Portugal. Ministério dos Negócios Estrangeiros – Direcção-Geral dos Negócios Económicos. *Diário da República*, 1.ª Série - N.º 22. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/75-1976-506852>
- Decreto-Lei n.º 76/76, de 27 de janeiro. (1976). Acordo de Cooperação Científica e Técnica entre o Estado da Guiné-Bissau e a República Portuguesa. Ministério dos Negócios Estrangeiros – Direcção-Geral dos Negócios Económicos. *Diário da República*, 1.ª Série - N.º 22. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto/76-1976-506845>
- Durkheim, E. (1991). *De la division du travail social* (2ª ed.). PUF.
- Duque, E. J. (2012). Representações e expectativas dos estudantes universitários dos PALOP. *Anais do VII Congresso Português de Sociologia*. Associação Portuguesa de Sociologia. <https://hdl.handle.net/1822/24815>
- Fernandes, D., & Castro, M. C. G. (2013). Migração e crise: O retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *REMHU*, 21(41), 99-116. <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/405/344>
- González, C. R., Mesanza, R. B., & Mariel, P. (2011). The determinants of international student mobility flows: An empirical study on the Erasmus programme. *Higher Education*, 62(4), 413-430. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10734-010-9396-5>
- Gosciola, V. (2008). Sociabilidades e realidades. *Estudos de Sociologia*, 13(25), 27-43. <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1143>
- Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento. (2008). *Portugal: Guiné-Bissau [2008-2010]*. IPAD. https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/pic_guine_08_11.pdf
- Jardim, B. R. D. (2013). Estudantes PALOP no ensino superior português: Das necessidades sentidas aos apoios prestados. [Dissertação de Mestrado em Política Social, Universidade Técnica de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/6174>
- Mazzarol, T., Soutar, G., & Thein, V. (2001). Critical success factors in the marketing of an educational institution: A comparison of institutional and student perspectives. *Journal of Marketing for Higher Education*, 10(2), 39-57. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J050v10n02_04
- Monteiro, J. J. H. (2005). *A educação na Guiné-Bissau: Bases para uma estratégia sectorial renovada*. Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau.
- Monteiro, R. M. A. (2018). Motivos dos estudantes internacionais para realizar mobilidade de estudos de curta duração na U. Porto. [Dissertação de Mestrado em Gestão de Serviços, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116950/2/299525.pdf>
- Programa Estratégico de Cooperação Portugal: Guiné-Bissau 2021-2025. (2021, 13 de janeiro). www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/PEC_POR-GB_2021-2025_VF.pdf
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 121/2022, de 9 de dezembro. (2022). Aprova a Estratégia da Cooperação Portuguesa 2030. Presidência do Conselho de Ministros. *Diário da República*, 1.ª Série - N.º 236. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-conselho-ministros/121-2022-204502329>
- Quintino, M. C. R. (2004). *Migrações e etnicidade em terrenos portugueses: Guineenses estratégias de invenção de uma comunidade*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.
- Sani, Q. (2013). *A educação superior no desenvolvimento da Guiné-Bissau: Contribuições, limites e desafios* [Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural, Universidade Tecnológica Federal do Paraná]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – IBICT. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UTFPR-12_55c435064a82d2ce37394eb8ca874ddd
- Silva, A. G. D. (2021). *“Fidjus di Tchon na terra di djintis”: As experiências de integração social e académica de estudantes Bissau-guineenses do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas* [Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/23780>
- Silva, O. R. M., Santos, L. N., & Dias, C. A. (2015). Sentimentos de estranhamento e a reconstituição do vínculo familiar do emigrante retornado. *Pensando Famílias*, 19(2), 57-72. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a06.pdf>
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade* (P. Caldas Trad.). Zahar.
- Sucuma, A. (2013). *Estado e ensino superior na Guiné-Bissau (1974-2008)* [Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco]. Attena: Repositório Digital da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12451>
- Truzzi, O. (2008). Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, 20(1), 199-218. www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
COORDENAÇÃO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO E SELEÇÃO
Rodovia CE 060 – Km51, Unidade Acadêmica dos Palmares , Acarape/CE, CEP 62785-000
Telefone: - <http://www.unilab.edu.br/>

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que **EDUARDO GOMES MACHADO**, pertencente ao quadro docente do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), participou do Programa de Bolsa de Monitoria (PBM), no período de 25/10/2023 a 18/12/2023, conforme Edital Prograd nº 32/2023, na condição de professor(a) orientador(a) do(a) discente **EDUARDO YAMINA AGOSTINHO** na disciplina de **OFICINA DE METODOLOGIA I**.

ROMULO AMÂNCIO BASTOS OLIVEIRA

Coordenador de Ensino de Graduação e Seleção em Exercício



Documento assinado eletronicamente por **ROMULO AMANCIO BASTOS OLIVEIRA, ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO**, em 20/12/2023, às 08:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unilab.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0834483** e o código CRC **B49913A5**.

PORTAL DO DOCENTE > PROJETO DE PESQUISA**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Código:** PVH1938-2023**Título:** Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará**Tipo:** INTERNO (Projeto Novo)**Categoria:** Pesquisa Científica**Situação:** EM EXECUÇÃO**Unidade:** INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (10.17)**Centro:** INSTITUTO DE HUMANIDADES (10.00.07)**Palavra-Chave:** movimentos sociais; movimento indígena; inventário.**E-mail:** eduardomachado@unilab.edu.br**Edital:** Edital Proppg 01/2023 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC**Cota:** 2023-01 Edital Unificado (01/10/2023 a 31/10/2024)**Arquivo do Projeto:** [Visualizar arquivo](#)**Arquivo do Projeto (complemento):** [Sem Arquivo complementar do Projeto](#)**ÁREA DE CONHECIMENTO****Grande Área:** Ciências Humanas**Área:** Sociologia**Subárea:** Outras Sociologias Específicas**Especialidade:****GRUPO E LINHA DE PESQUISA****Grupo de Pesquisa:** Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares (3572060993465610)**CORPO DO PROJETO****Resumo**

Este projeto objetiva produzir um inventário participativo das instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, dis social e política. Para tanto, serão identificadas, caracterizadas e analisadas as instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no est considerando dimensões e componentes específicos. A metodologia participativa envolverá lideranças indígenas, inclusive estudantes da Unilab, a mobilização social e articulação política; processos e dinâmicas participativas; observação direta de situações cotidianas e processos sociais; anál em redes sociais; entrevistas individuais e grupos focais; oficina de cartografia social; e análise de documentos. O referencial dialoga com as trad de análise dos movimentos sociais, com metodologias participativas de pesquisa, com as concepções de ciclo de políticas públicas e com trabalho desenvolvidos sobre o tema. A principal hipótese que orienta a pesquisa é a da construção processual de um movimento indígena potente, denso politicamente relevante, marcado pela diversidade de questões e problemáticas enfrentadas e, ao mesmo tempo, por vetores de confluência e un se avaliar até que ponto, de que modo e em quais aspectos essa hipótese é ou não corroborada ou validada, bem como descrever entidades, inst cotidianas e processos sociais que compõem o movimento indígena. Nesse sentido, como principal resultado, ao final da investigação teremos cor publicamente o "Inventário Participativo das entidades e instâncias do movimento indígena no estado do Ceará". As metas estão descritas em out

Introdução/Justificativa**(incluindo os benefícios esperados no processo ensino-aprendizagem e o retorno para os cursos e para os professores da instituição em geral)**

Nas últimas décadas o movimento indígena vem constituindo-se enquanto ator social e político relevante no Brasil e no estado do Ceará, ao pontu ministério e uma secretaria dos povos indígenas, na esfera federal e estadual nos governos que se iniciam em 2023. Porém, de modo geral não s densidade, a complexidade e a relevância do movimento indígena, o que ocorre em grande medida pelo racismo estrutural que persiste na sociad Brasileiro. É importante contestar essa invisibilidade, fortalecendo uma dinâmica pós-colonial que se inscreve nas referências ético-políticas da Ur as políticas de democratização e inclusão da/na educação superior, associadas, por exemplo, à interiorização, às cotas e ao notório saber.

Assim, essa pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, pela potência e relevância social e política dos povos e comunidades e do movimento indíger Em segundo lugar, cabe destacar a importância de avançar na análise da diversidade de formas associativas, organizativas e de atuação política c movimento indígena no estado do Ceará, em diálogo com tradições teóricas de análise dos movimentos sociais, particularmente a partir das ciênc lugar, cabe destacar a significativa presença de estudantes indígenas na Unilab de vários povos e comunidades, na graduação e na pós-graduaçã lideranças e participantes de entidades e instâncias indígenas. Isso, inclusive, abre espaço para fomentar a indissociabilidade entre a pesquisa e c lugar, cabe indicar a articulação do movimento indígena, no enfrentamento de diferentes problemáticas e dimensões da questão social, com siste específicas, em vários setores e escalas estatal-governamentais. Em quinto lugar, a criação do Ministério dos Povos Indígenas no Governo federal Povos Indígenas no governo estadual reforçam a força política e a centralidade do movimento indígena no contexto atual. Em sexto lugar, cabe fa movimento indígena cearense, com variadas lideranças locais ocupando cargos importantes nos governos federal e estadual, tais como Ministério Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) Nacional, Secretaria de Saúde Indígena do Ministério da Saúde, Funai Ceará, Secretaria dos Povo Secretaria de Juventude do estado do Ceará, dentre outros. Em sétimo lugar, vários cursos de graduação da Unilab detêm componentes currícula sociais e educação" e "Movimentos sociais e educação popular". Assim, a pesquisa será importante para fortalecer teórica e empiricamente os cur disciplinas em sua estrutura curricular. Além disso, em diversos programas de pós-graduação da Unilab ou de outras instituições há linhas de pesu concentração e/ou componentes curriculares vinculados aos movimentos sociais. Isso revela como pesquisar o movimento indígena pode ser esse de conteúdos e dinâmicas curriculares relevantes e de trajetórias acadêmicas significativas.

Espera-se que os estudantes que participaram diretamente da pesquisa tenham contato com autores, teorias, conceitos e metodologias científica com a processualidade de uma pesquisa científica, com todos os desafios e aprendizagens que isso carrega. Importante destacar que a pesquisa s de extensão e pesquisa que já detêm expertise acerca dos movimentos sociais, através de diversos projetos de extensão, pesquisa, inovação e de tecnológico.

O Diagnóstico "Situação dos povos indígenas do Ceará" já efetua um relevante registro das memórias e análise do desenvolvimento institucional i instâncias representativas indígenas nos âmbitos municipal e estadual (SITUAÇÃO, 2019). O diagnóstico será, portanto, fonte importante desta p avançar teórica e empiricamente na análise das entidades e instâncias que compõem o movimento indígena no estado do Ceará atualmente. Esse fundamentado em referências teóricas da sociologia, particularmente nas tradições de análise das ações coletivas e dos movimentos sociais (CAR 2009; PINHEIRO-MACHADO, BULGARELLI & ALEGRIA, 2019; MACHADO & PEREIRA, 2020; DIANE & BISON, 2010; MELUCCI, 1989; CEFAI, 2017; 2009; CEFAI ET ALL, 2011); da ciência política, particularmente no que envolve o ciclo de políticas públicas (CARLOS & DOWBOR & ALBUQUERQU 2006; SOUZA, 2006).

Desse modo, o Inventário pretende transcender uma descrição formal das entidades e instâncias, trabalhando com categorias analíticas advindas teórico. Ao mesmo tempo, e considerando questões de viabilidade, tendo em vista tratar-se de um projeto de iniciação científica, embora outras (empíricas possam emergir como significativas no decorrer da pesquisa, o foco será dado estritamente pelos objetivos, atividades, metas, cronogr esperados aqui apresentados. Também será importante nesse ajuste do que é viável e prioritário realizar a estruturação das dimensões e compor A pesquisa não pretende dar conta de uma integralidade de aspectos que compõem o movimento indígena no Ceará. Alguns elementos que consi ficarão fora da análise, por questões de caráter e escopo de uma pesquisa de iniciação científica. Dentre esses elementos que ficarão de fora, par indicar: os territórios e as dinâmicas de retomada; as escolas indígenas; a organização comunitária em sua integralidade, inclusive patrimônios, o e formas religiosas, de relação com a natureza e de saúde-doença; povos e comunidades; parceiros, aliados e assessorias. Assim, o foco direcion caracterização teórico-empírica de entidades e instâncias políticas reconhecidas e legitimadas pelos povos e comunidades indígenas, compoado a: indígena no estado do Ceará.

O Diagnóstico já indica a existência de entidades associativas relevantes a compor o movimento indígena no estado do Ceará: Federação dos Pov Indígenas do Ceará (FEPOINCE); Articulação das Mulheres Indígenas do Ceará – AMICE; Comissão de Juventude Indígena do Ceará (COJICE); e (Professores Indígenas do Ceará (OPRINCE); e Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, de Minas Gerais e do Espírito Santo (APOINME), esta com atuação regional e estadual. Nossas pesquisas preliminares já revelam a existência de perfis em redes sociais e de sites de entidades/instânc movimento indígena no estado do Ceará, tais como: (<FEPOINCE (@fepoince) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<AMICE (@amic_mulheresindi vídeos do Instagram>); (<OPRINCE (@oprince2021) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Cojice Cojice (@cojice) • Fotos e vídeos do Instagram> (@apoinme_brasil) • Fotos e vídeos do Instagram>). Também cabe destacar perfis de órgãos governamentais como: (<Secretaria dos Povos Indí (@sepince_ceara) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Ministério dos Povos Indígenas (@minpovosindigenas) • Fotos e vídeos do Instagram>); (< Indígena (@sesai.ms) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Fundação Nacional dos Povos Indígenas (@funaioficial) • Fotos e vídeos do Instagram>);

Objetivos

GERAL

- Produzir um inventário participativo das instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, identificando caracter de relevância social e política desse movimento social.

ESPECÍFICOS.

- Consolidar um referencial conceitual para caracterizar e analisar o movimento indígena, dialogando com tradições teóricas de análise dos movimentos sociais
- Identificar, caracterizar e analisar as instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, considerando dimensões e especificos.
- Consolidar participativamente os dados, análises e resultados gerados, em diálogo com lideranças indígenas, efetuando divulgação pública dos

Metodologia

A pesquisa fará fluir dois conjuntos de agentes e as expertises já mobilizadas e operadas por eles, o grupo de extensão e pesquisa e as lideranças. O grupo de extensão e pesquisa detém como um de seus focos teórico-empíricos de atuação a sociologia da ação coletiva e dos movimentos sociais, inclusive através de componentes curriculares de movimentos sociais e educação popular, e diversos projetos de extensão e pesquisa, de experiência permitiu ao grupo ter contato com diferentes experiências, práticas e tradições de análise de movimentos sociais – tais como teoria da ação coletiva, teoria da mobilização de recursos, teoria das redes sociais, teoria dos novos movimentos sociais, dentre outras. Nessa trajetória, o Grupo tem em perspectiva pragmática de análise dos movimentos sociais, sem desconsiderar o diálogo com outras tradições. A partir dessas tradições, serão incluídas análises à construção do inventário. Ao mesmo tempo, o Grupo tem trabalhado com metodologias participativas e/ou engajadas de educação, e que permitirá incorporar referências teóricas da educação popular, da observação participante, da pesquisa-ação e da cartografia social (MACHADO ALL, 2018; THIOLENT, 1986; TRIPP, 2005). Também cabe destacar o caráter interdisciplinar do Grupo, e, particularmente o diálogo com a geografia, vem incorporando as categorias território e escala. Também será relevante à pesquisa a parceria com o projeto de extensão do Grupo, buscando indissociabilidade entre pesquisa e extensão, sem perder o foco dos objetivos aqui indicados, mas fortalecendo a mobilização social, a articulação das atividades participativas e o registro imagético da investigação.

Ao mesmo tempo, este projeto mobilizará lideranças indígenas para compor a pesquisa, detendo como estratégia de partida e foco estudantes das lideranças locais, regionais e estaduais. Essas lideranças aportarão à pesquisa experiências, teorias, práticas e conhecimentos significativos, quali empiricamente as ações, apontando caminhos e fundamentando as decisões processuais formadas na investigação e induzindo/facilitando as dinâmicas de análise de dados, mobilização social e articulação política.

Consideramos como agentes da pesquisa as lideranças individuais, os coletivos, as instâncias e as entidades indígenas. São fontes da pesquisa, p indivíduos, coletivos e institucionais; documentos; trabalhos científicos e de movimentos sociais; matérias jornalísticas; perfis e hashtags em redes sociais e eventos e instâncias ou entidades; situações cotidianas e processos sociais. A estratégia da pesquisa articula ações de mobilização social e articulação e dinâmicas participativas; observação direta de situações cotidianas e processos sociais; análise de redes sociais; entrevistas individuais e grupo cartografia social; e análise de documentos.

Elemento essencial à pesquisa é a construção da estrutura do inventário participativo, com a definição das dimensões e componentes singulares e em diálogo com os referenciais teórico-metodológicos. Para ilustrar, preliminarmente é possível indicar elementos como: gênese e evolução; estrutura organizativa; modos de formação das decisões; principais eventos e atividades; dinâmica de funcionamento; formas de construção de identidade; múltiplos, horizontes de sentido partilhados; e vínculos sociais, dentre outros. Também iremos situar a análise em ciclos do movimento indígena (MACHADO ALL, 2020; OLIVEIRA, 2013). Avaliamos que o Inventário permitirá construir tipologias analíticas, considerando-se questões políticas, sociológicas e de temporalidade.

Cabe indicar também que o caráter participativo efetiva-se através da participação dos agentes da pesquisa na construção, sistematização e análise e divulgação dos resultados. A metodologia pretende efetuar dinâmicas continuadas, sequenciais e minimamente cumulativas de análise e construção. A principal hipótese que orienta a pesquisa é a da construção processual de um movimento indígena potente, denso, complexo, social e político pela diversidade de questões e problemáticas enfrentadas e, ao mesmo tempo, por vetores de confluência e unidade política. Pretende-se avaliar modo e em quais aspectos essa hipótese é ou não corroborada ou validada, bem como descrever entidades, instâncias, situações cotidianas e processos do movimento indígena. Nesse sentido, como principal resultado, ao final da investigação teremos construído e divulgado publicamente o Inventário Participativo das entidades e instâncias do movimento indígena no estado do Ceará.

Considerando o escopo de uma pesquisa de iniciação científica, espera-se que esta investigação evidencie o mosaico de formas associativas, orgânicas políticas que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, em diálogo com as vivências cotidianas e as percepções dos agentes indígenas. A continuidade das investigações que permitam problematizar a singularidade, as contradições, os limites, os desafios e as potencialidades do referencial teórico inventiva e minimamente articulada, sequencial e cumulativa de formas institucionais e de inteligências coletivas territorialmente articuladas assim institucionalidades, esquemas cognitivos, disposições e conhecimentos que permitem a esses agentes, em algum grau, regular, controlar, e situações problemáticas vivenciadas.

A consolidação da equipe e do planejamento da pesquisa envolverá a pactuação coletiva dos objetivos, metas, resultados esperados, responsabilidades. Também definiremos coletivamente as estratégias para produção textual, imagética e cartográfica e as melhores formas de representação de dados, análises e resultados.

Realizaremos TRÊS REUNIÕES PARTICIPATIVAS. A primeira terá como foco a apresentação do projeto, visando engajamento e pactuação coletiva e resultados esperados, e a consolidação das dimensões e componentes do inventário. Na segunda serão apresentados os dados preliminares do projeto, melhorias e a sua consolidação e validação participativa. A terceira reunião será a culminância do Projeto, com apresentação final e divulgação do INVENTÁRIO.

Faremos UMA OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL, produziremos peças cartográficas, inclusive cartogramas e mapas, adaptando peças já existentes da pesquisa. A Oficina será realizada quando já tivermos produzido uma primeira versão do Inventário.

Temos como meta o ACOMPANHAMENTO DE DOIS EVENTOS E/OU ATIVIDADES. Definiremos previamente se possível, considerando o calendário de entidades e das instâncias, quais eventos e atividades serão acompanhados pela equipe da pesquisa. E à medida que forem se definindo outros e avaliaremos a possibilidade de acompanhá-los e observá-los.

Realizaremos TRÊS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS SEMIESTRUTURADAS, com a preparação prévia envolvendo a definição de quem serão os entrevistados e a preparação do roteiro. Também realizaremos UM GRUPO FOCAL com lideranças indígenas, também previamente organizado.

A PRODUÇÃO IMAGÉTICA envolverá o registro fotográfico e em vídeo das atividades da pesquisa.

Também serão realizadas DUAS PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS E/OU RODAS DE CONVERSA, presenciais e/ou virtuais, em articulação com os currículos de MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, buscando promover a indissociabilidade entre pesquisa e ensino, fomentando diálogos e reflexões relevantes.

Produziremos um RELATÓRIO PARCIAL, UM RELATÓRIO FINAL, UM INVENTÁRIO EM FORMATO DIGITAL, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E UM ARTIGO CIENTÍFICO.

Cabe indicar que as atividades da pesquisa poderão ser realizadas na Universidade, nos locais de realização de eventos e atividades do movimento indígena.

Buscaremos outros apoios institucionais à pesquisa, direcionados particularmente para o fortalecimento das estratégias de comunicação social e de realização das atividades participativas e a diagramação, revisão ortográfica e gramatical, adequação às normas da ABNT e design dos produtos e materiais de destaque sem alcançar esses apoios, os objetivos, as metas e os resultados esperados indicados podem ser alcançados, são, portanto

Referências

- ALEGRIA, Paula; BULGARELLI, Lucas; MACHADO, Rosana pinheiro. Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia. BIB, São paulo, n.93, p.1-27. maio, 2020.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Lua Nova, São Paulo: Vol. 76, p. 46-89. 2009.
- BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. D. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.
- CARLOS,Euzeneia; DOWBOR,Monika ; ALBUQUERQUE; Maria do Carmo. Efeitos de movimentos sociais no ciclo de políticas públicas. Caderno CRH 23, 2021.
- CARLOS,Euzeneia. Contribuições da análise de redes sociais as teorias de movimentos sociais. Sociologia e política, Curitiba, vol 19, N.39, p.153-163. maio, 2007.
- CEFAÍ, Daniel. Instituições sociais: um diálogo entre sociologia de Chicago e filosofia pragmatista. Revista Sociedade e Estado, Vol. 36, n. 2, Maio, 2015.
- CEFAÍ, Daniel. PÚBLICOS, PROBLEMAS PÚBLICOS, ARENAS PÚBLICAS:O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, 213, MARÇO, 2017.
- CEFAÍ, Daniel; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOTA, Fábio Reis; VEIGA, Felipe Berocan. Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Janeiro: EDUFF, pp. 09-63. (Col. Antropologia e Ciência Política; 51). 2011.
- CEFAÍ, Daniel. Como nos mobilizamos: a contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. Dilemas, revista de estudos de controle social, Largo de São Francisco, Rio de Janeiro. 2009.
- DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, Coalizões e Movimentos. Revista Brasileira de ciência política: Dossiê "Movimentos sociais e ação coletiva em Brasília,janeiro- julho, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação e Pesquisa p. 373-383, maio/ago. 2006.
- MACHADO, Eduardo Gomes, PEREIRA, Alexandre Queiroz. Periferias urbanas: redes locais e movimentos sociais em Fortaleza, Ceará. Boletim Geográfico, vol.40, Brasil. março. 2020.
- MACHADO, Eduardo Gomes. Desafios da intervenção acadêmica no planejamento urbano: diálogos sociológicos com a educação popular em Paulo Ferreira Rezende de Oliveira; Larissa Oliveira e Gabarra; Leandro de Proença Lopes. (Org.). Construindo pontes: Paulo Freire entre saberes, projeto de. Fortaleza: EDUECE, 2018, v. 1, p. 77-100.
- MACHADO, Eduardo Gomes; FREITAS, Maria Valdelia Carlos Chagas de; MARTINS, Laudiano da Silva; FAUSTINO, Anna Erika Rocha. Observação participante e pesquisa-ação no Grande Bom Jardim. In: Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas / Geranilde Ribeiro Oliveira (orgs). Fortaleza: Imprece, p. 383-405, 2018.
- MAINARDES, Jefferson . Abordagem do ciclo de políticas : uma contribuição para a análise de políticas educacionais. Educação e sociedade, Campinas, 47-69, jan. abril. 2006.
- MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais. Lua Nova, n. 17, São paulo, julho, 1998.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely de. Diga ao povo que avance. Movimento indígena no Nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangar

SITUAÇÃO dos povos indígenas do Ceará: movimento indígena do Ceará. Org: ADELCO, expressão gráfica e editora, Fortaleza, 2019.
 SOUZA, Celina Políticas Públicas: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, no 16, , p. 20-45, julho-dezembro. 2006.
 THIOLLENT, M. J. M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.
 TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

MEMBROS DO PROJETO

CPF	Nome	Categoria	CH Dedicada	Func
-----	------	-----------	-------------	------

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DDD

Atividade	2023				2024					
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
CONSOLIDAÇÃO DA EQUIPE E DO REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA										
CONSTRUÇÃO PRELIMINAR DAS DIMENSÕES E COMPONENTES DO INVENTÁRIO										
IDENTIFICAÇÃO, COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE TRABALHOS CIENTÍFICOS E DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS										
1º REUNIÃO PARTICIPATIVA										
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS EM PERFIS E HASHTAGS DAS REDES SOCIAIS E EM SITES DE ENTIDADES E INSTÂNCIAS										
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E ANÁLISE DE DOCUMENTOS										
PREPARAÇÃO PRÉVIA, ACOMPANHAMENTO E OBSERVAÇÃO DE EVENTOS E ATIVIDADES										
IDENTIFICAÇÃO DE CARTOGRAMAS E MAPAS RELEVANTES JÁ EXISTENTES										
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DA OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL										
CONSOLIDAÇÃO DE MAPAS E CARTOGRAMAS										
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS										
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL										
2º REUNIÃO PARTICIPATIVA										
PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS E/OU RODAS DE CONVERSA										
SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS										
PRODUÇÃO TEXTUAL E CARTOGRÁFICA										
PRODUÇÃO IMAGÉTICA										
3º REUNIÃO PARTICIPATIVA (CULMINÂNCIA DO PROJETO)										

PLANOS DE TRABALHO

Título	Tipo da Bolsa
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 3	2023-01 Pibic-Unilab-Af (IC)
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 1	2023-01 Pibic-CNPq-Af
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 2	2023-01 BICT-Funcap

AVALIAÇÕES DO PROJETO

Situação/Parecer	Data da Avaliação
------------------	-------------------

HISTÓRICO DO PROJETO

Data	Situação	Usuário
24/03/2023 06:47	SUBMETIDO	EDUARDO GOMES MACHADO (<i>eduardom.</i>)
03/04/2023 16:43	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
03/04/2023 16:44	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
30/11/2023 10:05	EM EXECUÇÃO	RENATO FARIAS DE PAIVA (<i>renatopaiva</i>)

Portal do Docente

PORTAL DO DOCENTE > PROJETO DE PESQUISA**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Código:** PVH1938-2023**Título:** Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará**Tipo:** INTERNO (Projeto Novo)**Categoria:** Pesquisa Científica**Situação:** EM EXECUÇÃO**Unidade:** INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (10.17)**Centro:** INSTITUTO DE HUMANIDADES (10.00.07)**Palavra-Chave:** movimentos sociais; movimento indígena; inventário.**E-mail:** eduardomachado@unilab.edu.br**Edital:** Edital Proppg 01/2023 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC**Cota:** 2023-01 Edital Unificado (01/10/2023 a 31/10/2024)**Arquivo do Projeto:** [Visualizar arquivo](#)**Arquivo do Projeto (complemento):** [Sem Arquivo complementar do Projeto](#)**ÁREA DE CONHECIMENTO****Grande Área:** Ciências Humanas**Área:** Sociologia**Subárea:** Outras Sociologias Específicas**Especialidade:****GRUPO E LINHA DE PESQUISA****Grupo de Pesquisa:** Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares (3572060993465610)**CORPO DO PROJETO****Resumo**

Este projeto objetiva produzir um inventário participativo das instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, dis social e política. Para tanto, serão identificadas, caracterizadas e analisadas as instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no est considerando dimensões e componentes específicos. A metodologia participativa envolverá lideranças indígenas, inclusive estudantes da Unilab, a mobilização social e articulação política; processos e dinâmicas participativas; observação direta de situações cotidianas e processos sociais; anál em redes sociais; entrevistas individuais e grupos focais; oficina de cartografia social; e análise de documentos. O referencial dialoga com as trad de análise dos movimentos sociais, com metodologias participativas de pesquisa, com as concepções de ciclo de políticas públicas e com trabalho desenvolvidos sobre o tema. A principal hipótese que orienta a pesquisa é a da construção processual de um movimento indígena potente, denso politicamente relevante, marcado pela diversidade de questões e problemáticas enfrentadas e, ao mesmo tempo, por vetores de confluência e un se avaliar até que ponto, de que modo e em quais aspectos essa hipótese é ou não corroborada ou validada, bem como descrever entidades, inst cotidianas e processos sociais que compõem o movimento indígena. Nesse sentido, como principal resultado, ao final da investigação teremos cor publicamente o "Inventário Participativo das entidades e instâncias do movimento indígena no estado do Ceará". As metas estão descritas em out

Introdução/Justificativa**(incluindo os benefícios esperados no processo ensino-aprendizagem e o retorno para os cursos e para os professores da instituição em geral)**

Nas últimas décadas o movimento indígena vem constituindo-se enquanto ator social e político relevante no Brasil e no estado do Ceará, ao pontu ministério e uma secretaria dos povos indígenas, na esfera federal e estadual nos governos que se iniciam em 2023. Porém, de modo geral não s densidade, a complexidade e a relevância do movimento indígena, o que ocorre em grande medida pelo racismo estrutural que persiste na sociad Brasileiro. É importante contestar essa invisibilidade, fortalecendo uma dinâmica pós-colonial que se inscreve nas referências ético-políticas da Ur as políticas de democratização e inclusão da/na educação superior, associadas, por exemplo, à interiorização, às cotas e ao notório saber.

Assim, essa pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, pela potência e relevância social e política dos povos e comunidades e do movimento indíger Em segundo lugar, cabe destacar a importância de avançar na análise da diversidade de formas associativas, organizativas e de atuação política c movimento indígena no estado do Ceará, em diálogo com tradições teóricas de análise dos movimentos sociais, particularmente a partir das ciênc lugar, cabe destacar a significativa presença de estudantes indígenas na Unilab de vários povos e comunidades, na graduação e na pós-graduaçã lideranças e participantes de entidades e instâncias indígenas. Isso, inclusive, abre espaço para fomentar a indissociabilidade entre a pesquisa e c lugar, cabe indicar a articulação do movimento indígena, no enfrentamento de diferentes problemáticas e dimensões da questão social, com siste específicas, em vários setores e escalas estatal-governamentais. Em quinto lugar, a criação do Ministério dos Povos Indígenas no Governo federal Povos Indígenas no governo estadual reforçam a força política e a centralidade do movimento indígena no contexto atual. Em sexto lugar, cabe fa movimento indígena cearense, com variadas lideranças locais ocupando cargos importantes nos governos federal e estadual, tais como Ministério Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) Nacional, Secretaria de Saúde Indígena do Ministério da Saúde, Funai Ceará, Secretaria dos Povo Secretaria de Juventude do estado do Ceará, dentre outros. Em sétimo lugar, vários cursos de graduação da Unilab detêm componentes currícula sociais e educação" e "Movimentos sociais e educação popular". Assim, a pesquisa será importante para fortalecer teórica e empiricamente os cur disciplinas em sua estrutura curricular. Além disso, em diversos programas de pós-graduação da Unilab ou de outras instituições há linhas de pesu concentração e/ou componentes curriculares vinculados aos movimentos sociais. Isso revela como pesquisar o movimento indígena pode ser esse de conteúdos e dinâmicas curriculares relevantes e de trajetórias acadêmicas significativas.

Espera-se que os estudantes que participaram diretamente da pesquisa tenham contato com autores, teorias, conceitos e metodologias científica: com a processualidade de uma pesquisa científica, com todos os desafios e aprendizagens que isso carrega. Importante destacar que a pesquisa s de extensão e pesquisa que já detêm expertise acerca dos movimentos sociais, através de diversos projetos de extensão, pesquisa, inovação e de tecnológico.

O Diagnóstico "Situação dos povos indígenas do Ceará" já efetua um relevante registro das memórias e análise do desenvolvimento institucional i instâncias representativas indígenas nos âmbitos municipal e estadual (SITUAÇÃO, 2019). O diagnóstico será, portanto, fonte importante desta p avançar teórica e empiricamente na análise das entidades e instâncias que compõem o movimento indígena no estado do Ceará atualmente. Esse fundamentado em referências teóricas da sociologia, particularmente nas tradições de análise das ações coletivas e dos movimentos sociais (CAR 2009; PINHEIRO-MACHADO, BULGARELLI & ALEGRIA, 2019; MACHADO & PEREIRA, 2020; DIANE & BISON, 2010; MELUCCI, 1989; CEFAI, 2017; 2009; CEFAI ET ALL, 2011); da ciência política, particularmente no que envolve o ciclo de políticas públicas (CARLOS & DOWBOR & ALBUQUERQU 2006; SOUZA, 2006).

Desse modo, o Inventário pretende transcender uma descrição formal das entidades e instâncias, trabalhando com categorias analíticas advindas teórico. Ao mesmo tempo, e considerando questões de viabilidade, tendo em vista tratar-se de um projeto de iniciação científica, embora outras (empíricas possam emergir como significativas no decorrer da pesquisa, o foco será dado estritamente pelos objetivos, atividades, metas, cronogr esperados aqui apresentados. Também será importante nesse ajuste do que é viável e prioritário realizar a estruturação das dimensões e compor A pesquisa não pretende dar conta de uma integralidade de aspectos que compõem o movimento indígena no Ceará. Alguns elementos que consi ficarão fora da análise, por questões de caráter e escopo de uma pesquisa de iniciação científica. Dentre esses elementos que ficarão de fora, par indicar: os territórios e as dinâmicas de retomada; as escolas indígenas; a organização comunitária em sua integralidade, inclusive patrimônios, o e formas religiosas, de relação com a natureza e de saúde-doença; povos e comunidades; parceiros, aliados e assessorias. Assim, o foco direcion caracterização teórico-empírica de entidades e instâncias políticas reconhecidas e legitimadas pelos povos e comunidades indígenas, compoado a: indígena no estado do Ceará.

O Diagnóstico já indica a existência de entidades associativas relevantes a compor o movimento indígena no estado do Ceará: Federação dos Pov Indígenas do Ceará (FEPOINCE); Articulação das Mulheres Indígenas do Ceará – AMICE; Comissão de Juventude Indígena do Ceará (COJICE); e (Professores Indígenas do Ceará (OPRINCE); e Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, de Minas Gerais e do Espírito Santo (APOINME), esta com atuação regional e estadual. Nossas pesquisas preliminares já revelam a existência de perfis em redes sociais e de sites de entidades/instânc movimento indígena no estado do Ceará, tais como: (<FEPOINCE (@fepoince) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<AMICE (@amic_mulheresindi vídeos do Instagram>); (<OPRINCE (@oprince2021) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Cojice Cojice (@cojice) • Fotos e vídeos do Instagram> (@apoinme_brasil) • Fotos e vídeos do Instagram>). Também cabe destacar perfis de órgãos governamentais como: (<Secretaria dos Povos Indí (@sepince_ceara) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Ministério dos Povos Indígenas (@minpovosindigenas) • Fotos e vídeos do Instagram>); (< Indígena (@sesai.ms) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Fundação Nacional dos Povos Indígenas (@funaioficial) • Fotos e vídeos do Instagram>);

Objetivos

GERAL

- Produzir um inventário participativo das instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, identificando caracter de relevância social e política desse movimento social.

ESPECÍFICOS.

- Consolidar um referencial conceitual para caracterizar e analisar o movimento indígena, dialogando com tradições teóricas de análise dos movimentos sociais
- Identificar, caracterizar e analisar as instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, considerando dimensões e especificos.
- Consolidar participativamente os dados, análises e resultados gerados, em diálogo com lideranças indígenas, efetuando divulgação pública dos

Metodologia

A pesquisa fará fluir dois conjuntos de agentes e as expertises já mobilizadas e operadas por eles, o grupo de extensão e pesquisa e as lideranças. O grupo de extensão e pesquisa detém como um de seus focos teórico-empíricos de atuação a sociologia da ação coletiva e dos movimentos sociais, inclusive através de componentes curriculares de movimentos sociais e educação popular, e diversos projetos de extensão e pesquisa, de experiência permitiu ao grupo ter contato com diferentes experiências, práticas e tradições de análise de movimentos sociais – tais como teoria da teoria da mobilização de recursos, teoria das redes sociais, teoria dos novos movimentos sociais, dentre outras. Nessa trajetória, o Grupo tem em perspectiva pragmática de análise dos movimentos sociais, sem desconsiderar o diálogo com outras tradições. A partir dessas tradições, serão incluídas análises à construção do inventário. Ao mesmo tempo, o Grupo tem trabalhado com metodologias participativas e/ou engajadas de educação, e que permitirá incorporar referências teóricas da educação popular, da observação participante, da pesquisa-ação e da cartografia social (MACHADO ALL, 2018; THIOLENT, 1986; TRIPP, 2005). Também cabe destacar o caráter interdisciplinar do Grupo, e, particularmente o diálogo com a geografia, vem incorporando as categorias território e escala. Também será relevante à pesquisa a parceria com o projeto de extensão do Grupo, buscando indissociabilidade entre pesquisa e extensão, sem perder o foco dos objetivos aqui indicados, mas fortalecendo a mobilização social, a articulação das atividades participativas e o registro imagético da investigação.

Ao mesmo tempo, este projeto mobilizará lideranças indígenas para compor a pesquisa, detendo como estratégia de partida e foco estudantes das lideranças locais, regionais e estaduais. Essas lideranças aportarão à pesquisa experiências, teorias, práticas e conhecimentos significativos, quali empiricamente as ações, apontando caminhos e fundamentando as decisões processuais formadas na investigação e induzindo/facilitando as dinâmicas de análise de dados, mobilização social e articulação política.

Consideramos como agentes da pesquisa as lideranças individuais, os coletivos, as instâncias e as entidades indígenas. São fontes da pesquisa, p indivíduos, coletivos e institucionais; documentos; trabalhos científicos e de movimentos sociais; matérias jornalísticas; perfis e hashtags em redes sociais e eventos e instâncias ou entidades; situações cotidianas e processos sociais. A estratégia da pesquisa articula ações de mobilização social e articulação e dinâmicas participativas; observação direta de situações cotidianas e processos sociais; análise de redes sociais; entrevistas individuais e grupo cartografia social; e análise de documentos.

Elemento essencial à pesquisa é a construção da estrutura do inventário participativo, com a definição das dimensões e componentes singulares e em diálogo com os referenciais teórico-metodológicos. Para ilustrar, preliminarmente é possível indicar elementos como: gênese e evolução; estrutura organizativa; modos de formação das decisões; principais eventos e atividades; dinâmica de funcionamento; formas de construção de identidade; múltiplos horizontes de sentido partilhados; e vínculos sociais, dentre outros. Também iremos situar a análise em ciclos do movimento indígena (MACHADO ALL, 2020; OLIVEIRA, 2013). Avaliamos que o Inventário permitirá construir tipologias analíticas, considerando-se questões políticas, sociológicas e de temporal.

Cabe indicar também que o caráter participativo efetiva-se através da participação dos agentes da pesquisa na construção, sistematização e análise e divulgação dos resultados. A metodologia pretende efetuar dinâmicas continuadas, sequenciais e minimamente cumulativas de análise e construção. A principal hipótese que orienta a pesquisa é a da construção processual de um movimento indígena potente, denso, complexo, social e político pela diversidade de questões e problemáticas enfrentadas e, ao mesmo tempo, por vetores de confluência e unidade política. Pretende-se avaliar modo e em quais aspectos essa hipótese é ou não corroborada ou validada, bem como descrever entidades, instâncias, situações cotidianas e processos do movimento indígena. Nesse sentido, como principal resultado, ao final da investigação teremos construído e divulgado publicamente o Inventário Participativo das entidades e instâncias do movimento indígena no estado do Ceará.

Considerando o escopo de uma pesquisa de iniciação científica, espera-se que esta investigação evidencie o mosaico de formas associativas, orgânicas políticas que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, em diálogo com as vivências cotidianas e as percepções dos agentes indígenas. A continuidade das investigações que permitam problematizar a singularidade, as contradições, os limites, os desafios e as potencialidades do referencial teórico inventiva e minimamente articulada, sequencial e cumulativa de formas institucionais e de inteligências coletivas territorialmente articuladas assim institucionalidades, esquemas cognitivos, disposições e conhecimentos que permitem a esses agentes, em algum grau, regular, controlar, e situações problemáticas vivenciadas.

A consolidação da equipe e do planejamento da pesquisa envolverá a pactuação coletiva dos objetivos, metas, resultados esperados, responsabilidades. Também definiremos coletivamente as estratégias para produção textual, imagética e cartográfica e as melhores formas de representação de dados, análises e resultados.

Realizaremos TRÊS REUNIÕES PARTICIPATIVAS. A primeira terá como foco a apresentação do projeto, visando engajamento e pactuação coletiva e resultados esperados, e a consolidação das dimensões e componentes do inventário. Na segunda serão apresentados os dados preliminares do projeto, melhorias e a sua consolidação e validação participativa. A terceira reunião será a culminância do Projeto, com apresentação final e divulgação do INVENTÁRIO.

Faremos UMA OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL, produziremos peças cartográficas, inclusive cartogramas e mapas, adaptando peças já existentes da pesquisa. A Oficina será realizada quando já tivermos produzido uma primeira versão do Inventário.

Temos como meta o ACOMPANHAMENTO DE DOIS EVENTOS E/OU ATIVIDADES. Definiremos previamente se possível, considerando os calendários das entidades e das instâncias, quais eventos e atividades serão acompanhados pela equipe da pesquisa. E à medida que forem se definindo outros e avaliaremos a possibilidade de acompanhá-los e observá-los.

Realizaremos TRÊS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS SEMIESTRUTURADAS, com a preparação prévia envolvendo a definição de quem serão os entrevistados e a preparação do roteiro. Também realizaremos UM GRUPO FOCAL com lideranças indígenas, também previamente organizado.

A PRODUÇÃO IMAGÉTICA envolverá o registro fotográfico e em vídeo das atividades da pesquisa.

Também serão realizadas DUAS PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS E/OU RODAS DE CONVERSA, presenciais e/ou virtuais, em articulação com os currículos de MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, buscando promover a indissociabilidade entre pesquisa e ensino, fomentando diálogos e reflexões relevantes.

Produziremos um RELATÓRIO PARCIAL, UM RELATÓRIO FINAL, UM INVENTÁRIO EM FORMATO DIGITAL, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E UM ARTIGO CIENTÍFICO.

Cabe indicar que as atividades da pesquisa poderão ser realizadas na Universidade, nos locais de realização de eventos e atividades do movimento indígena.

Buscaremos outros apoios institucionais à pesquisa, direcionados particularmente para o fortalecimento das estratégias de comunicação social e de realização das atividades participativas e a diagramação, revisão ortográfica e gramatical, adequação às normas da ABNT e design dos produtos e materiais de destaque sem alcançar esses apoios, os objetivos, as metas e os resultados esperados indicados podem ser alcançados, são, portanto

Referências

- ALEGRIA, Paula; BULGARELLI, Lucas; MACHADO, Rosana pinheiro. Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia. BIB, São paulo, n.93, p.1-27. maio, 2020.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Lua Nova, São Paulo: Vol. 76, p. 46-89. 2009.
- BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. D. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.
- CARLOS, Euzeneia; DOWBOR, Monika; ALBUQUERQUE, Maria do Carmo. Efeitos de movimentos sociais no ciclo de políticas públicas. Caderno CRH, 23, 2021.
- CARLOS, Euzeneia. Contribuições da análise de redes sociais as teorias de movimentos sociais. Sociologia e política, Curitiba, vol 19, N.39, p.153-163. maio, 2007.
- CEFAÍ, Daniel. Instituições sociais: um diálogo entre sociologia de Chicago e filosofia pragmatista. Revista Sociedade e Estado, Vol. 36, n. 2, Maio, 2015.
- CEFAÍ, Daniel. PÚBLICOS, PROBLEMAS PÚBLICOS, ARENAS PÚBLICAS: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, 213, MARÇO, 2017.
- CEFAÍ, Daniel; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOTA, Fábio Reis; VEIGA, Felipe Berocan. Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Janeiro: EDUFF, pp. 09-63. (Col. Antropologia e Ciência Política; 51). 2011.
- CEFAÍ, Daniel. Como nos mobilizamos: a contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. Dilemas, revista de estudos de controle social, Largo de São Francisco, Rio de Janeiro. 2009.
- DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, Coalizões e Movimentos. Revista Brasileira de ciência política: Dossiê "Movimentos sociais e ação coletiva em Brasília, janeiro- julho, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação e Pesquisa, Brasília, p. 373-383, maio/ago. 2006.
- MACHADO, Eduardo Gomes, PEREIRA, Alexandre Queiroz. Periferias urbanas: redes locais e movimentos sociais em Fortaleza, Ceará. Boletim Geográfico, vol.40, Brasília, março. 2020.
- MACHADO, Eduardo Gomes. Desafios da intervenção acadêmica no planejamento urbano: diálogos sociológicos com a educação popular em Paulo Ferreira Rezende de Oliveira; Larissa Oliveira e Gabarra; Leandro de Proença Lopes. (Org.). Construindo pontes: Paulo Freire entre saberes, projeto de Fortaleza: EDUECE, 2018, v. 1, p. 77-100.
- MACHADO, Eduardo Gomes; FREITAS, Maria Valdelia Carlos Chagas de; MARTINS, Laudiano da Silva; FAUSTINO, Anna Erika Rocha. Observação participante e pesquisa-ação no Grande Bom Jardim. In: Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas / Gerânide Ribeiro Oliveira (orgs). Fortaleza: Imprece, p. 383-405, 2018.
- MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. Educação e sociedade, Campinas, 47-69, jan. abril. 2006.
- MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais. Lua Nova, n. 17, São paulo, julho, 1998.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely de. Diga ao povo que avance. Movimento indígena no Nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangar

SITUAÇÃO dos povos indígenas do Ceará: movimento indígena do Ceará. Org: ADELCO, expressão gráfica e editora, Fortaleza, 2019.
 SOUZA, Celina Políticas Públicas: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, no 16, , p. 20-45, julho-dezembro. 2006.
 THIOLLENT, M. J. M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.
 TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

MEMBROS DO PROJETO

CPF	Nome	Categoria	CH Dedicada	Func
-----	------	-----------	-------------	------

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DDD

Atividade	2023				2024						
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	
CONSOLIDAÇÃO DA EQUIPE E DO REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA											
CONSTRUÇÃO PRELIMINAR DAS DIMENSÕES E COMPONENTES DO INVENTÁRIO											
IDENTIFICAÇÃO, COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE TRABALHOS CIENTÍFICOS E DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS											
1º REUNIÃO PARTICIPATIVA											
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS EM PERFIS E HASHTAGS DAS REDES SOCIAIS E EM SITES DE ENTIDADES E INSTÂNCIAS											
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E ANÁLISE DE DOCUMENTOS											
PREPARAÇÃO PRÉVIA, ACOMPANHAMENTO E OBSERVAÇÃO DE EVENTOS E ATIVIDADES											
IDENTIFICAÇÃO DE CARTOGRAMAS E MAPAS RELEVANTES JÁ EXISTENTES											
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DA OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL											
CONSOLIDAÇÃO DE MAPAS E CARTOGRAMAS											
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS											
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL											
2º REUNIÃO PARTICIPATIVA											
PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS E/OU RODAS DE CONVERSA											
SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS											
PRODUÇÃO TEXTUAL E CARTOGRÁFICA											
PRODUÇÃO IMAGÉTICA											
3º REUNIÃO PARTICIPATIVA (CULMINÂNCIA DO PROJETO)											

PLANOS DE TRABALHO

Título	Tipo da Bolsa
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 3	2023-01 Pibic-Unilab-Af (IC)
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 1	2023-01 Pibic-CNPq-Af
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 2	2023-01 BICT-Funcap

AVALIAÇÕES DO PROJETO

Situação/Parecer	Data da Avaliação
------------------	-------------------

HISTÓRICO DO PROJETO

Data	Situação	Usuário
24/03/2023 06:47	SUBMETIDO	EDUARDO GOMES MACHADO (<i>eduardom.</i>)
03/04/2023 16:43	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
03/04/2023 16:44	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
30/11/2023 10:05	EM EXECUÇÃO	RENATO FARIAS DE PAIVA (<i>renatopaiva</i>)

PORTAL DO DOCENTE > PROJETO DE PESQUISA**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Código:** PVH1938-2023**Título:** Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará**Tipo:** INTERNO (Projeto Novo)**Categoria:** Pesquisa Científica**Situação:** EM EXECUÇÃO**Unidade:** INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (10.17)**Centro:** INSTITUTO DE HUMANIDADES (10.00.07)**Palavra-Chave:** movimentos sociais; movimento indígena; inventário.**E-mail:** eduardomachado@unilab.edu.br**Edital:** Edital Proppg 01/2023 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC**Cota:** 2023-01 Edital Unificado (01/10/2023 a 31/10/2024)**Arquivo do Projeto:** [Visualizar arquivo](#)**Arquivo do Projeto (complemento):** [Sem Arquivo complementar do Projeto](#)**ÁREA DE CONHECIMENTO****Grande Área:** Ciências Humanas**Área:** Sociologia**Subárea:** Outras Sociologias Específicas**Especialidade:****GRUPO E LINHA DE PESQUISA****Grupo de Pesquisa:** Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares (3572060993465610)**CORPO DO PROJETO****Resumo**

Este projeto objetiva produzir um inventário participativo das instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, dis social e política. Para tanto, serão identificadas, caracterizadas e analisadas as instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no est considerando dimensões e componentes específicos. A metodologia participativa envolverá lideranças indígenas, inclusive estudantes da Unilab, a mobilização social e articulação política; processos e dinâmicas participativas; observação direta de situações cotidianas e processos sociais; anál em redes sociais; entrevistas individuais e grupos focais; oficina de cartografia social; e análise de documentos. O referencial dialoga com as trad de análise dos movimentos sociais, com metodologias participativas de pesquisa, com as concepções de ciclo de políticas públicas e com trabalho desenvolvidos sobre o tema. A principal hipótese que orienta a pesquisa é a da construção processual de um movimento indígena potente, denso politicamente relevante, marcado pela diversidade de questões e problemáticas enfrentadas e, ao mesmo tempo, por vetores de confluência e un se avaliar até que ponto, de que modo e em quais aspectos essa hipótese é ou não corroborada ou validada, bem como descrever entidades, inst cotidianas e processos sociais que compõem o movimento indígena. Nesse sentido, como principal resultado, ao final da investigação teremos cor publicamente o "Inventário Participativo das entidades e instâncias do movimento indígena no estado do Ceará". As metas estão descritas em out

Introdução/Justificativa**(incluindo os benefícios esperados no processo ensino-aprendizagem e o retorno para os cursos e para os professores da instituição em geral)**

Nas últimas décadas o movimento indígena vem constituindo-se enquanto ator social e político relevante no Brasil e no estado do Ceará, ao pontu ministério e uma secretaria dos povos indígenas, na esfera federal e estadual nos governos que se iniciam em 2023. Porém, de modo geral não s densidade, a complexidade e a relevância do movimento indígena, o que ocorre em grande medida pelo racismo estrutural que persiste na sociad Brasileiro. É importante contestar essa invisibilidade, fortalecendo uma dinâmica pós-colonial que se inscreve nas referências ético-políticas da Ur as políticas de democratização e inclusão da/na educação superior, associadas, por exemplo, à interiorização, às cotas e ao notório saber.

Assim, essa pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, pela potência e relevância social e política dos povos e comunidades e do movimento indíger Em segundo lugar, cabe destacar a importância de avançar na análise da diversidade de formas associativas, organizativas e de atuação política c movimento indígena no estado do Ceará, em diálogo com tradições teóricas de análise dos movimentos sociais, particularmente a partir das ciênc lugar, cabe destacar a significativa presença de estudantes indígenas na Unilab de vários povos e comunidades, na graduação e na pós-graduaçã lideranças e participantes de entidades e instâncias indígenas. Isso, inclusive, abre espaço para fomentar a indissociabilidade entre a pesquisa e c lugar, cabe indicar a articulação do movimento indígena, no enfrentamento de diferentes problemáticas e dimensões da questão social, com siste específicas, em vários setores e escalas estatal-governamentais. Em quinto lugar, a criação do Ministério dos Povos Indígenas no Governo federal Povos Indígenas no governo estadual reforçam a força política e a centralidade do movimento indígena no contexto atual. Em sexto lugar, cabe fa movimento indígena cearense, com variadas lideranças locais ocupando cargos importantes nos governos federal e estadual, tais como Ministério Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) Nacional, Secretaria de Saúde Indígena do Ministério da Saúde, Funai Ceará, Secretaria dos Povo Secretaria de Juventude do estado do Ceará, dentre outros. Em sétimo lugar, vários cursos de graduação da Unilab detêm componentes currícula sociais e educação" e "Movimentos sociais e educação popular". Assim, a pesquisa será importante para fortalecer teórica e empiricamente os cur disciplinas em sua estrutura curricular. Além disso, em diversos programas de pós-graduação da Unilab ou de outras instituições há linhas de pesu concentração e/ou componentes curriculares vinculados aos movimentos sociais. Isso revela como pesquisar o movimento indígena pode ser esse de conteúdos e dinâmicas curriculares relevantes e de trajetórias acadêmicas significativas.

Espera-se que os estudantes que participaram diretamente da pesquisa tenham contato com autores, teorias, conceitos e metodologias científica: com a processualidade de uma pesquisa científica, com todos os desafios e aprendizagens que isso carrega. Importante destacar que a pesquisa s de extensão e pesquisa que já detêm expertise acerca dos movimentos sociais, através de diversos projetos de extensão, pesquisa, inovação e dt tecnológico.

O Diagnóstico "Situação dos povos indígenas do Ceará" já efetua um relevante registro das memórias e análise do desenvolvimento institucional i instâncias representativas indígenas nos âmbitos municipal e estadual (SITUAÇÃO, 2019). O diagnóstico será, portanto, fonte importante desta p avançar teórica e empiricamente na análise das entidades e instâncias que compõem o movimento indígena no estado do Ceará atualmente. Esse fundamentado em referências teóricas da sociologia, particularmente nas tradições de análise das ações coletivas e dos movimentos sociais (CAR 2009; PINHEIRO-MACHADO, BULGARELLI & ALEGRIA, 2019; MACHADO & PEREIRA, 2020; DIANE & BISON, 2010; MELUCCI, 1989; CEFAI, 2017; 2009; CEFAI ET ALL, 2011); da ciência política, particularmente no que envolve o ciclo de políticas públicas (CARLOS & DOWBOR & ALBUQUERQU 2006; SOUZA, 2006).

Desse modo, o Inventário pretende transcender uma descrição formal das entidades e instâncias, trabalhando com categorias analíticas advindas teórico. Ao mesmo tempo, e considerando questões de viabilidade, tendo em vista tratar-se de um projeto de iniciação científica, embora outras (empíricas possam emergir como significativas no decorrer da pesquisa, o foco será dado estritamente pelos objetivos, atividades, metas, cronogr esperados aqui apresentados. Também será importante nesse ajuste do que é viável e prioritário realizar a estruturação das dimensões e compor A pesquisa não pretende dar conta de uma integralidade de aspectos que compõem o movimento indígena no Ceará. Alguns elementos que consi ficarão fora da análise, por questões de caráter e escopo de uma pesquisa de iniciação científica. Dentre esses elementos que ficarão de fora, par indicar: os territórios e as dinâmicas de retomada; as escolas indígenas; a organização comunitária em sua integralidade, inclusive patrimônios, o e formas religiosas, de relação com a natureza e de saúde-doença; povos e comunidades; parceiros, aliados e assessorias. Assim, o foco direcion caracterização teórico-empírica de entidades e instâncias políticas reconhecidas e legitimadas pelos povos e comunidades indígenas, compoado a: indígena no estado do Ceará.

O Diagnóstico já indica a existência de entidades associativas relevantes a compor o movimento indígena no estado do Ceará: Federação dos Pov Indígenas do Ceará (FEPOINCE); Articulação das Mulheres Indígenas do Ceará – AMICE; Comissão de Juventude Indígena do Ceará (COJICE); e (Professores Indígenas do Ceará (OPRINCE); e Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, de Minas Gerais e do Espírito Santo (APOINME), esta com atuação regional e estadual. Nossas pesquisas preliminares já revelam a existência de perfis em redes sociais e de sites de entidades/instânc movimento indígena no estado do Ceará, tais como: (<FEPOINCE (@fepoince) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<AMICE (@amic_mulheresindi vídeos do Instagram>); (<OPRINCE (@oprince2021) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Cojice Cojice (@cojice) • Fotos e vídeos do Instagram> (@apoinme_brasil) • Fotos e vídeos do Instagram>). Também cabe destacar perfis de órgãos governamentais como: (<Secretaria dos Povos Indí (@sepince_ceara) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Ministério dos Povos Indígenas (@minpovosindigenas) • Fotos e vídeos do Instagram>); (< Indígena (@sesai.ms) • Fotos e vídeos do Instagram>); (<Fundação Nacional dos Povos Indígenas (@funaioficial) • Fotos e vídeos do Instagram>);

Objetivos

GERAL

- Produzir um inventário participativo das instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, identificando caracter de relevância social e política desse movimento social.

ESPECÍFICOS.

- Consolidar um referencial conceitual para caracterizar e analisar o movimento indígena, dialogando com tradições teóricas de análise dos movimentos sociais
- Identificar, caracterizar e analisar as instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, considerando dimensões e especificos.
- Consolidar participativamente os dados, análises e resultados gerados, em diálogo com lideranças indígenas, efetuando divulgação pública dos

Metodologia

A pesquisa fará fluir dois conjuntos de agentes e as expertises já mobilizadas e operadas por eles, o grupo de extensão e pesquisa e as lideranças. O grupo de extensão e pesquisa detém como um de seus focos teórico-empíricos de atuação a sociologia da ação coletiva e dos movimentos sociais. A experiência permitiu ao grupo ter contato com diferentes experiências, práticas e tradições de análise de movimentos sociais – tais como teoria da ação coletiva, teoria da mobilização de recursos, teoria das redes sociais, teoria dos novos movimentos sociais, dentre outras. Nessa trajetória, o Grupo tem em perspectiva pragmática de análise dos movimentos sociais, sem desconsiderar o diálogo com outras tradições. A partir dessas tradições, serão incluídas análises à construção do inventário. Ao mesmo tempo, o Grupo tem trabalhado com metodologias participativas e/ou engajadas de educação, e que permitirá incorporar referências teóricas da educação popular, da observação participante, da pesquisa-ação e da cartografia social (MACHADO ALL, 2018; THIOLENT, 1986; TRIPP, 2005). Também cabe destacar o caráter interdisciplinar do Grupo, e, particularmente o diálogo com a geografia, vem incorporando as categorias território e escala. Também será relevante à pesquisa a parceria com o projeto de extensão do Grupo, buscando indissociabilidade entre pesquisa e extensão, sem perder o foco dos objetivos aqui indicados, mas fortalecendo a mobilização social, a articulação das atividades participativas e o registro imagético da investigação.

Ao mesmo tempo, este projeto mobilizará lideranças indígenas para compor a pesquisa, detendo como estratégia de partida e foco estudantes das lideranças locais, regionais e estaduais. Essas lideranças aportarão à pesquisa experiências, teorias, práticas e conhecimentos significativos, quali empiricamente as ações, apontando caminhos e fundamentando as decisões processuais formadas na investigação e induzindo/facilitando as dinâmicas de análise de dados, mobilização social e articulação política.

Consideramos como agentes da pesquisa as lideranças individuais, os coletivos, as instâncias e as entidades indígenas. São fontes da pesquisa, p indivíduos, coletivos e institucionais; documentos; trabalhos científicos e de movimentos sociais; matérias jornalísticas; perfis e hashtags em redes sociais e eventos e instâncias ou entidades; situações cotidianas e processos sociais. A estratégia da pesquisa articula ações de mobilização social e articulação e dinâmicas participativas; observação direta de situações cotidianas e processos sociais; análise de redes sociais; entrevistas individuais e grupo de cartografia social; e análise de documentos.

Elemento essencial à pesquisa é a construção da estrutura do inventário participativo, com a definição das dimensões e componentes singulares e em diálogo com os referenciais teórico-metodológicos. Para ilustrar, preliminarmente é possível indicar elementos como: gênese e evolução; estrutura organizativa; modos de formação das decisões; principais eventos e atividades; dinâmica de funcionamento; formas de construção de identidade; múltiplos horizontes de sentido partilhados; e vínculos sociais, dentre outros. Também iremos situar a análise em ciclos do movimento indígena (MACHADO ALL, 2020; OLIVEIRA, 2013). Avaliamos que o Inventário permitirá construir tipologias analíticas, considerando-se questões políticas, sociológicas e de temporalidade.

Cabe indicar também que o caráter participativo efetiva-se através da participação dos agentes da pesquisa na construção, sistematização e análise e divulgação dos resultados. A metodologia pretende efetuar dinâmicas continuadas, sequenciais e minimamente cumulativas de análise e construção. A principal hipótese que orienta a pesquisa é a da construção processual de um movimento indígena potente, denso, complexo, social e político pela diversidade de questões e problemáticas enfrentadas e, ao mesmo tempo, por vetores de confluência e unidade política. Pretende-se avaliar modo e em quais aspectos essa hipótese é ou não corroborada ou validada, bem como descrever entidades, instâncias, situações cotidianas e processos do movimento indígena. Nesse sentido, como principal resultado, ao final da investigação teremos construído e divulgado publicamente o Inventário Participativo das entidades e instâncias do movimento indígena no estado do Ceará.

Considerando o escopo de uma pesquisa de iniciação científica, espera-se que esta investigação evidencie o mosaico de formas associativas, orgânicas e políticas que compõem o movimento indígena no estado do Ceará, em diálogo com as vivências cotidianas e as percepções dos agentes indígenas. A continuidade das investigações que permitam problematizar a singularidade, as contradições, os limites, os desafios e as potencialidades do referencial teórico inventiva e minimamente articulada, sequencial e cumulativa de formas institucionais e de inteligências coletivas territorialmente articuladas assim institucionalidades, esquemas cognitivos, disposições e conhecimentos que permitem a esses agentes, em algum grau, regular, controlar, e transformar situações problemáticas vivenciadas.

A consolidação da equipe e do planejamento da pesquisa envolverá a pactuação coletiva dos objetivos, metas, resultados esperados, responsabilidades. Também definiremos coletivamente as estratégias para produção textual, imagética e cartográfica e as melhores formas de representação de dados, análises e resultados.

Realizaremos TRÊS REUNIÕES PARTICIPATIVAS. A primeira terá como foco a apresentação do projeto, visando engajamento e pactuação coletiva e resultados esperados, e a consolidação das dimensões e componentes do inventário. Na segunda serão apresentados os dados preliminares do projeto, melhorias e a sua consolidação e validação participativa. A terceira reunião será a culminância do Projeto, com apresentação final e divulgação do INVENTÁRIO.

Faremos UMA OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL, produziremos peças cartográficas, inclusive cartogramas e mapas, adaptando peças já existentes da pesquisa. A Oficina será realizada quando já tivermos produzido uma primeira versão do Inventário.

Temos como meta o ACOMPANHAMENTO DE DOIS EVENTOS E/OU ATIVIDADES. Definiremos previamente se possível, considerando os calendários das entidades e das instâncias, quais eventos e atividades serão acompanhados pela equipe da pesquisa. E à medida que forem se definindo outros e avaliaremos a possibilidade de acompanhá-los e observá-los.

Realizaremos TRÊS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS SEMIESTRUTURADAS, com a preparação prévia envolvendo a definição de quem serão os entrevistados e a preparação do roteiro. Também realizaremos UM GRUPO FOCAL com lideranças indígenas, também previamente organizado.

A PRODUÇÃO IMAGÉTICA envolverá o registro fotográfico e em vídeo das atividades da pesquisa.

Também serão realizadas DUAS PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS E/OU RODAS DE CONVERSA, presenciais e/ou virtuais, em articulação com os currículos de MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, buscando promover a indissociabilidade entre pesquisa e ensino, fomentando diálogos e reflexões relevantes.

Produziremos um RELATÓRIO PARCIAL, UM RELATÓRIO FINAL, UM INVENTÁRIO EM FORMATO DIGITAL, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E UM ARTIGO CIENTÍFICO.

Cabe indicar que as atividades da pesquisa poderão ser realizadas na Universidade, nos locais de realização de eventos e atividades do movimento indígena.

Buscaremos outros apoios institucionais à pesquisa, direcionados particularmente para o fortalecimento das estratégias de comunicação social e de realização das atividades participativas e a diagramação, revisão ortográfica e gramatical, adequação às normas da ABNT e design dos produtos e materiais de destaque sem alcançar esses apoios, os objetivos, as metas e os resultados esperados indicados podem ser alcançados, são, portanto

Referências

- ALEGRIA, Paula; BULGARELLI, Lucas; MACHADO, Rosana pinheiro. Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia. BIB, São paulo, n.93, p.1-27. maio, 2020.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Lua Nova, São Paulo: Vol. 76, p. 46-89. 2009.
- BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. D. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.
- CARLOS, Euzeneia; DOWBOR, Monika; ALBUQUERQUE, Maria do Carmo. Efeitos de movimentos sociais no ciclo de políticas públicas. Caderno CRH, vol. 23, 2021.
- CARLOS, Euzeneia. Contribuições da análise de redes sociais as teorias de movimentos sociais. Sociologia e política, Curitiba, vol 19, N.39, p.153-163. maio, 2007.
- CEFAÍ, Daniel. Instituições sociais: um diálogo entre sociologia de Chicago e filosofia pragmatista. Revista Sociedade e Estado, Vol. 36, n. 2, Maio, 2021.
- CEFAÍ, Daniel. PÚBLICOS, PROBLEMAS PÚBLICOS, ARENAS PÚBLICAS: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, vol. 213, MARÇO, 2017.
- CEFAÍ, Daniel; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOTA, Fábio Reis; VEIGA, Felipe Berocan. Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Janeiro: EDUFF, pp. 09-63. (Col. Antropologia e Ciência Política; 51). 2011.
- CEFAÍ, Daniel. Como nos mobilizamos: a contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. Dilemas, revista de estudos de controle social, Largo de São Francisco, Rio de Janeiro. 2009.
- DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, Coalizões e Movimentos. Revista Brasileira de ciência política: Dossiê "Movimentos sociais e ação coletiva em Brasília, janeiro- julho, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação e Pesquisa, vol. 32, p. 373-383, maio/ago. 2006.
- MACHADO, Eduardo Gomes, PEREIRA, Alexandre Queiroz. Periferias urbanas: redes locais e movimentos sociais em Fortaleza, Ceará. Boletim Geográfico, vol.40, Brasil. março. 2020.
- MACHADO, Eduardo Gomes. Desafios da intervenção acadêmica no planejamento urbano: diálogos sociológicos com a educação popular em Paulo Ferreira Rezende de Oliveira; Larissa Oliveira e Gabarra; Leandro de Proença Lopes. (Org.). Construindo pontes: Paulo Freire entre saberes, projeto de pesquisa. Fortaleza: EDUECE, 2018, v. 1, p. 77-100.
- MACHADO, Eduardo Gomes; FREITAS, Maria Valdelia Carlos Chagas de; MARTINS, Laudiano da Silva; FAUSTINO, Anna Erika Rocha. Observação participante e pesquisa-ação no Grande Bom Jardim. In: Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas / Gerânide Ribeiro Oliveira (orgs). Fortaleza: Imprece, p. 383-405, 2018.
- MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. Educação e sociedade, Campinas, vol. 27, jan. abril. 2006.
- MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais. Lua Nova, n. 17, São paulo, julho, 1998.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely de. Diga ao povo que avance. Movimento indígena no Nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangar

SITUAÇÃO dos povos indígenas do Ceará: movimento indígena do Ceará. Org: ADELCO, expressão gráfica e editora, Fortaleza, 2019.
 SOUZA, Celina Políticas Públicas: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, no 16, , p. 20-45, julho-dezembro. 2006.
 THIOLLENT, M. J. M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.
 TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

MEMBROS DO PROJETO

CPF	Nome	Categoria	CH Dedicada	Func
-----	------	-----------	-------------	------

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DDD

Atividade	2023				2024					
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
CONSOLIDAÇÃO DA EQUIPE E DO REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA										
CONSTRUÇÃO PRELIMINAR DAS DIMENSÕES E COMPONENTES DO INVENTÁRIO										
IDENTIFICAÇÃO, COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE TRABALHOS CIENTÍFICOS E DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS										
1º REUNIÃO PARTICIPATIVA										
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS EM PERFIS E HASHTAGS DAS REDES SOCIAIS E EM SITES DE ENTIDADES E INSTÂNCIAS										
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E ANÁLISE DE DOCUMENTOS										
PREPARAÇÃO PRÉVIA, ACOMPANHAMENTO E OBSERVAÇÃO DE EVENTOS E ATIVIDADES										
IDENTIFICAÇÃO DE CARTOGRAMAS E MAPAS RELEVANTES JÁ EXISTENTES										
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DA OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL										
CONSOLIDAÇÃO DE MAPAS E CARTOGRAMAS										
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS										
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL										
2º REUNIÃO PARTICIPATIVA										
PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS E/OU RODAS DE CONVERSA										
SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS										
PRODUÇÃO TEXTUAL E CARTOGRÁFICA										
PRODUÇÃO IMAGÉTICA										
3º REUNIÃO PARTICIPATIVA (CULMINÂNCIA DO PROJETO)										

PLANOS DE TRABALHO

Título	Tipo da Bolsa
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 3	2023-01 Pibic-Unilab-Af (IC)
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 1	2023-01 Pibic-CNPq-Af
Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará - PLANO DE TRABALHO 2	2023-01 BICT-Funcap

AVALIAÇÕES DO PROJETO

Situação/Parecer	Data da Avaliação
HISTÓRICO DO PROJETO	
Data	Situação
24/03/2023 06:47	SUBMETIDO
03/04/2023 16:43	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)
03/04/2023 16:44	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)
30/11/2023 10:05	EM EXECUÇÃO
Usuário	
	EDUARDO GOMES MACHADO (<i>eduardom.</i>)
	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
	RENATO FARIAS DE PAIVA (<i>renatopaiva</i>)

Portal do Docente

PORTAL DO DOCENTE > PROJETO DE PESQUISA**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Código:** PVH1945-2023**Título:** Cozinhas comunitárias como tecnologias sociais: uma análise a partir do Grande Bom Jardim, Fortaleza,**Tipo:** INTERNO (Projeto Novo)**Categoria:** Iniciação Científica e Tecnológica**Situação:** EM EXECUÇÃO**Unidade:** INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (10.17)**Centro:** INSTITUTO DE HUMANIDADES (10.00.07)**Palavra-Chave:** cozinhas comunitárias; tecnologias sociais; inovações; fome.**E-mail:** eduardomachado@unilab.edu.br**Edital:** Edital Proppg 02/2023 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica - PIBITI**Cota:** 2023-02 Pibiti-CNPq (01/09/2023 a 31/08/2024)**Arquivo do Projeto:** [Visualizar arquivo](#)**Arquivo do Projeto (complemento):** [Sem Arquivo complementar do Projeto](#)**ÁREA DE CONHECIMENTO****Grande Área:** Ciências Humanas**Área:** Sociologia**Subárea:** Sociologia Urbana**Especialidade:****GRUPO E LINHA DE PESQUISA****Grupo de Pesquisa:** Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares (3572060993465610)**CORPO DO PROJETO****Resumo**

Analisaremos a hipótese das cozinhas comunitárias serem tecnologias sociais inovadoras e socialmente relevantes ao enfrentamento da questão da fome, junto à populações e territórios que vivenciam vulnerabilidade extrema. Pretende-se discutir as características, potencialidades, limites, inscritas nesses equipamentos, a partir do caso das cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim (GBJ). Além de ser marcado por violências e vi extremas, precariedade urbana e vulnerabilidade social, o GBJ detém um movimento popular-comunitário politicamente ativo e reconhecido por dialogar com o Estado e afetar as políticas públicas na cidade. Nesse sentido, cabe destacar a presença desde 2015 no território, do Grupo de Extensão que realizará esta análise, facilitando os trabalhos. Também cabe indicar que o Grupo foi um dos agentes que elaborou o Mapa Participativo de Enfrentamento da Fome no Grande Bom Jardim, experiência nacionalmente premiada. O Mapa Participativo identificou 20 cozinhas comunitárias no território, atuando em 62 atendendo mais de 13 mil pessoas. Em fevereiro de 2023, o governo do estado do Ceará aprovou a política Ceará sem fome, reconhecendo as cozinhas comunitárias como equipamento significativo e integrando-as às ações institucionais. A investigação será efetuada em diálogo com tradições teórico-empíricas, movimentos sociais, do ciclo de políticas públicas, das tecnologias e inovações. Serão realizadas a observação direta de situações cotidianas e de movimentos políticos; a análise de documentos e materiais jornalísticos; entrevistas semiestruturadas e grupos focais; análise de perfis e hashtags em redes sociais.

Introdução/Justificativa**(incluindo os benefícios esperados no processo ensino-aprendizagem e o retorno para os cursos e para os professores da instituição em geral)**

Em 2014, o relatório "The State of Food Insecurity in the World" da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), per federal brasileiro afirmar que o país havia saído do Mapa da Fome no mundo, a partir de um conjunto de estratégias integradas e complementares relevantes. Quatro anos depois, porém, em 2018, o país voltou ao Mapa da Fome, na confluência da pandemia da Covid-19, de uma crise econômica, inflação e pelo desemprego e de uma crise política marcada pelo autoritarismo e pelo desmonte de orçamentos, sistemas, programas e políticas públicas. Os dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (VIGISAN) revelam que o Brasil passou de 15 milhões de pessoas com fome ao final de 2020, para 33,1 milhões de pessoas em maio de 2022 (<2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e SAN (pesquisassan.net.br)>). Mais do que isso, 125 milhões de brasileiros vivem em situação de insegurança alimentar, ou seja, mais da metade da população do país convive com insegurança alimentar entre leve a grave" sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e SAN (pesquisassan.net.br). Esta pesquisa discutirá a hipótese das cozinhas comunitárias serem tecnologias sociais inovadoras, potentes e relevantes, a partir do caso do Grande Bom Jardim, Ceará.

O Grande Bom Jardim é um território composto pelos bairros Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira, marcado por violações de direitos, extrema precariedade urbana e vulnerabilidade social, com população estimada em mais de 225 mil habitantes. Considerando Fortaleza, todos os bairros do GBJ estão situados no ranking dos piores IDH-B (Índice de Desenvolvimento Humano - Bairros) da cidade: Bom Jardim (0,14), Granja Lisboa (0,17), Granja Portugal (0,19), Siqueira (0,15) (Anuário do Ceará 2019-2020). Para comparação, os cinco bairros da cidade, situam-se entre 0,95 (Meireles) e 0,77 (Guararapes) (<documentById (fortaleza.ce.gov.br)>).

Ao mesmo tempo, o GBJ é reconhecido por intensa organização e atuação política da sociedade civil local. Evidenciando uma potente prática política, cabe falar na existência de um movimento popular-comunitário do Grande Bom Jardim (MACHADO e PEREIRA, 2020; MACHADO ET ALL, 2020) onde se destacam as seguintes características:

- A capacidade de a sociedade civil local agregar múltiplos agentes – associações comunitárias, grupos religiosos, coletivos culturais, coletivos juvenis, sociedade civil, fóruns, dentre outros –, atuando conjuntamente e buscando a afirmação da justiça socioespacial, o acesso, garantia e usufruto de alternativas ao desenvolvimento para o Grande Bom Jardim;
- O fortalecimento continuado de ações conjuntas envolvendo a sociedade civil local e as universidades, valorizando processos educacionais e gerando análises que fundamentam a formação de decisões e as demandas, agendas e propostas políticas apresentadas aos órgãos e agentes públicos;
- O protagonismo ativo do movimento popular-comunitário local buscando relações diretas e continuadas entre a sociedade civil e a sociedade por cidadania e uma democracia alargada, participativa e intensa;
- A incorporação ativa da educação popular, das metodologias extensionistas e de pesquisa participativas e do geoprocessamento e da cartografia movimento popular-comunitário local, com destaque para o mapeamento participativo e a cartografia social;
- A lida cotidiana, sequencial e cumulativa com situações problemáticas graves e complexas, construindo e propondo/demandando respostas em ações e políticas públicas estruturais de média e longa duração.

O Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) compõe o movimento popular-comunitário local desde 1994. Também cabe destacar a Rede Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS do GBJ), instituída em 2003, configurando-se enquanto um movimento em red 30 componentes, incluídas organizações da sociedade civil, coletivos culturais e de juventudes, fóruns, associações comunitárias e grupos religiosos (MACHADO e FAUSTINO, 2018). A Rede DLIS do GBJ promove a agregação de forças locais em torno de estratégias de atuação e de demandas e Nesse contexto de agravamento da fome, entre 2021 e 2022 emergiram e/ou se consolidaram 20 cozinhas comunitárias no GBJ, produzindo e atendendo mais de 13 mil pessoas em 62 áreas/comunidades.

Considerando todas essas questões, o CDVHS concebeu no primeiro semestre de 2022, em parceria com grupos acadêmicos de extensão e pesquisa a elaboração do Mapa Participativo de Enfrentamento à Fome no Grande Bom Jardim (MACHADO et al, 2022), buscando: (1) elaborar um estudo que diretos georreferenciados sobre a gravidade territorial; (2) promover o engajamento cívico das cozinhas comunitárias, de lideranças e de coletivo comunidades com extremas vulnerabilidades; (3) fundamentar proposições de políticas públicas para o enfrentamento à fome e o fortalecimento Comunitárias, em interlocução com o poder público.

A proximidade cotidiana com as cozinhas, a partir do Mapa Participativo de Enfrentamento à Fome do Grande Bom Jardim, permitiu gerar a hipótese que as cozinhas comunitárias fazem bem mais do que produzir e/ou distribuir refeições. São equipamentos que podem assumir o caráter de tecnologia relevante ao enfrentamento da fome, lidando com múltiplas dimensões da questão social vivenciadas por populações vulnerabilizadas em território podem ser incorporados às políticas públicas de enfrentamento à fome, como foi o caso da política Ceará sem fome do estado do Ceará.

Considerando essas questões, esta pesquisa investigará essa hipótese teórico-empírica, em diálogo com a literatura sobre movimentos sociais (COSTA, 2009), ciclo de políticas públicas (CARLOS & DOWBOR & ALBUQUERQUE, 2021; MAINARDES, 2006; SOUZA, 2006), tecnologias sociais e inovações, potencialidades, limitações, desafios e contradições que atravessam e constituem esses equipamentos. Trata-se, portanto, de uma investigação de enfrentamento de um dos mais graves problemas sociais vivenciados pelo país no atual contexto, e, mais do que isso, em diálogo com as políticas de enfrentamento à fome.

Assim, essa pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, pela gravidade da fome no Brasil e particularmente no Ceará, e pela relevância das cozinhas seu enfrentamento junto aos territórios e populações mais vulneráveis. Em segundo lugar, cabe destacar a importância de analisar a articulação e organização e atuação política da sociedade civil e as políticas públicas concretas. Em terceiro lugar, é relevante discutir as tecnologias e as inovações

características, potencialidades, limitações, desafios e contradições, o que abre espaço para discutir as relações entre a Universidade e a sociedade. Espera-se que os estudantes que participaram diretamente da pesquisa tenham contato com autores, teorias, conceitos e metodologias científicas: com a processualidade de uma pesquisa científica, com todos os desafios e aprendizagens que isso carrega. Importante destacar que a pesquisa é de extensão e pesquisa que já detém expertise acerca dos movimentos sociais, através de diversos projetos de extensão, pesquisa, inovação e de tecnológico.

Considerando as questões epistemológicas, teóricas, metodológicas e empíricas que compõem a pesquisa, entende-se que ela será academicamente positivamente docentes e discentes de graduação e/ou pós-graduação diretamente vinculados ao projeto. Mas também discentes e docentes de Universidade, cabendo destacar cursos como Bacharelado em Humanidades, Sociologia, Administração Pública e Serviço Social.

Também cabe destacar a articulação com o ensino, particularmente através das disciplinas de movimentos sociais presentes no currículo de alguma extensão, considerando-se o projeto de extensão do Grupo de Extensão e Pesquisa que abriga esta proposta.

Por fim, cabe destacar a articulação com gestores públicos e parlamentares e com a sociedade civil, buscando discutir como a sociedade civil participa do ciclo de políticas públicas, inclusive concepção, formulação, execução, gestão e avaliação.

Objetivos

GERAL

• Analisar as cozinhas comunitárias enquanto tecnologias sociais relevantes ao enfrentamento de múltiplas dimensões da questão social, e partir do caso do Grande Bom Jardim, Fortaleza, Ceará.

ESPECÍFICOS.

- Consolidar um referencial teórico que permita discutir as cozinhas comunitárias enquanto tecnologias sociais inovadoras.
- Analisar o Mapa Participativo de Enfrentamento à Fome do Grande Bom Jardim e o planejamento estratégico participativo da Rede de Cozinhas Bom Jardim.
- Acompanhar a Comissão de Saúde e Enfrentamento à Fome, instância da Rede DLIS do Grande Bom Jardim, e a Rede de Cozinhas Comunitária Jardim, observando processos, dinâmicas e situações cotidianas.
- Identificar potenciais articulações e/ou efeitos da atuação político-técnica das cozinhas comunitárias e parceiros na concepção, formulação, implementação política pública de enfrentamento à fome no estado do Ceará.

Metodologia

As tecnologias sociais são entendidas enquanto complexos ou dispositivos que integram ideias, objetos, processos e sistemas, geradas por agentes locais/enfrentar situações problemáticas (CEFAI, 2009, 2017a, 2017b) cotidianamente vivenciadas (PAIS, 2015), sendo geradas, incorporadas e organizadas espacialmente específicas, e detendo, portanto, caráter e/ou funcionalidades sociais. Já a inovação é entendida enquanto um processo social que territorialmente, resultando "de processos interativos de aprendizagem coletiva", reconstituindo territorialidades e tecnologias, agregando dinâmicas formais, não formais e informais, bem como saberes tácitos e codificados (GOHN, 2010; FERRÃO, 2002),

A hipótese com a qual trabalhamos é a de que o movimento popular-comunitário constitui tecnologias sociais e políticas de médio teor inovativas, custo, passíveis de aplicação e replicação e que carregam impactos e implicações relevantes à inclusão social e à melhoria das condições de vida em urbano local (CAPES, 2019, p. 36).

Porém, essas tecnologias sociais inovadoras e relevantes, geradas nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, são amplamente desconsideradas formuladores oficiais e hegemônicos de políticas públicas. Assim, cabe perguntar quais agentes constituem essas tecnologias sociais inovadoras e condições fundamentam, possibilitam e estimulam a constituição, a aplicação e a reprodução dessas tecnologias? Quais as características e como dessas tecnologias sociais para sistemas e políticas públicas? Discutem-se essas questões a partir do caso das cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim que ali ocorre a gênese, a reprodução e o desenvolvimento de institucionalidades e inteligências coletivas que afetam decisões políticas e políticas cidadinas/locais, quiçá, promovendo cidades mais sustentáveis, democráticas, justas e inteligentes.

Em 2019, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) destacou a importância do país fortalecer dinâmicas colaborativas articulando agentes acadêmicos e não acadêmicos, buscando soluções inovadoras e transformadoras (CAPES, 2019, p. 22) e com potencial de uso "solução de problemas" sociais (CAPES, 2019, p. 36), promovendo a "inclusão social e melhoria das condições de vida" e gerando "uma transformação evidente", voltada "para a coletividade" (CAPES, 2019, p. 36). Nessa mesma linha, em 2020 o Diagnóstico das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Artes (CHSSALLA) no Brasil (MCTIC, 2020a) enfatizou a ciência, a tecnologia e a inovação como "um importante elemento para a conquista da cidadania democrática da vida social, para a segurança individual e coletiva dos cidadãos e para a elevação da qualidade de vida", entendendo que "Mobilização coletiva dos brasileiros para resolver problemas sociais é um desafio permanente" (MCTI, 2020, p. 192).

Entendemos que essas tecnologias sociais, integram "conhecimentos científicos, técnicas e expertises", usando-os para criar - em uma dinâmica participativa - soluções inovadoras e transformadoras (CAPES, 2019, p. 22) para enfrentar situações problemáticas concretas vivenciadas. Configuram institucionalidades, disposições, espacialidades e temporalidades inovadoras e transformadoras, desenvolvidas e aplicadas "na interação com a população por ela", essas tecnologias atendem a "requisitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e replicabilidade" (CAPES, 2019, p. 36). E fazem "objeto tangível" com elevado grau de novidade, localmente, e com potencial de uso direto e continuado "na solução de problemas" e "na prestação de serviços visando o bem-estar social" (CAPES, 2019, p. 36).

A pesquisa trabalhará com a observação direta de situações cotidianas e de processos sociais e políticos; a análise de documentos e materiais jornalísticos estruturados e grupos focais; análise de perfis e hashtags em redes sociais.

Cabe indicar novamente a hipótese principal que guia esta pesquisa: a compreensão das cozinhas comunitárias enquanto tecnologias sociais de médio teor e particularmente à fome. Nesse sentido, tratar-se-ia de uma tecnologia social de baixo custo, passível de aplicação e replicação e que carregue implicações relevantes à inclusão social e à melhoria das condições de vida no território (CAPES, 2019, p. 36). Configurando, portanto, uma tecnologia social inovativa, com aplicações concretas e possibilidade de replicação para outros contextos sociais (CAPES, 2019, p. 37).

A viabilidade da pesquisa remete ao fato do grupo de extensão e pesquisa deter presença cotidiana continuada no Grande Bom Jardim, com participação no movimento popular-comunitário local desde pelo menos 2015, desenvolvendo projetos de extensão e pesquisa e efetuando um trabalho de articulação com a sociedade civil do território. Junto com entidades locais o Grupo efetuou o Mapa Participativo de Enfrentamento à Fome do Grande Bom Jardim e constituiu a Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim e do planejamento estratégico participativo dessa Rede. Essa imersão no território é importante para garantir a viabilidade e o caráter participativo da pesquisa (THIOLENT, 1986; TRIPP, 2005; FREIRE, 1981; PINEAU, 2006), em articulação com o Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim.

O caráter participativo do Projeto envolverá diálogo, articulação e parceria com o movimento popular-comunitário local, com apresentação do Projeto às autoridades, objetivos, metodologia, resultados esperados e metas; também apresentação dos dados sistematizados, das análises e dos resultados de consolidação e validação coletiva; por fim, apresentação final e divulgação pública dos resultados, na culminância do Projeto.

As principais atividades serão descritas a seguir, já com indicação de metas, e evidenciando articulação indissociável entre pesquisa, ensino e extensão:

- Participação em REUNIÕES DA REDE DLIS DO GRANDE BOM JARDIM, particularmente em reuniões mensais e em reuniões da Comissão de Saúde e Fome, instância criada no Encontro Anual em março de 2023, e na comissão de articulação e gestão da Rede;
- REUNIÕES COM A REDE DE COZINHAS COMUNITÁRIAS DO GRANDE BOM JARDIM;
- TRÊS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS SEMIESTRUTURADAS, com a preparação prévia definindo quem serão os entrevistados, organizando a logística do roteiro.
- UM GRUPO FOCAL, direcionado para lideranças das cozinhas comunitárias, parceiros e aliados;
- A PRODUÇÃO IMAGÉTICA envolverá o registro fotográfico e em vídeo das atividades da pesquisa;
- ANÁLISE DE DOCUMENTOS, particularmente da política pública de enfrentamento à fome nacional e do estado do Ceará;
- DUAS PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS presenciais, sendo uma na UNILAB e outra no GBJ, em articulação com componentes curriculares MESTRADO EM EDUCAÇÃO;
- UMA PALESTRA ESPECÍFICA para discentes de Administração Pública e Serviço Social da UNILAB;
- REUNIÕES COM GESTORES PÚBLICOS E PARLAMENTARES, particularmente envolvidos em políticas públicas de enfrentamento à fome, para apoiar a pesquisa, em parceria com a REDE DLIS DO GBJ e com a Rede de Cozinhas Comunitárias do GBJ;
- Produziremos um RELATÓRIO PARCIAL, UM RELATÓRIO FINAL, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E UM ARTIGO CIENTÍFICO OU CAPÍTULO DE LIVRO. Esperamos como principais resultados da pesquisa: (1) uma compreensão crítica e a valorização de tecnologias sociais inovadoras produzidas por urbanas das metrópoles brasileiras; (2) uma contraposição científica e ético-política à estigmatização, preconceitos e discriminações que afetam territórios periféricos, entendidos somente como beneficiários de políticas públicas, e não como potenciais formuladores, executores, avaliadores e gestores democrático-participativa; (3) uma discussão pública sobre o que caracteriza as tecnologias e inovações sociais, e qual sua relevância, problematizando-as como tecnologias do âmbito das ciências exatas e naturais e/ou à dimensão econômica; (4) uma discussão teórico-empírica qualificada e das tradições analíticas dos movimentos sociais, do ciclo de políticas públicas e da compreensão de tecnologias sociais e inovações; (5) um entendimento das cozinhas comunitárias, validando ou não a hipótese central da pesquisa, indicando suas características, efeitos e implicações, potencialidades, limitações inclusive no âmbito de sua incorporação à políticas públicas.

Referências

- ALMEIDA, A. P. (Grande) Bom Jardim: Reterritorialização e Política de Representação à Luz da Nova Pragmática. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Relatório de Grupo de Trabalho-Produção Técnica. Brasília, 2019.
- CARLOS, Euzeneia. Contribuições da análise de redes sociais às teorias de movimentos sociais. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 19, n. 39, p. 153-161, 2021.
- CARLOS, Euzeneia; DOWBOR, Monika; ALBUQUERQUE, Maria do Carmo. Efeitos de movimentos sociais no ciclo de políticas públicas. Caderno CRH, 23, 2021.
- CEFAI, D. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. Dilemas: Revista de Estudos de Sociologia, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.
- CEFAI, D. Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 36, n. 140, p. 129-142, 2017b.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
MACHADO, Eduardo Gomes; GOMES, Iara Rafaela; ALMEIDA, Adriano Paulino; SILVA, Regina Balbino da; SILVA, Geysel Anne Souza da. Mapa Para Enfrentamento à Fome do Grande Bom Jardim – Relatório. Fortaleza: Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, 2022.
MACHADO, Eduardo Gomes; PEREIRA, Alexandre Queiroz. Periferias urbanas, redes locais e movimentos sociais em fortaleza, Ceará. Boletim Goi p. 1-27, 2020.
MACHADO, Eduardo Gomes; FREITAS, Maria Valdelia Carlos Chagas de; MARTINS, Laudiano da Silva; FAUSTINO, Anna Erika Rocha. Observação e popular e pesquisa-ação no Grande Bom Jardim. In: Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas / Geranilde Ribeiro Oliveira (orgs). Fortaleza: Imprece, p. 383-405, 2018.
MACHADO, Eduardo Gomes; FAUSTINO, A. E. R. Perfil da Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede Final de Pesquisa Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Redenção, 2018.
MAINARDES, Jefferson . Abordagem do ciclo de políticas : uma contribuição para a análise de políticas educacionais. Educação e sociedade, Camp 47-69, jan. abril. 2006.
MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais. Lua Nova, São Paulo, junho 1989, Nº 17.
PAIS, J. M. Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015.
PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Educação e Pesquisa, São Pe 343, maio/ago. 2006.
REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR (REDE PENSSAN). VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar e Pandemia da Covid-19 no Brasil. Rio de Janeiro: Rede Penssan, 2021. Disponível em: <http:// olheparaafome.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2021
SOUZA, Celina Políticas Públicas: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, no 16, , p. 20-45, julho-dezembro. 2006.
THIOLLENT, M. J. M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.
TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

MEMBROS DO PROJETO

CPF	Nome	Categoria	CH Dedicada	Func
-----	------	-----------	-------------	------

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DDD

Atividade	2023				2024				
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
CONSOLIDAÇÃO DA EQUIPE E DO REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA									
IDENTIFICAÇÃO, COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE TRABALHOS CIENTÍFICOS E DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS									
1º REUNIÃO PARTICIPATIVA									
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS EM PERFIS E HASHTAGS DAS REDES SOCIAIS E EM SITES DE ENTIDADES E INSTÂNCIAS									
IDENTIFICAÇÃO, COLETA E ANÁLISE DE DOCUMENTOS									
PREPARAÇÃO PRÉVIA, ACOMPANHAMENTO E OBSERVAÇÃO DE EVENTOS E ATIVIDADES									
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS									
PREPARAÇÃO PRÉVIA E REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL									
2º REUNIÃO PARTICIPATIVA									
PALESTRAS E/OU MESAS REDONDAS E/OU RODAS DE CONVERSA									
SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS									
PRODUÇÃO TEXTUAL									
PRODUÇÃO IMAGÉTICA									
3º REUNIÃO PARTICIPATIVA									

PLANOS DE TRABALHO

Título	Tipo da Bolsa
Cozinhas comunitárias como tecnologias sociais: uma análise a partir do Grande Bom Jardim, Fortaleza, Ceará - Plano de Trabalho 02	A DEFINIR
Cozinhas comunitárias como tecnologias sociais: uma análise a partir do Grande Bom Jardim, Fortaleza, Ceará - Plano de Trabalho 01	2023-02 Pibiti-CNP (IT)

AVALIAÇÕES DO PROJETO

Situação/Parecer	Data da Avaliação
HISTÓRICO DO PROJETO	
Data	Situação
24/03/2023 10:44	SUBMETIDO
03/04/2023 16:33	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)
10/04/2023 12:38	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)
18/05/2023 10:54	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)
30/11/2023 09:34	EM EXECUÇÃO
Usuário	
	EDUARDO GOMES MACHADO (<i>eduardom.</i>)
	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
	JOSERLENE LIMA PINHEIRO (<i>lenopinheir</i>)
	RENATO FARIAS DE PAIVA (<i>renatopaiva</i>)

Portal do Docente

ceacCOORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**PROEX**
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura**UNILAB**
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO AMPLA CONCORRÊNCIA**

Título	Coordenador	Resultado
A territorialização na saúde: o uso da ferramenta por profissionais de saúde para conhecer o perfil epidemiológico das famílias no território	ANDREA GOMES LINARD	Uma bolsa
Ações educativas sobre os cuidados com a saúde sexual e prevenção ao uso de álcool e outras drogas para adolescentes	MARIANNA CARVALHO E SOUZA LEÃO CAVALCANTI	Uma bolsa
ADOLESCER e Saúde Mental: promovendo a cultura de paz, cidadania e direitos humanos.	EYSLER GONÇALVES MAIA BRASIL	Uma bolsa
Alimentação saudável e ciência e tecnologia dos alimentos no âmbito escolar: Intervenções educativas	THAYANE RABELO BRAGA FARIAS	Uma bolsa
Amazonas do Recôncavo: culturas equestres populares, comunidades rurais e relações de gênero no Recôncavo da Bahia - IIª edição	CATERINA ALESSANDRA REA	Uma bolsa
Arquivo da UNILAB como instrumento de preservação da Memória Institucional	FRANCISCO SAVIO DA SILVA	Uma bolsa
Arquivo, memória e patrimônio: o tratamento da documentação do Centro de Convivência Antônio Diogo	FERNANDA APARECIDA DOMINGOS PINHEIRO	Uma bolsa
Atividades educativas com crianças do ensino infantil sobre hábitos alimentares saudáveis em uma escola municipal de Redenção - CE.	JAMILE MAGALHÃES FERREIRA	Uma bolsa
CAPACITAÇÃO EM PRODUÇÃO ALIMENTÍCIA NOS PAÍSES AFRICANOS DA CPLP	MARINA CABRAL REBOUÇAS	Uma bolsa
CAPAES : Capacitação de Estudantes Sobre o Uso Racional da Água: Educação Ambiental em Escolas Públicas (Ano 3)	KARINE CRISTIANE DE OLIVEIRA SOUZA	Uma bolsa
CIÊNCIA NA SERRA: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA ATRAVÉS DE EXPOSIÇÕES ITINERANTES NO MACIÇO DE BATURITÉ	JOBER FERNANDO SOBCZAK	Uma bolsa
Cine Brasil-África: Identidades e Questões Sócio-políticas	TACILLA DA COSTA E SÁ SIQUEIRA SANTOS	Uma bolsa
CLUBE DAS MÃES DA UNILAB	HILANA DAYANA DODOU	Uma bolsa
Conhecendo os alimentos: atividades coletivas educativas destinadas à promoção de boas práticas alimentares aplicadas nas escolas da região do Maciço do Baturité	MÁRCIA BARBOSA DE SOUSA	Uma bolsa

ceacCOORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**PROEX**
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura**UNILAB**
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO AMPLA CONCORRÊNCIA**

Título	Coordenador	Resultado
Construção de cartilha de orientação do fluxo da rede de atenção às urgências e emergências a usuários do sistema único de saúde	JOSE CARLOS RODRIGUES NASCIMENTO	Uma bolsa
CONTROLE NATURAL DE PRAGAS AGRÍCOLAS: ALIMENTO SAUDÁVEL E CAMPO LIMPO	JOÃO GUTEMBERG LEITE MORAES	Uma bolsa
CURSINHO POPULAR MACAÉ EVARISTO: INCLUSÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À UNIVERSIDADE PÚBLICA	LEANDRO DE PROENÇA LOPES	Uma bolsa
Curso de Extensão em Relações Internacionais: Decifrando documentos globais	CINTHIA REGINA CAMPOS RICARDO DA SILVA	Uma bolsa
Descobrimo Pequenos Cientistas: Divulgação de ciências para o público infanto-juvenil na Região do Maciço de Baturité	MÔNICA REGINA SILVA DE ARAUJO	Uma bolsa
Descomplicando o uso de medicamentos para idosos no município de Redenção-CE e no Centro de Atenção Integrado de Saúde (CAIS) da UNILAB	MARCELO VITOR DE PAIVA AMORIM	Uma bolsa
DESENVOLVIMENTO DE MÍDIAS SOCIAIS PARA SEREM UTILIZADAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO EM VIROLOGIA - Viruses Animated Learning (VirAL)	LARISSA DEADAME DE FIGUEIREDO NICOLETE	Uma bolsa
DESENVOLVIMENTO DO MERCADO DE CESTAS SUSTENTÁVEIS: AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR DE MÃOS DADAS	JANAINA MARIA MARTINS VIEIRA	Uma bolsa
Diálogos sociais	SAMIA NAGIB MALUF	Uma bolsa
Diálogos urbanos, democracia e movimentos sociais (nona edição)	EDUARDO GOMES MACHADO	Uma bolsa
DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE VEÍCULOS ELÉTRICOS E MECÂNICA AUTOMOTIVA, PARA APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL E INICIATIVAS EMPREENDEDORAS DE INOVAÇÃO.	SERGIO SERVILHA DE OLIVEIRA	Uma bolsa
Divulga Unilab: estratégia de divulgação de cursos de graduação da Unilab para a comunidade	ANDRESSA SUELLY SATURNINO DE OLIVEIRA	Uma bolsa
DO CAMPUS PARA O CAMPO: IMPLEMENTAÇÃO DE UM CENTRO DE REFERÊNCIA NA CRIAÇÃO DE ABELHAS DO MACIÇO DE BATURITÉ	MARCELO CASIMIRO CAVALCANTE	Uma bolsa

ceacCOORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**PROEX**
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura**UNILAB**
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO AMPLA CONCORRÊNCIA**

Título	Coordenador	Resultado
Doenças Tropicais Negligenciadas e cavidade oral: do diagnóstico da realidade à promoção da saúde na Atenção Primária e nos diferentes níveis educacionais	ANA CAROLINE ROCHA DE MELO LEITE	Uma bolsa
EDUCAÇÃO EM SAÚDE VOLTADA PARA O USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS EM CRIANÇAS: EMPODERANDO PAIS E RESPONSÁVEIS	ALINE SANTOS MONTE	Uma bolsa
EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE JUNTO A PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: SEGURANÇA DO PACIENTE NA PRÁTICA TRANSFUSIONAL	STELLA MAIA BARBOSA	Uma bolsa
ENFERMAGEM NA MELHOR IDADE: CUIDANDO DA MULHER IDOSA	ALANA SANTOS MONTE	Uma bolsa
Fisiologia Humana na escola: aprendendo de forma lúdica como o corpo humano funciona	DANIEL FREIRE DE SOUSA	Uma bolsa
Fontes alternativas de energia e sustentabilidade na região do Maciço de Baturité (CE): briquetagem e resíduos sólidos	ADA AMELIA SANDERS LOPES	Uma bolsa
FORBIO - Formação de Professores para o Ensino de Ciências e Biologia: Um olhar para a Educação Inclusiva.	VIVIANE PINHO DE OLIVEIRA	Uma bolsa
GRUPO AMAR: Aplicação das Práticas Integrativas Complementares como método terapêutico na promoção da saúde física e mental da comunidade acadêmica, estudantes do ensino médio e usuários de CAPS.	CAROLINA MARIA DE LIMA CARVALHO	Uma bolsa
Implantação do Horto de Plantas Medicinais na UNILAB	YARA SANTIAGO DE OLIVEIRA	Uma bolsa
Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários IEES-Malês	IVETTE TATIANA CASTILLA CARRASCAL	Uma bolsa
Inter-ações pedagógicas entre ensino e formação docente	ELISANGELA ANDRE DA SILVA COSTA	Uma bolsa
Interculturalidades no Recôncavo, conectando saberes	NORBERTO GERALDO LIMA MAGALHÃES	Uma bolsa
Liga acadêmica voltada ao estudo da herpetologia e popularização dos répteis e anfíbios no Maciço de Baturité (Herpetofauna do Campus Auroras da UNILAB)	ROBERTH FAGUNDES DE SOUZA	Uma bolsa
Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos	OTAVIA MARQUES DE FARIAS	Uma bolsa

ceacCOORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**PROEX**
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura**UNILAB**
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO AMPLA CONCORRÊNCIA**

Título	Coordenador	Resultado
Matemática na Rede	AMANDA ANGELICA FELTRIN NUNES	Uma bolsa
MEMÓRIAS DA PELE: DESCONSTRUINDO O ESTIGMA DA HANSENÍASE EM ESCOLAS PÚBLICAS DOS MUNICÍPIOS DE REDENÇÃO E ACARAPE.	LUANNE EUGENIA NUNES	Uma bolsa
MUHVI - Museu histórico virtual: sub-projeto de pesquisa, construção de acervo e curadoria	ALINE CRISTINA DE OLIVEIRA ABBONIZIO	Uma bolsa
Podmundo - Política Internacional Descomplicada: interiorização e internacionalização nas RI	ISABELLA ALVES LAMAS	Uma bolsa
Práticas agroecológicas na infância: educação ambiental para desenvolvimento de uma sociedade sustentável	MARIA IVANILDA DE AGUIAR	Uma bolsa
Processos de Redenção e região no Arquivo Público do Estado do Ceará: descrição e digitalização de um patrimônio histórico	RAFAEL DA CUNHA SCHEFFER	Uma bolsa
Promoção da saúde cardiovascular no Centro de Atenção Integral à Saúde CAIS	GILVAN FERREIRA FELIPE	Uma bolsa
Promoção e aprimoramento do ensino em histologia humana: revisão do laminário da UNILAB e divulgação do conhecimento nas mídias sociais	REBECA MAGALHÃES PEDROSA ROCHA	Uma bolsa
Protagonismos Juvenil: direito e democracia	ROQUE DO NASCIMENTO ALBUQUERQUE	Uma bolsa
Quimiocast: O uso de podcasts como uma abordagem de ensino complementar para estudantes universitários na interface entre a Química e a Biologia.	JAMERSON FERREIRA DE OLIVEIRA	Uma bolsa
Rede Emancipa Malês: cursinho popular da UNILAB	SABRINA RODRIGUES GARCIA BALSALOBRE	Uma bolsa
Revitalizando ambientes destinados à Prática Experimental: Uma parceria Universidade □ Escola para auxiliar na construção da Educação em Ciências no Maciço de Baturité.	EVELINE DE ABREU MENEZES	Uma bolsa
Saúde e equilíbrio: o uso das Terapias comunitárias, integrativas e complementares em Saúde - Atualizado e correto	JAIRO DOMINGOS DE MORAIS	Uma bolsa



COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

PROEX
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura



UNILAB
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO AMPLA CONCORRÊNCIA**

Título	Coordenador	Resultado
SAÚDE EM DIA: ESTRATÉGIA DE BUSCA ATIVA DE MULHERES COM O EXAME PAPANICOLAU EM ATRASO	LEILANE BARBOSA DE SOUSA	Uma bolsa
SEGURANÇA DO PACIENTE NA ESCOLA: EDUCANDO ADOLESCENTES POR MEIO DA REALIDADE AUMENTADA	PATRICIA FREIRE DE VASCONCELOS	Uma bolsa
Semear alimentos e ideias: colher saúde e desenvolvimento	DANIELA QUEIROZ ZULIANI	Uma bolsa
Tornando a teoria em prática: A Microscopia Óptica e a Experimentação Laboratorial como Ferramentas de Ensino das Ciências na Rede Pública de Educação de Nível Médio e Superior.	JULIANA JALES DE HOLLANDA CELESTINO	Uma bolsa
TRANS*FORMANDO	LUMA NOGUEIRA DE ANDRADE	Uma bolsa
Trilhando pela educação em solos - trilhas ecológicas e perfis didáticos como instrumentos de ensino aprendizagem.	SUSANA CHURKA BLUM	Uma bolsa
TV Malês	MIRIAN SUMICA CARNEIRO REIS	Uma bolsa
Um tesouro chamado Nordeste: a arte do saber popular - da criação ao espetáculo	ANTONIO MARCOS DE SOUSA SILVA	Uma bolsa
Unilab Student Chapter	CICERO SARAIVA SOBRINHO	Uma bolsa
Valorizando Diferenças: língua árabe, afro-muçulmanos e culturas africanas no Campus dos Malês e Recôncavo Baiano	FANNY LONGA ROMERO	Uma bolsa
AÇÕES DE EXTENSÃO SOBRE A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: CAPACITANDO AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE	CAMILA CHAVES DA COSTA	NÃO APROVADO
ATELIÊ DE ANTROPOLOGIA VIVA: experimentando rituais, arte e conhecimento em comunidade	CARLA SUSANA ALEM ABRANTES	NÃO APROVADO
Cidadania e Interculturalidade Lusófona no Maciço de Baturité, Ceará, Brasil	DAVID FERREIRA LIMA	NÃO APROVADO
Editoração da Revista Científica Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas Línguas Africanas e Brasileiras: o editor de layout (diagramador) e o leitor	ALEXANDRE ANTONIO TIMBANE	NÃO APROVADO

ceac

COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

PROEX
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura



UNILAB
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO AMPLA CONCORRÊNCIA**

Título	Coordenador	Resultado
HISTÓRIA, LITERATURAS E CULTURAS AFRICANAS NO ENSINO MÉDIO	LUIS TOMAS DOMINGOS	NÃO APROVADO
Laboratório Virtual de Formação Continuada (LABORVIR)	MARA RITA DUARTE DE OLIVEIRA BERRAOUI	NÃO APROVADO
Popularização das formas farmacêuticas inovadoras: Nanotecnologia e Saúde	RAQUEL PETRILLI ELOY	NÃO APROVADO
Uso da energia solar térmica: divulgação e ensino de construção fogão solar caseiro para o cozimento de alimentos.	CARLOS ALBERTO CACERES COAQUIRA	NÃO APROVADO

ceacCOORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**PROEX**
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura**UNILAB**
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO LÍNGUAS E COMUNICAÇÃO**

Título	Coordenador	Resultado
Espanhol Língua e Cultura	GISLENE LIMA CARVALHO	Uma bolsa
Laboratório de letramentos e escrita acadêmica - Malês (LEA - Malês)	LAVÍNIA RODRIGUES DE JESUS	Uma bolsa
Formação e Ensino em Português como Língua Adicional	KALINE ARAUJO MENDES DE SOUZA	Uma bolsa
English-Extra	GIANA TARGANSKI STEFFEN	Uma bolsa
CONVERSATION SOCIETY - Conversação em Língua Inglesa	ANA CRISTINA CUNHA DA SILVA	Uma bolsa

ceacCOORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**PROEX**
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura**UNILAB**
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO ARTE E CULTURA**

Título	Coordenador	Resultado
DANÇA TRADICIONAIS AFRICANAS: RITMO DA DIVERSIDADE CULTURAL	ARTEMISA ODILA CANDE MONTEIRO	Uma bolsa
GIMU: Grupo de Integração Musical da UNILAB	ANA CLAUDIA GOMES DE SOUZA	Uma bolsa
Gira das Yabás: corpos em movimentos	JULIANA GEÓRGIA GONÇALVES DE ARAÚJO	Uma bolsa
GRUPO CULTURAL TOQUES DA BANDA: APROXIMANDO PESSOAS ATRAVÉS DAS DANÇAS TRADICIONAIS DE ANGOLA, EM CONTEXTO CEARENSE.	JANAINA CAMPOS LOBO	Uma bolsa
Grupo de Teatro Afrisamé	MARIA AURINIVEA SOUSA DE ASSIS	Uma bolsa
GRUPO TABONGA MOZ	CLAUDIA RAMOS CARIOCA	Uma bolsa
KABAZ DI TERRA: DANÇAS E RITMOS TRADICIONAIS DA GUINÉ-BISSAU	LOURENÇO OCUNI CA	Uma bolsa
LATITUDES AFRICANAS: NÚCLEO ANCESTRAL DE ARTE, CULTURA E TECNOLOGIA 2024	BASILELE MALOMALO	Uma bolsa
Olhando a Unilab sob lentes	MARCIA ROBERTA FALCAO DE FARIAS	Uma bolsa
Pérolas do Índico: divulgando e preservando o patrimônio cultural imaterial moçambicano através da dança – 6ª Edição	CARLOS SUBUHANA	Uma bolsa
Projeto Filhos de Ngola Dança e Forma	ANTONIA SUELE DE SOUZA ALVES PEREIRA	Uma bolsa
Ubuntudance: a dança como conexão entre pessoas da comunidade unilabiana	CAROLINA MARIA COSTA BERNARDO	Uma bolsa
UNICULTURAS – UNIDOS PELA INTEGRAÇÃO	ROSALINA SEMEDO DE ANDRADE TAVARES	Uma bolsa
UNIFASHION: Arte, Moda, desfile e Cultura	CLEBIA MARDONIA FREITAS RABELO	Uma bolsa
UTOPIA MARGINAL NO CHÁ DA TARDE AS 4i20!	ITAMIR VIEIRA	Uma bolsa
VOZES D'ÁFRICA NA UNILAB: INTEGRAÇÃO CULTURAL E MUSICALIDADE DOS PALOPS.	VITOR ALENCAR DE MESQUITA	Uma bolsa

ceacCOORDENAÇÃO DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**PROEX**
Pró-Reitoria de
Extensão,
Arte e Cultura**UNILAB**
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE PROJETOS PARA O PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA – EDITAL N°01/2023
– PIBEAC 2024 - EIXO POLÍTICAS AFIRMATIVAS**

Título	Coordenador	Resultado
O Encontro de Saberes na UNILAB: promovendo diálogos entre a universidade e os saberes tradicionais e a inclusão dos seus mestres e mestras na educação superior	BRUNO GOULART MACHADO SILVA	Uma bolsa
Peer Mentoring: estratégia de apoio aos discentes lusófonos durante a vivência na universidade	LIVIA MOREIRA BARROS	Uma bolsa
Contando histórias nas línguas dos países da integração	ANA RITA DE CASSIA SANTOS BARBOSA	Uma bolsa
Ações Extensionistas junto aos/as alunos/as cotistas das Ações Afirmativas da Unilab	GERANILDE COSTA E SILVA	Uma bolsa
Visibilidade do trabalho das mulheres indígenas: Cadernetas agroecológicas e rodas de conversa com agricultoras indígenas do povo Tremembé da Barra do Mundaú de Itapipoca e do povo Kanindé de Aratuba	FERNANDA SCHNEIDER	Uma bolsa

VISUALIZAÇÃO DE PLANO DE TRABALHO

PLANO DE TRABALHO DE DISCENTE DE EXTENSÃO

Código:	PJ029-2023
Título da Ação:	Diálogos urbanos, direito à cidade e justiça social (oitava edição)
Orientador(a):	EDUARDO GOMES MACHADO
Discente:	2020108032 - MOISÉS TAVARES CÁ
Curso do Discente:	HUMANIDADES/IH
Tipo de Vínculo:	BOLSISTA INTERNO
Situação:	ATIVO

CORPO DO PLANO DE TRABALHO:

Período de execução:

02/01/2023 a 31/12/2023

Carga horária dedicada:

0

Objetivos:

- Apoiar cursos, minicursos e oficinas que possibilitem impactos positivos nas dinâmicas curriculares e nas trajetórias educacionais de docentes e discentes da educação superior e da educação básica;
- Apoiar Diálogos Urbanos no formato Mesa Redonda, Roda de Conversa e Seminário, com temas relevantes e de fundamental importância na atualidade;
- Apoiar eventos Dialogando, com temas variados e com convidados que tenham expertise nos temas abordados;
- Apoiar a atividade "Conhecendo a cidade", em parceria com agentes de Educação do estado e dos municípios de Redenção e Acarape, buscando aproximação entre universidade e Educação Básica;
- Apoiar Exposição Itinerante de Sketches Urbanos, como forma de valorização da arte e reconhecimento do espaço local.
- Participar da assessoria à Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (REDE DLIS do GBJ e à Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim;
- Apoiar a realização de encontros periódicos da equipe extensionista e de pesquisa para construção coletiva das atividades a serem desenvolvidas, gerando interfaces entre ensino, pesquisa e extensão.
- Apoiar política de comunicação social e divulgação científica do Grupo Diálogos.

Justificativa:

Este projeto articula a prestação de serviços, através de assessoria acadêmica à sociedade civil, minicursos, cursos, oficinas e eventos, abordando questões e temáticas socialmente relevantes. Promove processos e dinâmicas educacionais, agregando conteúdos curriculares e metodologias de ensino e aprendizagem teórico-práticas participativas e críticas, fomentando o protagonismo de agentes acadêmicos, da sociedade civil e política. Busca fomentar a democratização no exercício do poder e na formação das decisões políticas, no enfrentamento de violências e violações de direitos, potencializando a justiça social, o alargamento da democracia e a constituição de um Estado e uma sociedade democráticos. A assessoria acadêmica se mantém enquanto importante vetor de atuação, assim como as articulações entre patrimônio, memória e movimentos sociais, intensificando-se a articulação com a agenda do Grande Bom Jardim de geração de alternativas ao desenvolvimento local, integrado e sustentável, bem como a articulação com o direito à cidade. Serão realizadas diferentes atividades extensionistas. O projeto tem como referenciais teóricos a educação popular, a pesquisa-ação, a democracia participativa e deliberativa, a cartografia social e a sociologia pragmática, dentre outras. Para a sétima edição o intuito é permanecer com o entrelaçamento significativo, entre extensão, educação e pesquisa, reforçando interlocuções e parcerias internas e externas.

Descrição das Ações:

Assessoria acadêmica ao movimento popular-comunitário do Grande Bom Jardim
Curso Racismo estrutural e democracia: a busca pela superação do racismo na escola
Mesa Redonda - O movimento popular-comunitário e a Universidade enfrentando a Covid-19 e a Fome no Grande Bom Jardim
Mesa Redonda - A política de Notório Saber na Unilab: questões, desafios e potencialidades

Local de Trabalho do Discente:

UNILAB e Grande Bom Jardim, principalmente

Atividade	2023											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez

**APOIAR ATIVIDADES
DESENVOLVIDAS**

HISTÓRICO DE DISCENTES

Discente	Início	Fim	Vínculo	Situação
2020206454 - GEYSE ANNE SOUZA DA SILVA	01/04/2023	30/06/2023	BOLSISTA INTERNO	FINALIZADO
2020108032 - MOISÉS TAVARES CÁ	01/07/2023	31/12/2023	BOLSISTA INTERNO	ATIVO

EDUARDO GOMES MACHADO [Alterar vínculo](#)
 INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (10.17)

PORTAL DO DOCENTE > MEUS PROJETOS DE PESQUISA

-  : Visualizar Projeto de Pesquisa
  : Alterar Projeto de Pesquisa
  : Remover Projeto de Pesquisa
 : Finalizar Projeto de Pesquisa
  : Imprimir Projeto de Pesquisa
  : Gerar Pdf do Projeto
 de Pesquisa
 : Criar Comunidade Virtual com participantes do projeto
 : Executar Projeto
 : Vincular Novo Edital

PROJETOS DE PESQUISA DE QUE PARTICIPO

Código	Título/Coordenador	Tipo	Situação	
PROJETOS PASSÍVEIS DE ALTERAÇÃO				
	ESTUDANTES, DIREITOS E TERRITÓRIOS URBANOS NO MACIÇO DE BATURITÉ: uma experiência de territorialização e democratização na assistência estudantil da UNILAB	INT	CADASTRO EM ANDAMENTO	  
PROJETOS ENVIADOS				
2023				
PVH1938-2023	Inventário participativo de instâncias e entidades que compõem o movimento indígena no Ceará EDUARDO GOMES MACHADO	INT	EM EXECUÇÃO	    
PVH1945-2023	Cozinhas comunitárias como tecnologias sociais: uma análise a partir do Grande Bom Jardim, Fortaleza, Ceará EDUARDO GOMES MACHADO	INT	EM EXECUÇÃO	    
2021				
PVH1510-2021	Análise de uma experiência coletiva popular-comunitária de Enfrentamento à Covid-19 no Grande Bom Jardim, Fortaleza, Ceará EDUARDO GOMES MACHADO	INT	SUBMETIDO	   
PVH1511-2021	A roda de memória como uma tecnologia social inovadora: uma experiência participativa no Grande Bom Jardim EDUARDO GOMES MACHADO	INT	FINALIZADO	  
2020				
PVH1306-2020	Oficinas de cartografia social em pequenas cidades: uma experiência em Redenção e em Acarape EDUARDO GOMES MACHADO	INT	SUBMETIDO	   
PVH1312-2020	A roda de memória como uma tecnologia social inovadora: uma experiência participativa no Grande Bom Jardim EDUARDO GOMES MACHADO	INT	SUBMETIDO	   
PVH1327-2020	Ocupações urbanas e juventudes na periferia: o Rolezinho da Praça do Santa Cecília, no Grande Bom Jardim, Fortaleza EDUARDO GOMES MACHADO	INT	REPROVADO	  
2019				
PVH885-2019	Inventariando memórias de lideranças populares em periferias urbanas: uma experiência participativa no Grande Bom Jardim EDUARDO GOMES MACHADO	INT	FINALIZADO	  
PVH1047-2019	A Roda de Memória como uma tecnologia social inovadora EDUARDO GOMES MACHADO	INT	SUBMETIDO	   
PVH1060-2019	Ocupações criativas urbanas das juventudes na periferia de Fortaleza: questões teórico-empíricas EDUARDO GOMES MACHADO	INT	SUBMETIDO	   
2018				
PVH681-2018	ESTUDANTES, DIREITOS E TERRITÓRIOS URBANOS NO MACIÇO DE BATURITÉ: uma experiência de territorialização e democratização na assistência estudantil da UNILAB EDUARDO GOMES MACHADO	INT	FINALIZADO	  
2017				
PVH458-2017	Campo do planejamento urbano, democracia e formação das decisões em cidades no estado do Ceará (1997-2016) EDUARDO GOMES MACHADO	INT	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	  
2016				
PVH68-2016	CAMPO DO PLANEJAMENTO URBANO, DEMOCRACIA E FORMAÇÃO DAS DECISÕES EM CIDADES NO ESTADO DO CEARÁ (1997-2016) EDUARDO GOMES MACHADO	INT	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	  